ABITARE LA GROTTA

Un monastero di clausura nella Serra da Arrábida

Pasqualino Grosso

ABITARE LA GROTTA

Un monastero di clausura nella Serra da Arrábida

Pasqualino Grosso

Departamento de Arquitetura
Mestrado Integrado em Arquitetura
Universidade Autónoma de Lisboa
"Luís de Camões"

Dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Arquitetura

Orientador:
Professor Arquiteto Francisco Xavier Rocha de Aires Mateus
Professora Arquiteta Marta Sequeira Carneiro

Lisboa, 2021

Alla mia famiglia e alle persone incontrate lungo la strada.

Riassunto

Questo studio si svolge in uno dei più suggestivi paesaggi portoghesi, la Serra da Arrábida, situata sulla riva nord dell'estuario del fiume Sado, nel comune di Setúbal. Il suo territorio consiste in uno spazio naturale di singolare importanza, ma altrettanto ricco di monumenti derivanti dall'occupazione dell'uomo nel corso di migliaia di anni: le grotte. Dalla loro scoperta, questi spazi scavati hanno aggiunto al patrimonio della Serra da Arrábida una ricchezza ancestrale e una nuova dimensione. Un viaggio all'interno del mondo sotterraneo — alternato da luce e tenebre — ci riporta a mondi antichi. Finora siamo a conoscenza dei resti archeologici identificati in questo territorio grazie alla Carta Archeologica di Arrábida, elaborata dall'equipe della Facoltà di Belle Arti di Lisbona e dal comune di Setúbal. Tramite questa investigazione, si vuole aggiungere un'analisi architettonica a questo sito. L'obiettivo è comprendere come questi spazi — prime abitazioni dell'uomo — possano, sotto vari punti di vista, influenzare ed essere parte integrante dell'architettura contemporanea. Questo approccio, intende ampliare un tema tradizionalmente osservato da un punto di vista esclusivamente archeologico, portandolo nell'immaginario e nel discorso architettonico contemporaneo. La caverna è l'ideale primitivo dell'architettura scavata, dove l'egemonia dello spazio interno nasce dalla materializzazione di un limite. L'architettura delle caverne, corrispondente a una sorprendente libertà di modellazione dello spazio abitato, ottenuta attraverso la sottrazione di massa, riflette il concetto di stereotomia. Lo spessore massiccio che circonda la grotta — costituito da un unico materiale, presente nell'ambiente naturale — acquista dunque valore. Nell'architettura contemporanea, a sua volta, la stereotomia viene nuovamente esplorata, anche se in modo puramente concettuale. Questa ricerca nasce dallo studio della caverna, e ad essa ambisce a fare ritorno, assimilando alcune nozioni necessarie, al fine di immortalarle all'interno di questo luogo misterioso. Partendo da un concetto radicale di grotta, nasce l'idea di un monastero di clausura, immerso nel paesaggio montuoso e lussureggiante di Arrábida. Il progetto è concettualmente scolpito nella scogliera, in una posizione particolarmente estrema tra la costa e l'oceano. Oltre all'edificio principale, si propone la rioccupazione delle grotte del Deserto di Arrábida come eremi per il ritiro spirituale e individuale delle monache di clausura.
Come alle origini dell'Ordine Carmelitano, questa riflessione su un nuovo modello prende spunto dall'immagine del profeta Elia — quando si stabilì in una grotta, sul Monte Carmelo, per seguire una vita di preghiera e di silenzio — e assume la grotta come uno spazio radicale. Il tema della grotta viene dunque analizzato attraverso due punti fondamentali: la rioccupazione delle grotte esistenti come eremi e la grotta come ideale dell'architettura stereotomica. In conclusione il monastero assume il fascino di una città perduta, aspirando al senso spaziale di una caverna sacra.

Parole chiave: **Serra da Arrábida; Carmelitane Scalze; Stereotomia; Caverna.**

Resumo

Este estudo tem como base uma das mais evocativas paisagens portuguesas, a Serra da Arrábida, localizada na margem norte do estuário do rio Sado, no concelho de Setúbal. O seu território consiste num espaço natural de singular importância, mas igualmente rico em monumentos resultantes da ocupação humana ao longo de milhares de anos: as grutas. Desde a sua descoberta, estes espaços escavados têm vindo a acrescentar ao património desta serra uma riqueza ancestral e uma nova dimensão. Uma viagem a um mundo subterrâneo — alternando entre luz e escuridão — leva-nos de volta a tempos antigos. Temos vindo a ter conhecimento dos vestígios arqueológicos identificados neste território graças à Carta Arqueológica da Arrábida, elaborada pela equipa da Faculdade de Belas Artes de Lisboa e do município de Setúbal. Com esta investigação pretende-se agora acrescentar uma análise arquitectónica a este sítio. O objectivo é compreender como estas primeiras habitações do homem podem, sob vários pontos de vista, influenciar e ser parte integrante de uma arquitectura contemporânea. Esta abordagem pretende ampliar um tema tradicionalmente observado a partir do ponto de vista exclusivamente arqueológico, levando-o para o imaginário e o discurso arquitectónico contemporâneo. A caverna é o ideal primitivo da arquitectura escavada, onde a hegemonia do espaço interior nasce da materialização de um limite. A arquitectura das grutas, correspondendo a uma surpreendente liberdade de modelação do espaço habitado, obtido através da subtração de massa, reflete o conceito de estereotomia. A espessura maciça que envolve a caverna — constituída por um material único, presente no ambiente natural — adquire então valor. Na arquitectura contemporânea, por sua vez, a estereotomia volta a ser explorada, ainda que de um modo eminentemente conceptual. Esta investigação deriva então do estudo da gruta, e visa regressar a ela, assimilando algumas noções necessárias, a fim de as imortalizar no interior deste lugar misterioso. Partindo de um conceito radical de caverna, nasce a ideia de um mosteiro de clausura, imerso na paisagem montanhosa e luxuriante da Arrábida. O projecto está conceptualmente esculpido na falésia, num lugar particularmente extremo entre a costa e o oceano. A acrescer ao edifício principal, propõe-se a reocupação das grutas do Deserto da Arrábida como eremitérios para retiro espiritual e individual das freiras de clausura. Tal como na origem da Ordem dos Carmelitas, procura-se, através desta reflexão sobre um novo modelo, voltar à imagem do profeta Elias — quando este se estabeleceu numa gruta, em pleno Monte Carmelo, para seguir uma vida de oração e silêncio — e tomar a gruta como um espaço radical. O espaço da gruta é então analisado a partir de duas perspectivas fundamentais: a reocupação das cavernas existentes na como eremitérios e a caverna como ideal da arquitectura estereotómica. O mosteiro assume então o encanto de uma cidade perdida, aspirando ao sentido espacial de uma caverna sagrada.

Palavras-chave: **Serra da Arrábida; Carmelitas Descalças; Estereotomia; Gruta.**

Abstract

This study takes place in one of the most evocative Portuguese landscapes, the Serra da Arrábida, located on the north bank of the Sado river estuary, in the municipality of Setúbal. Its territory consists of a natural space of singular importance, but equally rich in monuments resulting from human occupation over thousands of years: the caves. Since their discovery, these excavated spaces have add an ancestral richness and a new dimension to the heritage of the Serra da Arrábida. A journey through the underground world — alternating between light and darkness — which takes us back to ancient worlds. So far we know about the archaeological remains identified in this territory with the Archaeological Map of Arrábida, elaborated by the team of the Faculty of Fine Arts of Lisbon and the municipality of Setúbal. Through this investigation, we want to add an architectural analysis to this site. The objective is to understand how these spaces — man's first dwellings — can, from various points of view, influence and be an integral part of contemporary architecture. This approach aims to broaden a theme traditionally observed from an exclusively archaeological point of view, bringing it into the contemporary architectural imagination and discourse. The cave is the primitive ideal of excavated architecture, where the hegemony of interior space arises from the materialisation of a limit. The architecture of the caves, corresponding to a surprising freedom in modelling inhabited space, obtained by the subtraction of mass, reflects the concept of stereotomy. The massive thickness that surrounds the cave — made of a single material, present in the natural environment — thus acquires value. In contemporary architecture, the stereotomy is still explored, even if in a purely conceptual way. This research stems from the study of the cave, and aims to return to it, assimilating certain necessary notions in order to immortalise them within this mysterious place. The idea for a secluded monastery, immersed in the mountainous and luxuriant landscape of Arrábida, originates from a radical concept of the cave. The project is conceptually carved into the cliff, in a particularly extreme position between the coast and the ocean. In addition to the main building, it is proposed to reoccupy the caves of the Arrábida Desert as hermitages for the spiritual and individual retreat of cloistered nuns. As in the origins of the Carmelite Order, the aim, through this reflection on a new model, is to return to the image of the prophet Elijah — when he settled in a cave on Mount Carmel to follow a life of prayer and silence — and to take the cave as a radical space. The space of the cave is therefore analysed through two fundamental perspectives: the reoccupation of existing caves as hermitages and the cave as an ideal of stereotomic architecture. In conclusion, the monastery takes on the charm of a lost city, aspiring to the spatial sense of a sacred cave.

Keywords: **Serra da Arrábida; Discalced Carmelites; Stereotomy; Cave.**

Introduzione

Prima parte

Seconda parte

Indice

La Serra da Arrábida e le origini del sacro 13

Abitare la grotta 27

Gli insediamenti umani nella Serra da Arrábida 29
Grotte naturali della Serra da Arrábida 51
Inventario caverne 57

Un monastero di clausura come spazio scavato 149

Bibliografia 242

La serra da Arrábida e le origini del sacro

Contrassegnato dalla vegetazione che si insinua tra le rocce bianche, la catena di Arrábida è una massa montuosa che emerge in una regione di morbidi rilievi; questo le conferisce un notevole predominio paesaggistico, essendo visibile come indicatore territoriale da Sintra e Lisbona. La sua estensione verso ovest permette di raggiungere l'Oceano Atlantico sul maestoso promontorio di Cabo Espichel e Pedra da Mua. La sua parete sud si scaglia su un mare blu e calmo, imponendosi in modo monumentale, come un taglio della costa, con una forte presenza visiva per coloro che la osservano dal mare. Il paesaggio offre un profilo ricco e variegato, con la presenza di alcune cime compensate da pendii, che sembrano penetrare nel mare, alternate da piccole spiagge difficilmente raggiungibili. La mitezza del clima — ad esclusione dei giorni di pioggia — è sorprendente quando si ammira il manto verde della vegetazione, caratterizzato a tratti da segni di calcare bianco.[1] Raggiungendo la montagna viaggiando da Lisbona vi si può accedere attraverso le sue valli più basse e morbide per poi raggiungere le faglie costiere senza ostacoli rilevanti, incredibilmente accogliente. Solo raggiungendo le pendici costiere ci si rende conto che la pendenza verso il mare è sorprendentemente ripida, quasi verticale.[2]

Il nome Arrábida deriva da *ribāt* o *rábida*. L'esistenza di *Arrábidas — al-ribat*, al plurale *råwåbit = rábida = Arrábida* — sicuramente ne attesta la presenza islamica.[3] Ribāt è un termine arabo che indica i diversi tipi di fortificazioni associate a una struttura di culto, la moschea. La *madrasa*, uno spazio per la preghiera e lo studio, è solitamente occupato da confraternite di guerrieri-religiosi sotto la direzione spirituale di una guida o di un insegnante.[4] In Portogallo ci sono poche tracce di ribāt. A volte, tuttavia, la toponomastica di alcuni luoghi, indica l'esistenza di questo tipo di strutture in passato. È il caso di *Arrábidas*, che nominerà l'intera catena montuosa del luogo. De facto, è probabile, se non certo, che il luogo attualmente occupato dal «Convento de Franciscanos Descalços da Arrábida» — così come le *faldas* da Serra ora contrassegnate da diverse cappelle — erano precedentemente un luogo d'insediamento di alcune di queste strutture religiose-militari. I ribāt variano in termini tipologici, essi acquisiscono sia la configurazione di una fortezza o un castello con moschea associata — essenzialmente di tradizione orientale — con numerosi esempi sopravvissuti in Andalusia, sia configurazioni sempre più semplici dal punto di vista architettonico, come l'eremo o luoghi di raccolta religiosi.[5] L'intera serra di Arrábida fino alla punta di Cabo Espichel è contrassegnata da vestigia o influenza arabe, che inducono a sospettare il suo ruolo privilegiato durante il periodo del dominio islamico. È interessante notare che i ribāt, spesso associati a comunità di guerrieri-religiosi con tendenza mistica o gnostica — a seconda della guida o del conduttore spirituale — si riflettano nella cristianizzazione e disislamizzazione di Arrábida. Di fatto, Convento *Velho* e Convento *Novo*[6], dopo aver perso

FIG.1 NOVAIS M., *Serra da Arrábida*, Setúbal, Fotografia, 1933-1983.

1 RIBEIRO O., *A Arrábida: esboço geográfico*, Tese doutoramento em Ciências Geográficas, Universidade de Lisboa, Separata da Revista Faculdade de Letras, 3, 1935, p. 40.
2 RIBEIRO O., *op.cit.*, pp. 40-54.
3 SEYBOLD, C.F., «Onomatologia arábico-portuguesa, Monchique e Arrifana d'Algarve, chez les auteurs arabes», in *O Archeologo Português*, vol. VIII, 1903, pp. 123-126.
4 MACHADO, J. P., *Vocabulário Português de Origem Árabe*. Lisboa: Editorial Notícias, 1991, *passim*.
5 ALVES A., *As Sandálias do Mestre*. Lisboa: Ésquilo, 2001, 1.º capítulo.
6 Il Convento di Arrábida, costruito nel XVI secolo, copre 25 ettari e comprende il Vecchio Convento, situato nella parte più alta della montagna, il Nuovo Convento, situato a metà del pendio, il Giardino e il Santuario di Bom Jesus. In cima alla montagna, le quattro cappelle, il gruppo di santuari per la venerazione dei misteri della Passione e alcune celle scavate nella roccia formano quello che è conosciuto come il Convento Velho (Convento Vecchio).

2

ogni ricordo «guerriero» del XVI secolo, mantennero comunque la tradizione mistica con una nuova comunità di eremiti cristiani.[7] A tal proposito il Padre Francescano Gonzaga affermò «che i mori, quando vivevano qui, le diedero questo nome, che nella loro lingua significa lo stesso di oratorio, o luogo solitario e adatto a fare penitenza [...]»[8].

L'imponente paesaggio che segna la penisola di Setúbal — con lo sfondo della serra di Arrábida e il rilievo della collina Palmela, continua sul retro della montagna, fino ad arrivare quasi a Setúbal per affrontare l'oceano a ovest a Cabo Espichel — ospita diversi antichi habitat risalenti al Neolitico. In questo caso, sono le vestigia delle caverne, grotte o patelle che hanno prodotto tracce di un'occupazione duratura che a volte risalgono al quinto millennio.[9] Nella penisola possiamo trovare i segni di un passato arcaico, possiamo identificare le diverse fasi di evoluzione e testimonianza d'insediamento umano. Tra il 5.500 a.C. e il 3000 a.C. si sviluppò il fenomeno megalitico: furono costruiti menhir[10], cromlech[11], dolmen[12] come monumenti per sepolture e adorazioni collettive che continuarono a diffondersi con varianti più o meno megalitiche nel corso degli anni. Gli insediamenti del Neolitico antico sorgono sulle regioni costiere, ciò fa dubitare ad una possibile origine aliena della cultura neolitica, in quanto mancavano i principali mezzi e strumenti per colonizzare le coste da parte di popoli del sud e dell'est attraverso il Mediterraneo.[13]

Il patrimonio della catena montuosa di Arrábida è significativo, grazie a questa successione di occupazioni e usi sacri e rituali. Nella penisola di Setúbal, ci sono solo pochi segni di costruzione di dolmen. Esso è stato il monumento più caratteristico del Neolitico, collaborando alla monumentalizzazione del paesaggio ed è scarsamente rappresentato (tuttavia, è stato identificato un piccolo menir, che si trovava nella *Vale da* Palha, a Calhariz, vicino a Sesimbra). Non si rileva un uso prevalente di questo tipo di elemento, tenendo conto di un rapporto più diretto con la natura. Sono state sfruttate le piccole e grandi grotte scavate nella parte rocciosa di Arrábida per promuovere l'installazione di quello che sembra essere stato un santuario; il caso di *lapa* do Fumo sotto questo aspetto è illuminante.[14]

Una variante della galleria dolmenica e della sua camera appare in prossimità della montagna ed è probabilmente in stretta relazione con essa. In particolare si tratta di grotte artificiali o ipogee interamente scolpite nella roccia — solitamente calcaree — con un corridoio diritto o leggermente curvo, con o senza anticamera, che da' poi accesso a una camera circolare conica con una cupola dotata di un'apertura zenitale, proprio come i tholos. La loro funzione è identica a quella degli antas e dei tholoi, poiché la gerarchia spaziale è simile, obbedendo alla sequenza corridoio — anticamera — camera della triade e pertanto potrebbero essere monumenti derivanti dall'adattamento delle

FIG.2 NOVAIS M., *Convento da Arrábida*, Setúbal, Fotografia, 1933-1983.

7 GOMES R.V., «O Século XX e a Arqueologia Muçulmana em Portugal», in ARNAUD J.M., *Arqueologia e História, Associação dos Arqueólogos Portugueses*, vol. 54, 2002, p. 70.

8 «O Padre franciscano Gonzaga diz que os mouros, quando aqui habitaram, lhe puseram este nome, que no seu idioma significa o mesmo que oratório, ou lugar solitário e próprio de fazer penitência.» CASTRO J. B., *Mapa de Portugal Antigo e Moderno*. Lisboa: Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, 1850, vol. 1, pp. 53-54.

9 RIBEIRO O., *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*. Lisboa: Letra Livre, 1987, p. 50.

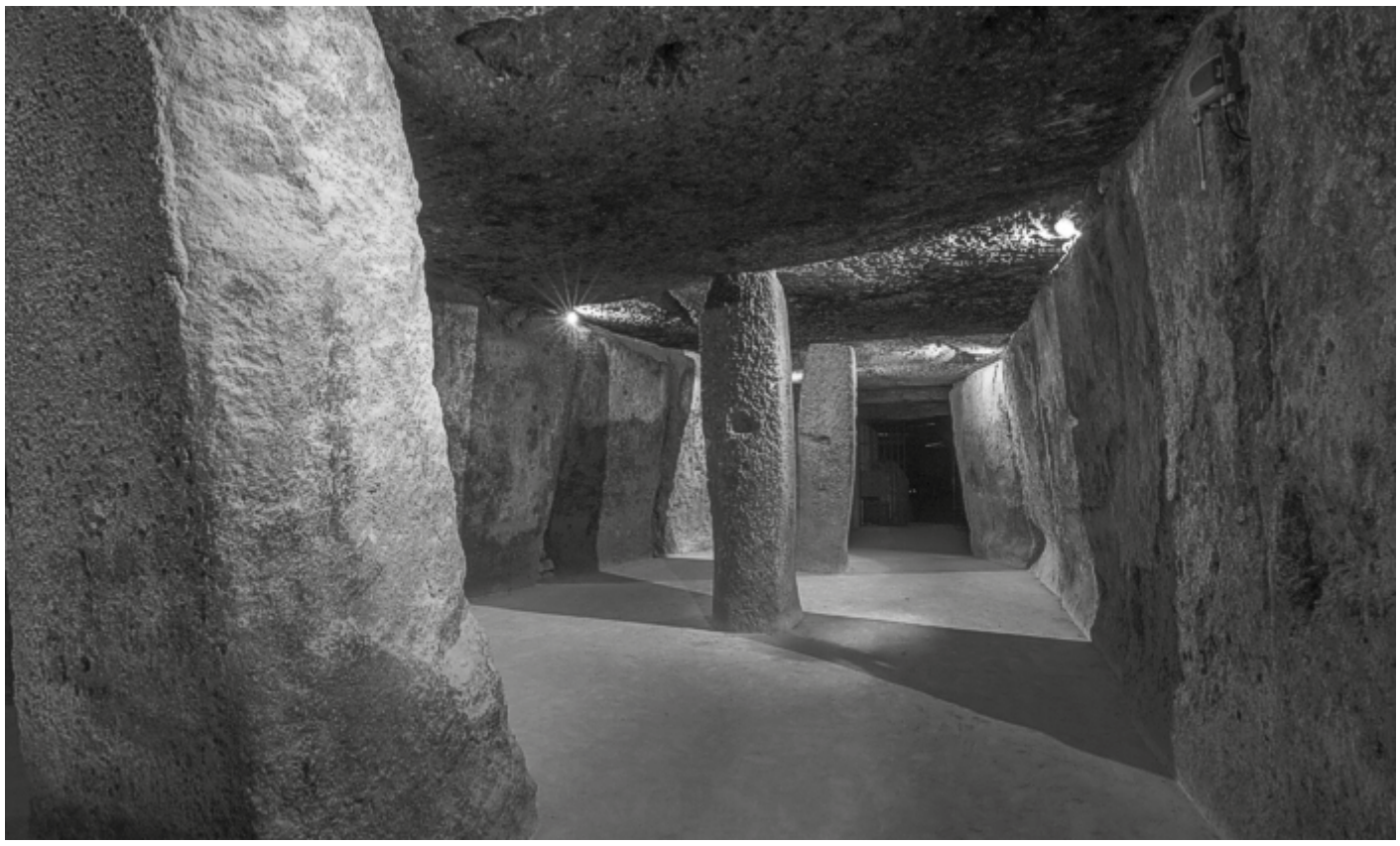
10 I menhir sono dei megaliti monolitici eretti solitamente durante il Neolitico, che potevano raggiungere anche più di venti metri di altezza.

11 Il cromlech è un insieme di menhir allineati in cerchio, a volte uniti col sistema trilitico a formare un santuario, forse con funzione di osservatorio astronomico.

12 Il dolmen è un tipo di tomba megalitica preistorica a camera singola e insieme al cromlech (come Stonehenge in Gran Bretagna) e il menhir, costituisce il tipo più noto tra i monumenti megalitici. La realizzazione dei dolmen viene collocata nell'arco di tempo che va dalla fine del V millennio a.C. alla fine del III millennio a.C., anche se in Estremo Oriente l'uso del dolmen si prolungò fino al I millennio a.C. I dolmen sono costituiti da due o più piedritti verticali che sorreggono l'architrave costituito da uno o più lastroni orizzontali. La costruzione era in origine ricoperta, protetta e sostenuta da un tumulo.

13 SILVA C.T., SOARES J., *Territórios da Pré-história em Portugal. Setúbal e Alentejo Litoral*. Tomar: Arkeos, vol. 7, Centro Europeu de Investigação da Pré-história do Alto Ribatejo, 2006, p. 12.

14 SOARES R., «Arrábida: episódios da investigação arqueológica regional (do séc. XVIII ao séc. XXI)», In *Al-Madan Online*, n.º 19, tomo 1, 2014, pp. 113-122.



3

popolazioni megalitiche alle particolari circostanze geologiche delle regioni in cui si sono stabilite.[15] Il formidabile fenomeno di acculturazione, avvenuto in seguito alla presenza romana, provocò la romanizzazione di questi antichi siti, già codificata attraverso riti, funzioni, storie e narrazioni magiche: la cosiddetta *interpretàtio* romana[16], in cui ogni divinità indigena corrisponderà a un dio del pantheon romano. Pur stabilendo i propri luoghi di culto, costruendo templi e accogliendo la nuova religione nel cristianesimo, vi fu tuttavia una rioccupazione e una reinterpretazione dei più antichi santuari pagani, affinché i principi devozionali cristiani e — in seguito — i cattolici avrebbero potuto corrispondere, a loro volta, a un'adesione incondizionata dei credenti. Ora, molti di questi santuari si trovano in cima alle montagne, sulle creste delle montagne o sui pendii, come nel caso del convento di Arrábida.[17]

Nel tempo, la permanenza degli uomini ha innalzato determinati luoghi a una condizione sacra, luoghi in cui lo spirito e il sacro si manifestano in modi diversi: una vera e propria fenomenologia della montagna. Alcuni di questi santuari accompagnano l'imponente topografia di una montagna o di una collina e spesso la simulano. Qualcosa che risale al tempo delle più antiche civiltà, agli egiziani che, durante la costruzione di piramidi, cercavano di emulare la montagna sacra, e Babilonia dove gli *ziggurat* si formarono per le stesse ragioni.[18] Secondo Paulo Pereira, «nella preistoria, i primi santuari sono visti come delimitare le aree in modo elementare, ma già carichi di un accentuato carattere simbolico e persino dell'interpretazione del cosmo»[19].
La Bibbia attribuisce un significato intenso a tutte le manifestazioni che si svolgono in cima alle colline. Alcuni santuari si fondarono in seguito ad una manifestazione della Vergine, di Cristo o di un santo e ciò è sinonimo di una continuità che da' a questi luoghi uno status unico, un senso di permanenza e appartenenza ai popoli, all'interno della sfera sacra. Luoghi sacri — come il Monte Oreb, il Monte Sinai, il Monte Tabor, il Monte Carmelo, il Monte Sion o il Monte degli Ulivi — luoghi qualificati, luoghi speciali in cui si sono stabiliti mistici, eremiti, gnostici alla ricerca della conoscenza universale e della comunicazione privilegiata con Dio o con gli dei.
Alcune delle caratteristiche di questi luoghi sono ben espresse nelle parole che abbondano per definire i territori che, come questo, si sviluppano in condizioni di altitudine estrema. Una scogliera verticale, la minacciosa scarpata, sono la segnalazione dell'impossibilità di raggiungere la cima, l'imponente vetta che attraversa l'orizzonte. Altri elementi arricchiscono la definizione di un paesaggio estremo: la foresta che si estende dalla base della montagna verso l'alto o che ombreggia i pendii; il masso o il bosco colossale, strano nella sua forma, che segna una salita o che termina la collina; le grotte nascoste nelle rocce della montagna, cavità scavate, profonde e scure; le falde

FIG.3 Autore sconosciuto (Tutti i diritti riservati all'autore), Dolmen di Antequera, fotografia, Malaga, costruito tra il Neolitico e l'Età del Bronzo.

15 SOARES R., *op.cit.*, p. 120.
16 *Interpretatio Romana*, lit. traduzione latina (Tac. Germ. 43. 3); una frase usata per descrivere l'abitudine romana di sostituire il nome di una divinità straniera con quello di una divinità romana considerata in qualche modo comparabile. A volte questo processo comportava un'ampia identificazione delle divinità attuali, mentre in altri casi, le divinità, pur condividendo un nome, continuavano ad essere nettamente distinte.
17 GONÇALVES L.J., *A época romana na Costa Azul*. Setúbal: Região de Turismo da Costa Azul, 1995. *passim*.
18 PEREIRA P., BENITO P., *Convento da Arrábida: a porta do céu*. Lisboa: Fundação Oriente, 2006, p. 30.
19 PEREIRA P., *op.cit.*, p. 31.

4

che riparano e sottolineano un possibile luogo di rifugio; le sorgenti che sgorgano dalle parti interne della Terra, e quelle dei fiumi o dei corsi d'acqua con virtù curative, fredde o calde; i percorsi che si snodano, a volte in una spirale, a volte in un nastro labirintico, al servizio degli uomini e a volte, degli spiriti stessi.[20]

L'inaccessibilità, o l'accesso estremo, funge da prova ed è riconosciuta. Paura e terrore sono associati, così spesso, in cima alle montagne, al godimento di una bellezza, il più delle volte selvaggia, alla fine intossicata dagli uomini ma certamente toccata dallo spirito. Tutti questi sono segni dell'ambiente fisico della montagna e ragioni che favoriscono l'attribuzione, a queste montagne, di qualità uniche per l'incontro con Dio.[21]

La montagna di Arrábida è un monumento naturale di singolare importanza, ma altrettanto ricco di monumenti derivanti dall'occupazione dell'uomo nel corso di migliaia di anni. Finora siamo a conoscenza dei resti archeologici identificati nelle indagini sul campo, condotte dalla squadra della Carta Archeologica di Arrábida, comune di Setúbal. Sono stati identificati diversi siti archeologici, soprattutto della preistoria, con importanti insediamenti del Neolitico e dell'Età del Bronzo. Questa ricerca si basa sul lavoro eseguito per la realizzazione della carta speleologica della montagna di Arrábida.

Nel corso di questa ricerca saranno presentate le grotte scoperte e il loro rilievo topografico, al fine di comprenderle attraverso un inconsueto linguaggio architettonico. Tramite questo processo di investigazione, i luoghi esaminati assumono un valore architettonico e spaziale. La ricerca presenta un panorama dei siti, la loro cronologia e l'evoluzione nel tempo. Diventa uno strumento utile per nuovi progetti.

La caverna è abitazione; fin dal periodo preistorico, poco o per nulla modificate dall'intervento dell'uomo, poi in età classica e poi soprattutto in età medievale sono state modificate e adattate dall'uomo, o addirittura interamente scavate per propri usi specifici. Si sceglievano le grotte più esposte alla luce solare, in genere volte a meridione, vicine possibilmente a sorgenti e a corsi d'acqua, e con l'apertura a sud per i venti caldi e le spalle al nord per ripararsi dai venti freddi. L'uomo ha scavato nella roccia per incidervi gli spazi di case, ambienti di lavoro o di culto, dall'antichità fino ai nostri giorni, spinto dall'impulso e dal bisogno di farsi avviluppare da qualcosa di antico, immutabile, da un solido manto protettivo.

FIG.4 NOVAIS M., *Convento da Arrábida*, Setúbal, Fotografia, 1933-1983.

20 PEREIRA P., *Lugares mágicos de Portugal. Montanhas Sagradas, Altos Lugares e Santuários*. Lisboa: Temas & Debates, vol. 6, 2005, pp. 10-11.
21 PEREIRA P., *op.cit.*, p. 31.

L'obiettivo è cercare di comprendere come questi spazi — prime abitazioni dell'uomo — hanno influenzato l'architettura oggigiorno. Questo approccio inusuale ad un tema prettamente archeologico, ha l'intenzione di creare un rapporto interdisciplinare, al fine di includere questi spazi nell'immaginario architettonico.
La caverna è un prodotto naturale, ma dal momento che viene utilizzata dall'uomo assume una connotazione architettonica. La grotta è l'archetipo dell'architettura scavata, ed è consacrata alla divinità. Per questo motivo diventa l'idea astratta per il progetto di un monastero di clausura — dell'ordine delle carmelitane scalze — in Arrábida.

Ed è proprio in una grotta sul monte Carmelo, in Palestina, che il profeta Elia si rifugiò prima che Dio gli si rivelasse. Non c'è dubbio che questa montagna dovesse racchiudere qualche mistero se gli antichi l'hanno sempre vista e considerata sacra. Il Carmelo è la dimora di Elia, il profeta dell'unicità di Dio e del fuoco. Elia era originario di Tishbe[22] in Galaad, al di là del Giordano. Sant'Epifanio riferisce che quando la madre diede alla luce Elia, il padre Sadoc ebbe una visione: alcuni uomini vestiti di bianco rendevano omaggio ad un neonato, lo strappavano dal seno della madre, lo gettavano nel fuoco e invece di cibo lo nutrivano di fiamme come poi conferma il libro del Siracide: «Sorse Elia profeta, come fuoco; la sua parola bruciava come fiaccola»[23]. Elia è uno dei personaggi più famosi dell'Antico Testamento assieme a Mosè. In arabo viene chiamato *El Khader*, che significa il verdeggiante, colui che non muore mai e sta in ogni luogo. Elia profeta è lodato da tutti i Padri della Chiesa che vedono in lui il modello di ogni profeta, il più povero tra i poveri, fondatore della vita monastica. Per tale motivo il Carmelo è diventato dopo la dipartita di Elia, luogo di eremitaggio.

Le grotte di Elia sul monte Carmelo, testimoniano una presenza santa. Le stesse, poi, furono utilizzate dai suoi discepoli e successivamente da eremiti e asceti. Una di queste grotte, utilizzata da Elia come rifugio e come luogo di orazione, è particolarmente venerata dai cristiani per la devozione alla Madonna del Carmine da cui prende il nome dal luogo. Una tradizione antica vuole che la Santa famiglia di ritorno dall'esilio d'Egitto, sia passata per la montagna del Carmelo, probabilmente a motivo della presenza di uomini pii e di preghiera, sul modello del profeta Elia. Il breviario romano, a detta del Padre Francesco della Croce, riferisce che nel giorno di Pentecoste, i santi profeti che furono illuminati dagli apostoli, visitarono e conversarono con la Madonna e per il singolare amore che nutrivano verso di lei, vollero renderle omaggio costruendole, proprio vicino alla grotta di Elia, una piccola cappella. L'attuale santuario della Madonna del Carmine, nel monastero di Stella Maris (1823-1828), guarda

FIG.5 SOARES R., *Vista su Arrábida Occidentale da Lapa da Janela 1*, Serra da Azóia, Sesimbra, Fotografia, 2009.

22 Tishbe, talvolta traslitterato come Tisbe, è una città menzionata nel Primo libro dei re della Bibbia ebraica, 1 Re 17: 1, come residenza e forse persino luogo di nascita del profeta Elia, noto come Tishbite.
23 Siracide 48,1.

verso il mare da un'altezza di circa 150 m. All'interno della chiesa, sull'altare maggiore troneggia la grande statua della Madonna del monte Carmelo. L'altare maggiore sorge sopra la grotta che la tradizione identifica del profeta Elia. Di fronte si possono ammirare alcune targhe commemorative che onorano i grandi personaggi dell'ordine carmelitano: S.Bertoldo (fondatore dell'ordine nel 1155); il priore Brocardo e il patriarca Alberto e san Prospero a cui si attribuisce la grazia della rifondazione del Carmelo nel 1631.

L'ordine Carmelitano — che nasce come un movimento eremitico — ha origine da una caverna, proprio come la grotta è simbolo della natività santa. Eremi, monasteri, conventi, cenobi hanno origine in questi luoghi, carichi di simbolismo e con una forte presenza divina.

L'eremo è il luogo dove l'eremita si trova separato dal mondo per fare penitenza, pregare e cercare la pace interiore; non è necessariamente un deserto vuoto. È semplicemente un luogo separato dall'uomo. Una foresta o una montagna, e le sue grotte sono il deserto stesso. Nella profonda solitudine della natura selvaggia, hanno luogo le prove che il solitario deve affrontare, cioè le tentazioni e i ricordi del mondo che si è lasciato alle spalle. Egli intraprende anche la possibilità di una nuova vita di contemplazione e di ritiro santo, resa possibile dalla visione della natura come opera di Dio. L'esistenza di eremiti che vivono nelle grotte è molto antica nel mondo paleocristiano, con numerosi esempi con cronologie precedenti.[24] Tutta la catena montuosa di Arrábida è di grande interesse archeologico e la storia del cristianesimo primitivo è ancora da scrivere.

Il progetto per la comunità Carmelitana Scalza sul monte di Arrábida, nasce dall'idea di caverna, che ha ispirato questo lavoro attraverso tre differenti tematiche. Il monastero attinge al tema della caverna sacra — come la grotta di Elia il profeta — inteso come luogo originario del movimento eremitico Carmelitano. Inoltre vuole essere la genesi del sacro deserto di Arrábida, prendendo ispirazione dal sacro deserto del Carmelo, e dei numerosi deserti presenti nella storia e nella tradizione dell'ordine dei Carmelitani. Il progetto per la comunità delle suore carmelitane scalze, non si concentra solamente nell'area del monastero, ma cerca di estendersi nel territorio selvaggio limitrofo della serra.
In primo luogo, la volontà è quella di includere all'interno del progetto le grotte naturali — prossime all'area del monastero — presenti nella serra, al fine di adoperarle come luoghi per il ritiro individuale e spirituale al servizio delle suore di clausura del monastero di Arrábida. Infatti nella tradizione dei deserti carmelitani la solitudine è rafforzata dagli eremi che, lontani dal monastero e sparsi nello spazio chiuso recintato, favoriscono l'eremita ad

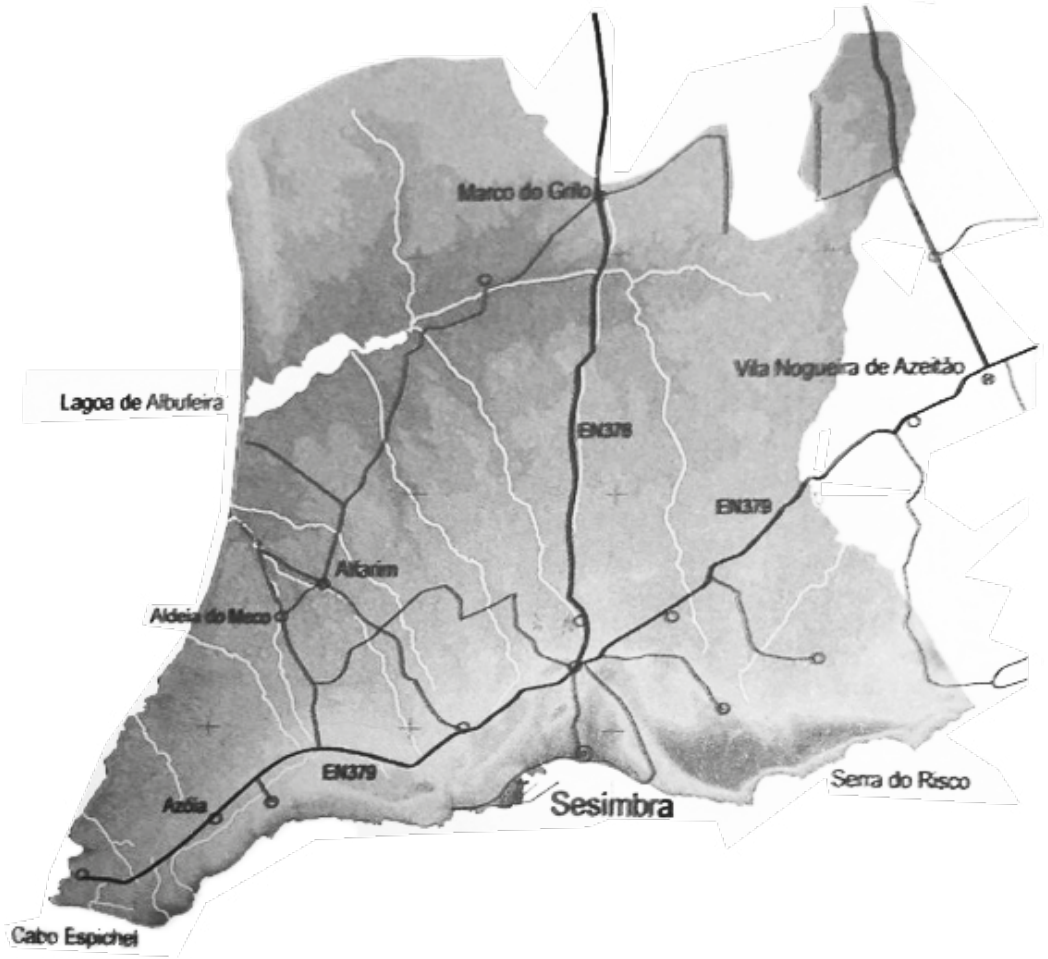
24 BURTON-CHRISTIE D., *La palabra en el desierto. La escritura y la búsqueda de la santidad en el antiguo monaquismo cristiano*. Madrid: Siruela, 2007, p. 202.

avere un periodo più o meno lungo di solitudine individuale. Questi spazi o luoghi appartati diventano spazi di qualità della vita nella misura in cui i loro abitanti hanno a disposizione quei beni, più apprezzati oggi che in passato, a causa della loro scarsità, che chiamiamo beni immateriali e che non hanno prezzo, come l'aria salubre, l'acqua pura, la solitudine o il silenzio, la bellezza naturale, che sono visti e valutati come indispensabili per l'equilibrio e la felicità delle persone e delle società. Perciò le grotte analizzate durante questo lavoro assumono non solo un valore archeologico e architettonico, ma assorbono le qualità e le funzionalità di eremi sacri. Infine la caverna viene considerata e analizzata come l'ideale dell'architettura scavata. La coscienza del vuoto, matrice di una pienezza di relazioni, allude anche al metodo di progettare l'architettura. In questo senso il monastero di Arrábida, segue i principi dell'architettura stereotomica, facendo riferimento alla grotta come archetipo dell'architettura scavata del monastero. Questi temi fondamentali donano allo studio della grotta, due differenti spunti di analisi, che attraversano trasversalmente questo lavoro e fungono da ispirazione per il progetto architettonico.

FIG.6 A pagina successiva: ALLSTON W., *Elijah in the Desert*, 1818, Olio su tela, Mueseum of Fine Arts, Boston, Massachusetts, USA.

6

Abitare la grotta


Marco do Grilo
Vila Nogueira de Azeitão
Lagoa de Albufeira
EN378
EN379
Alfarim
Aldeia do Meco
EN379
Azóia
Sesimbra
Serra do Risco
Cabo Espichel

Gli insediamenti umani nella serra da Arrábida

Agora, que de todo despedido
Nesta Serra d'Arrabida me vejo
De tudo quanto mal tinha entendido.

Frei Agostinho da Cruz, N.d.

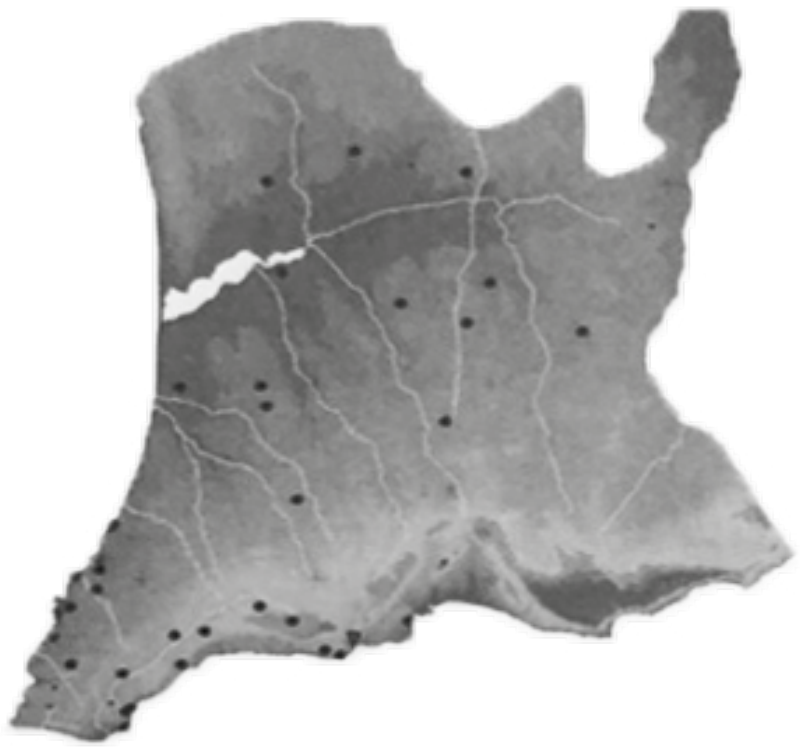
Le profonde alterazioni della linea di costa, avvenute alla fine del Paleolitico, sono state la causa della relativa invisibilità nella regione delle vestigia inequivocabilmente attribuibili al Paleolitico, in particolare le fasi più recenti. In quei tempi si estendeva a sud di Arrábida un'estesa pianura costiera, oggigiorno coperta dalla trasgressione marina, che si presume sia stata la tappa preferita dell'attività umana. Le montagne sarebbero state alla fine una zona di caccia e raccolta, o di altre attività sporadiche, tradotte archeologicamente come ritrovamenti sporadici.[25]

Lapa da Figueira Brava è l'eccezione. In questo luogo, situato strategicamente sul bordo della pianura costiera, sono stati identificati i resti dell'Uomo di Neanderthal, apparentemente tardivo secondo i termini europei.[26] Questo fatto ci permette di sostenere le narrazioni, discutibili come sempre, sulla fine degli ultimi Neanderthal, spinti da est a ovest dall'Homo Sapiens. Semplicemente estinti o geneticamente diluiti all'interno della specie (o sottospecie) trionfante. A parte *Lapa* da Figueira Brava, finora non sono state rilevate tracce di presenza umana durante il Paleolitico superiore o addirittura il Mesolitico. È probabile che, data la vocazione fortemente acquatica del mondo mesolitico regionale — i principali siti si trovano, quasi senza eccezione, sul bordo del mare o degli estuari) — la Serra da Arrábida, con pendii molto ripidi, implicava serie limitazioni, in termini di accesso al mare.[27]

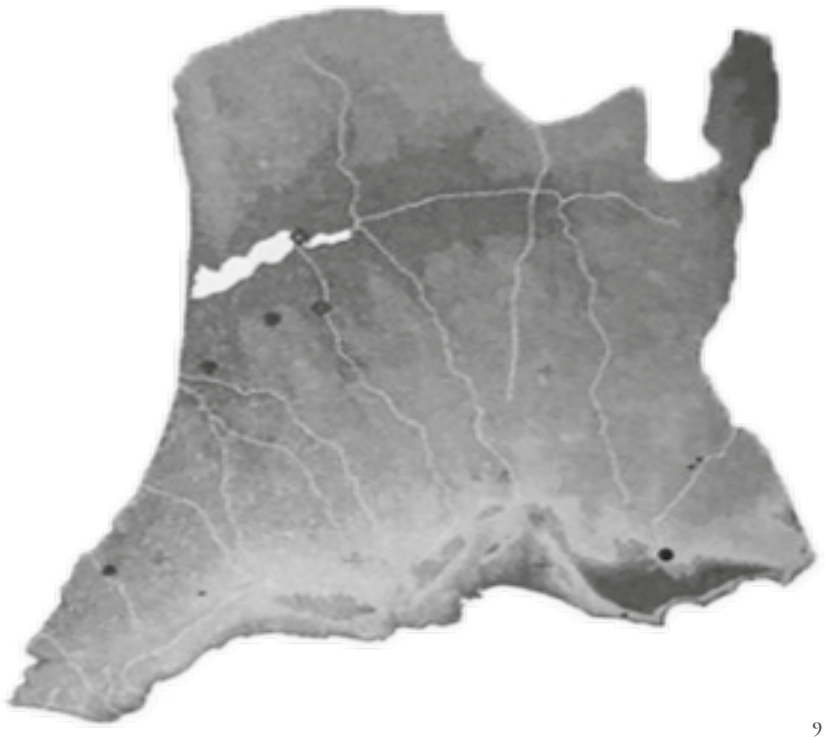
Neolitico e Calcolitico erano già, epoche relativamente note nel comune di Setúbal, sulla base di un insieme di siti notevoli. A questi si aggiungono, nel contesto regionale, grotte, grotte artificiali e insediamenti nei comuni di Sesimbra e Palmela. Per quanto riguarda il Neolitico antico-medio, l'unico esempio identificato a Setúbal fu l'insediamento di Alcube. Oltre all'insediamento di Alcube, il cui interesse è indiscutibile dal punto di vista del patrimonio del comune essendo — almeno per il momento — quello che ha rivelato più informazioni di quell'epoca specifica. Sono stati identificati una serie di nuovi siti di entità meno precisa che, almeno in parte, possono corrispondere ad habitat del Neolitico antico-medio.[28]

FIG.7 Comune di Setúbal e rete viaria. Tratto da CALADO M., *O tempo do risco: carta arqueológica de Sesimbra*. Sesimbra: Câmara Municipal, 2009, p. 10.
FIG.8 A pagina seguente, siti del Paleolitico. Tratto da CALADO M., *O tempo do risco: carta arqueológica de Sesimbra*. Sesimbra: Câmara Municipal, 2009, p. 14.
FIG.9 A pagina seguente, siti dell'Epipaleolitico e Mesolitico. Tratto da CALADO M., *O tempo do risco: carta arqueológica de Sesimbra*. Sesimbra: Câmara Municipal, 2009, p. 14.
FIG.10 A pagina seguente, siti del Neolitico antico. Tratto da CALADO M., *O tempo do risco: carta arqueológica de Sesimbra*. Sesimbra: Câmara Municipal, 2009, p. 15.
FIG.11 A pagina seguente, siti del Neolitico e Calcolitico. Tratto da CALADO M., *O tempo do risco: carta arqueológica de Sesimbra*. Sesimbra: Câmara Municipal, 2009, p. 15.

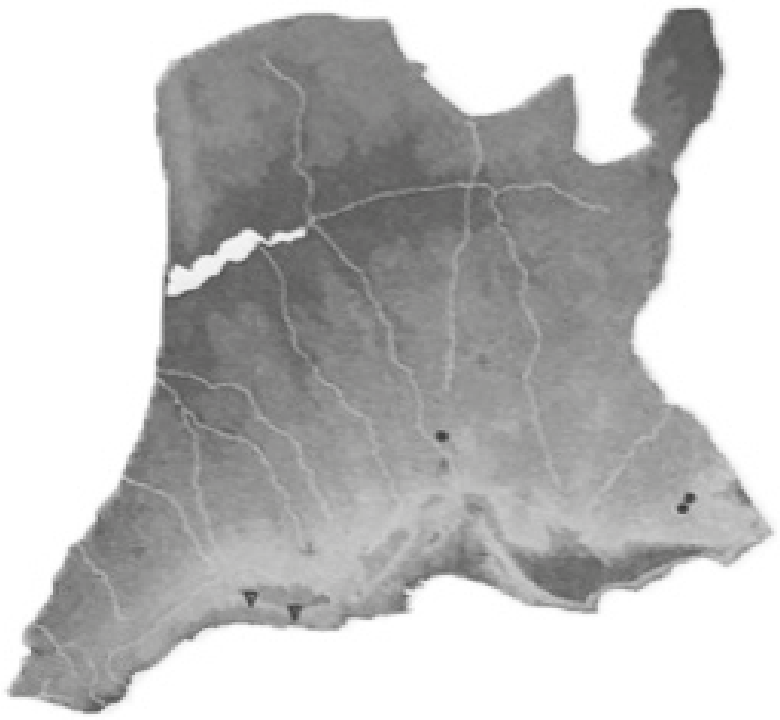
25 CALADO M., *O tempo do risco: carta arqueológica de Sesimbra*. Sesimbra: Câmara Municipal, 2009, p. 7.
26 L'uomo di Neanderthal visse nel periodo paleolitico medio, compreso tra i 200.000 e i 40.000 anni fa.
27 ANTUNES M.T., «Paleolítico médio e superior em Portugal: datas estado actual dos conhecimentos, síntese e discussão», in *Ciéncias da Terra*. Lisboa: Nova FCT Editorial, vol. 10, 1989, pp. 127-138.
28 CALADO M., *op.cit.*, p. 8.



8



9



10

11

J2

Per quanto riguarda le prime testimonianze neolitiche emerge un piccolo gruppo relativamente disperso ma con un impianto molto distinto da quello dei siti mesolitici. Infatti, i nuclei meglio caratterizzati come Fonte de Sesimbra e Roça do Casal do Meio, sembrano essere apparentemente di spalle al mare e in prossimità di buone condizioni agricole. Anche il sito ambiguo di Pinheirinhos sembra denotare questa opzione. Questa è una situazione nota: la rivoluzione neolitica ha riorientato l'insediamento verso le risorse della terra, agricole e pastorali, giustificando dunque la scelta. Questo, possiamo supporre, non era esente da una dimensione simbolica. Simbolico, più che funzionale, sembra essere stato invece l'emergere, in questa fase, di una segregazione paesaggistica tra i territori dei vivi e quelli dei morti. In effetti, solo le sepolture del neolitico antico sono conosciute nelle cavità, a ovest dell'insediamento di Pinheirinhos, in un poligono che si estende fino a Capo Espichel. Molte di queste grotte furono, come vedremo, riutilizzate durante il Neolitico e il Calcolitico; alcune furono anche frequentate in contesti presumibilmente rituali alla fine dell'Età del Bronzo e all'inizio dell'Età del Ferro.

Le sepolture neolitiche e calcolitiche sembrano essere state preferibilmente confinate in grotte con accesso discendente, con ingressi più o meno nascosti o facilmente occultabili dal riempimento con blocchi di pietra. Sembra che siano state escluse le grotte con entrate ascendenti e facilmente visibili, che a loro volta sembrano essere state occupate solo in epoca protostorica. Qui vale la pena fare un breve commento sull'assenza di sepolture neolitiche al di fuori delle cavità carsiche, anche se ci sono dati che indicano la scomparsa di alcune strutture funerarie megalitiche tra Sampaio, vicino a Sesimbra, e Cabo Espichel (Azóia), di cui ignoriamo totalmente gli aspetti morfologici. Tuttavia, è ragionevole accettare che si trattasse di strutture in stile dolmen, come quelle che conosciamo nella penisola di Lisbona. Le grotte artificiali, monumenti contemporanei delle tombe megalitiche di cui si conosce un interessante gruppo a Quinta do Anjo, Palmela, sono anche scomparse per il momento.[29]

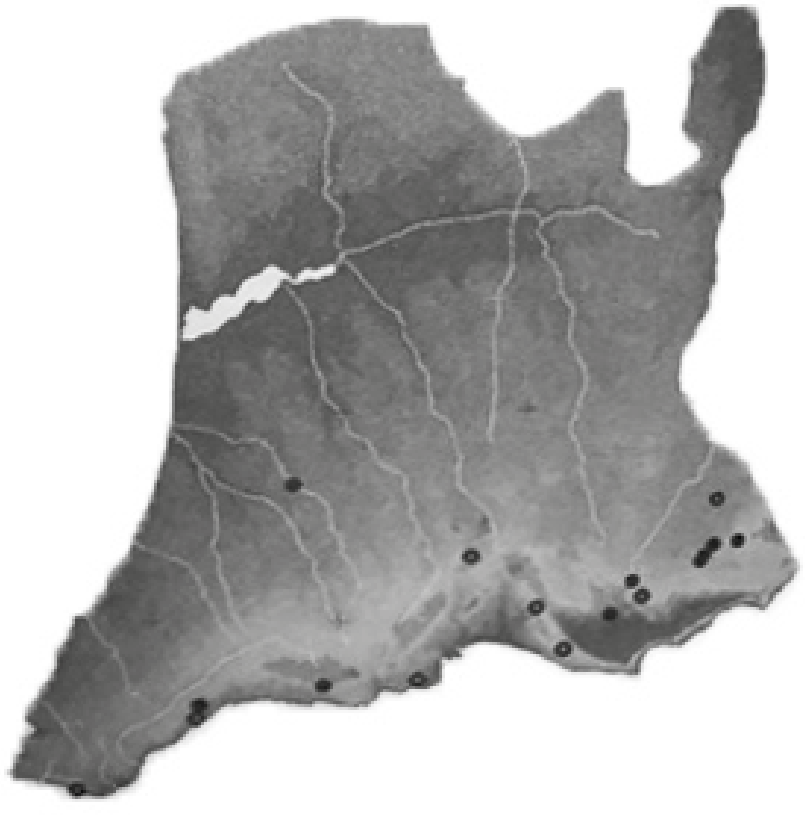
La distribuzione attuale, anche se più o meno amputata, suggerisce un gradiente ovest-est, dove si passa dalle grotte naturali a quelle artificiali e, da queste, ai dolmen. Dei menhir non si hanno molte informazioni. In verità, si conoscono alcuni monoliti che potrebbero essere inclusi in questa categoria; tuttavia, le loro dimensioni e le rispettive morfologie indicano la possibilità che siano i resti di monumenti protostorici come quelli che sono stati studiati nell' Alentejo centrale.[30]

Oltre al menhir di Vale da Palha, attualmente recuperato alla Quinta do Calhariz, sono stati identificati altri monoliti nelle Terras do Risco che, in linea di principio, possono anche essere integrati in questo contesto crono-culturale. in alternativa possono corrispondere ai resti di tombe proto-megalitiche. Contrariamente a quanto accadde in altre zone più interne, durante il Neolitico finale l'insediamento non sembra aver conosciuto una

FIG.12 CALADO M., *Arte parietale a Sesimbra*, Incisioni di barche sull'intonaco esterno del Curral do Risco, Sesimbra, Fotografia, 2009.

29 SOARES J., «Matérias-primas minerais e mobilidade logística no Mesolítico da Costa Sudoeste. Os sítios de Samouqueira I e Armação Nova», in rivista *Musa*, n.º 2, Setúbal, 2007, pp. 47-66.

30 CALADO M., MATALOTO R., ROCHA A., «Povoamento proto-histórico na margem direita do regolfo de Alqueva (Alentejo, Portugal)», in *Arqueología de la tierra. Paisajes rurales de la protohistoria peninsular.* Cáceres: Universidad de Extremadura, 2007, pp. 129-179.



grande espansione, eccetto l'insediamento di Ouriços (o di Prados) la cui dimensione effettiva rimane però ancora da definire. Gli altri, concentrati intorno a Sesimbra, non sembrano occupare grandi estensioni, non presentano grande densità materiale né, grande importanza stratigrafica.[31]

Per quanto riguarda il Neolitico-Calcolitico finale, si evidenzia la scoperta di un grande nucleo insediativo nella zona di Quinta dos Arneiros e Portela da Sardinha. Si tratta probabilmente, date le caratteristiche della topografia e della geologia, di un insediamento a fossa così come la scoperta in numero crescente di insediamenti con questo tipo di struttura in negativo, che sono stati identificati negli ultimi anni nel sud-ovest peninsulare. I materiali raccolti suggeriscono una lunga diacronia che potrebbe risalire all'inizio del Neolitico — a giudicare dalla scelta di terreni sabbiosi — ma il cui uso continuò fino alla fine del periodo Calcolitico. La posizione strategica del sito è notevole: l'insediamento occupa un'area molto piatta, che costituisce un gradino tra l'estensione occidentale della catena montuosa del Louro e la valle che la confina a sud. Nonostante la sua posizione riparata, il sito domina visivamente la maggior parte del paesaggio contenuto tra le catene montuose Pre-Arrábida e Arrábida.[32]

Fin dall'inizio, nell'età del bronzo, vediamo spiccare un insieme di siti di vario tipo, che disegnano una rete insediativa molto ampia e complessa. Questa rete dovrebbe necessariamente includere i siti situati nel distretto di Sesimbra. L'insediamento del Risco, un grande insediamento a mezza costa senza apparenti strutture difensive, si trova accanto al noto monumento di Roça do Casal do Meio ed è presente insieme ad altri piccoli insediamenti aperti e un gruppo di grotte di uso apparentemente rituale. Considerando un contesto geografico più ampio e districandosi tra concentrazioni e vuoti, sembra legittimo considerare la regione di Arrábida alla fine dell'età del bronzo come un territorio coeso, occupato in modo articolato e, gerarchico da siti con diverse funzioni specifiche. In questo periodo si pone la questione dell'emergere di società complesse.[33]

La Roça do Casal do Meio proiettò la protostoria della montagna di Arrábida più in alto e più lontana. È senza dubbio, un monumento eccezionale nel contesto portoghese ed europeo. I risultati dello scavo della Roça do Casal do Meio vennero alla luce negli anni '70, assicurando l'internazionalizzazione del monumento e delle questioni coinvolte.[34]

FIG.13 Siti dell'età del Bronzo e l'età del Ferro. Tratto da CALADO M., *O tempo do risco: carta arqueológica de Sesimbra*. Sesimbra: Câmara Municipal, 2009, p. 14.

31 CALADO M., *O tempo do risco: carta arqueológica de Sesimbra*. Sesimbra: Câmara Municipal, 2009, p. 25.
32 SILVA C.T., SOARES J., *Territórios da Pré-história em Portugal. Setúbal e Alentejo Litoral*. Tomar: Arkeos, vol.7, Centro Europeu de Investigação da Pré-história do Alto Ribatejo, 2006, p. 13.
33 SOARES R., *A Arrábida no Bronze Final: a paisagem e o homem*. Lisboa: Dissertações de Mestrado Arqueologia, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, 2013, *passim*.
34 SPINDLER K., «Le Monument à couple le de l'âge du bronze final de la Roça do Casal do Meio (Calhariz)», in *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, tomo LVII, Lisboa, 1973-1974, pp. 15-20.

Recentemente, un'attenta revisione dei dati di scavo, ha portato a proporre una nuova lettura del sito e le sue implicazioni. In questo testo si afferma che la Roça do Casal do Meio ha attirato una vasta attenzione come raro esempio di ricche sepolture della tarda età del bronzo in un monumento unico.[35]

Un'altra zona quasi deserta è la stessa piattaforma del Capo da Pinheirinhos a Espichel: ruvida, secca, sassosa, con una vegetazione battuta dal vento; questa zona nasconde una realtà fortemente archeologica. Le grotte di diverse morfologie che punteggiano la zona tra la piattaforma e il mare erano il fulcro del comportamento rituale — principalmente nell'ambito funerario — fin dall'inizio del Neolitico (se non prima). Il Capo come paesaggio dei morti. Il mondo degli spiriti. Un territorio sacro, liminale, tra terra e mare. Con una certa flessibilità, sembra esserci una tendenza globale, nell'evoluzione del paesaggio umano di Sesimbra, attraverso la Preistoria e la Protostoria: uno spostamento, dalle epoche più antiche a quelle più recenti, da Ovest a Est, o in una prospettiva più paesaggistica, dal mare alla montagna.[36]

Guardando attentamente nell'area di Sesimbra — dando importanza ai dettagli del paesaggio per una ricerca sul comportamento simbolico — è possibile evidenziare, oltre alle meraviglie del mondo sotterraneo, alcuni monumenti naturali che possono aver avuto un ruolo nell'organizzazione dello spazio pre e protostorico.[37] La Marmita do Gigante, per esempio, situata nelle vicinanze di insediamenti di varie epoche tra cui il grande insediamento dell'Età del Bronzo di Marmitas-Risco, l'Arco da Pombeira, la Pedra do Frade, la Pedra da Mula.[38]

Nel contesto generale della regione di Arrábida, una menzione molto speciale va fatta per il Castelo dos Mouros: arroccato su uno sperone roccioso estremamente ripido, l'insediamento era anche dotato di un forte sistema difensivo, di cui oggi rimangono alcune testimonianze più o meno discrete. Anche se l'insediamento è noto da molto tempo, apparentemente non è mai stato oggetto di un'osservazione attenta e dettagliata, o almeno, non è mai stato oggetto di pubblicazione. Infatti, l'unica menzione di strutture difensive riguarda il muro «ciclopico» che circonda il sito da nord. Inoltre, è possibile identificare i resti meno appariscenti del bastione sul lato sud che rafforzano il muro verticale che forma il confine dell'insediamento su questo lato, così come l'esistenza di tre porte d'accesso, due delle quali mostrano prove di strutture che possono essere interpretate come torri di protezione per questi ingressi. Per la prima volta, è stata osservata anche una struttura scavata, accanto all'entrata sud, che probabilmente funzionava come cisterna.[39]

FIG.14 *Tholos da Roça do Casal do Meio.* Fotografia tratta da SOARES R., O (re)monumento funerário da Roça do Casal do Meio (Arrábida/Sesimbra): as "histórias" da investigação e os novos dados (1960-2013), in *Al-Madan Online*, N. 18, Tomo II, 2014, p. 65.

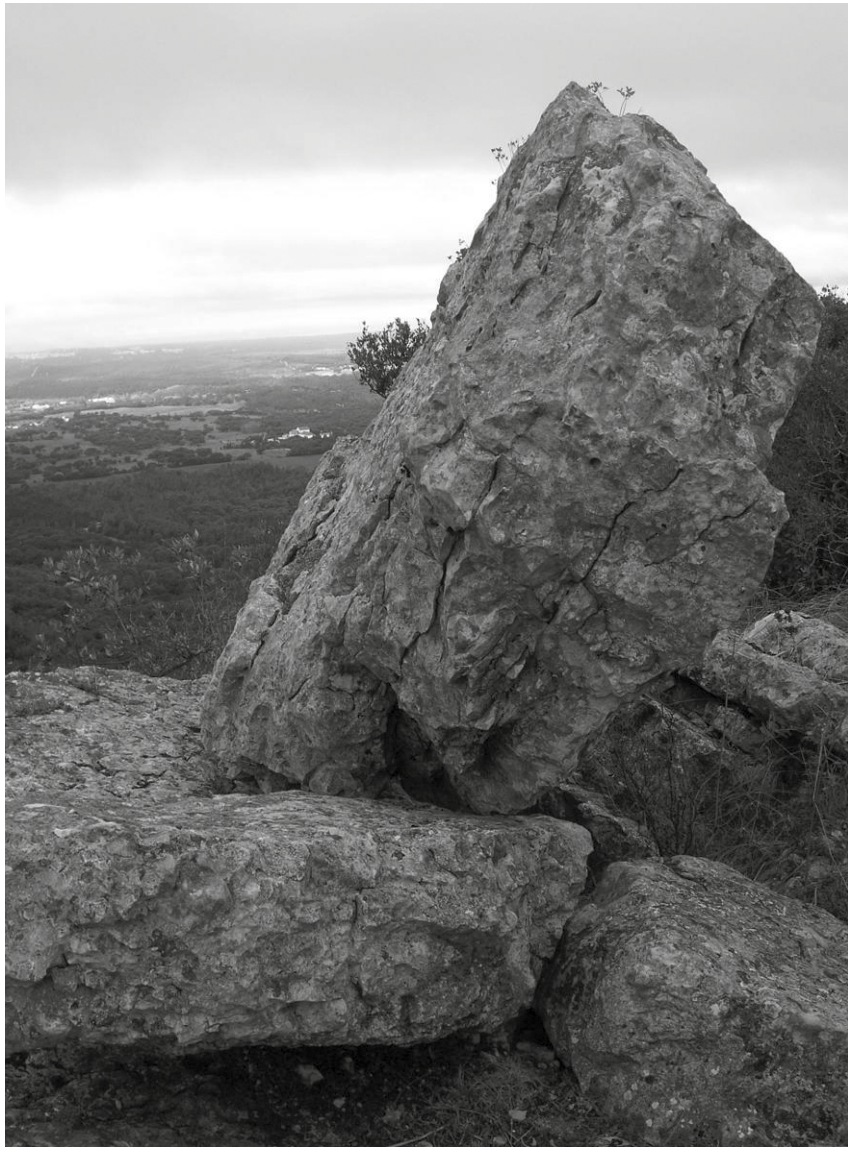
35 HARRISON R.J., «A Revision of the Late Bronze Age burials from the Roça do Casal do Meio (Calhariz), Portugal», in *Beyond Stonehenge: Essays on the Bronze Age in Honour of Colin Burgess*. Oxford: Oxbow books, 2007, pp. 65-77.

36 SCARRE C., «Coast and cosmos. The Neolithic monuments of northern Brittany», in *Monuments and Landscape in Atlantic Europe*. London: Routledge, 2002, pp. 84-102.

37 BRADLEY R., *An Archaeology of Natural Places*. London: Routledge, 2000, p. 80.

38 CALADO M., *op.cit.*, p. 11.

39 GONÇALVES L.J., VICTOR I., *Castelos e Fortalezas da Costa Azul*. Setúbal: Região de Turismo da Costa Azul, 1993.



15

FIG.15 FONSECA R., *Castelo dos Mouros,* Arrábida. Fotografia, 2011.

Oltre alla complessità dei dettagli menzionati sopra, alla base della parete rocciosa su cui fu costruito l'insediamento, è stata individuata una cavità il cui uso sembra fare parte delle popolazioni dell'Età del Bronzo. La prospezione relativamente esaustiva dell'area circostante il castello moresco ha aggiunto una nuova rete di siti modesti, rivelando le varie attività umane che certamente animavano questi paesaggi durante l'età del bronzo: rifugi rupestri, legati alla caccia e alla pastorizia in montagna, e piccoli siti agricoli nella valle.[40] Inoltre si evidenzia una rete di sentieri che si presume abbia collegato il castello moresco agli altri siti che coesistevano con esso: linee di transito naturali e i sentieri attuali. Senza escludere altre possibilità, sono state identificate tre vie d'accesso principali al castello moresco. Uno di essi, più diretto, dalla Vale dos Picheleiros; un altro, meno brusco, dalla Quinta da Ramada e il terzo, in discesa, dalla cima della montagna. D'altra parte, un'attenzione particolare è stata data alla questione delle fonti d'acqua nelle vicinanze del villaggio.[41]

Secondo studi precedenti, il Castelo dos Mouros sembra aver rivelato alcuni resti romani del periodo repubblicano. A parte questo caso isolato, i punti più importanti si trovano sulla costa, cioè Cetóbriga e Creiro, indicando la vocazione peschereccia e mercantile di questa regione. Accanto ai siti costieri, emerge una costellazione di piccoli siti romani, presumibilmente di carattere rurale, nelle valli definite dalla Serra da Arrábida e dalla Serra do Louro. Tuttavia, i siti di questo periodo sono praticamente assenti nelle zone più elevate della regione. Anche a Coina-a-Velha sono state identificate delle strutture, tra cui una cisterna.[42]

Ciò nonostante, la strada romana di *Grelhal* merita un'attenta osservazione. Questa struttura stradale e la considerazione di possibili alternative in termini di accessibilità a Setúbal, porta a pensare alla sua cronologia e funzionalità. Infatti, sia l'eccellente stato di conservazione sia il carattere anomalo della sua costruzione, sia la mancanza di usura delle pietre del pavimento, sembrano indicare una datazione più recente. Tra le varie ipotesi, tenendo conto del contesto locale, sembra interessante esplorare la possibilità che la strada del *Grelhal* sia legata alla costruzione del Forte S. Filipe.[43]

L'Arrábida medievale, per quanto riguarda la fase islamica, si evidenzia oggi più nella toponomastica che nel mondo fisico. C'è però un gruppo di siti di dimensioni modeste e di cronologia incerta che potrebbero essere attribuibili a quei tempi; sono stati classificati, per prudenza, come medievali o successivi. I luoghi più immediati per cercare

40 HARRISON R.J., *op.cit.*, p. 75.
41 *ibid.*
42 GONÇALVES L.J., *Escultura romana em Portugal: Uma arte do quotidiano*, 2 Vols., Tese de Doutoramento, Mérida: Junta da Extremadura, 2007, pp. 294-295.
43 GONÇALVES L.J., *op.cit.*, p. 290.

i resti di una civiltà medievale, date le dure condizioni di vita della montagna, sarebbero stati, eventualmente, nei luoghi oggi sovrapposti da costruzioni avvenute in seguito come il Convento di Arrábida o El Cármen. Le casette situate nelle parti più aspre, sono attribuibili, a priori, all'attività di pastori, in tempi incerti, o di monaci, in volontà di clausura dal mondo, dall'epoca islamica o anche, teoricamente, prima di essa. Alcune grotte e rifugi naturali possono anche essere serviti come piccoli eremi o ritiri anacoretici di cui rimarrebbero, come si suppone, poche prove concrete. La maggior parte della popolazione, in quei tempi di tensione, era concentrata nei castelli di Sesimbra e Palmeia e nei laboratori di ceramica, come ad esempio quello scavato nella Serra do Louro. In questo contesto, la montagna sarebbe stata relativamente emarginata dal mondo quotidiano, e per questo era certamente un ambiente molto adatto alle pratiche monastiche di quei tempi.[44]

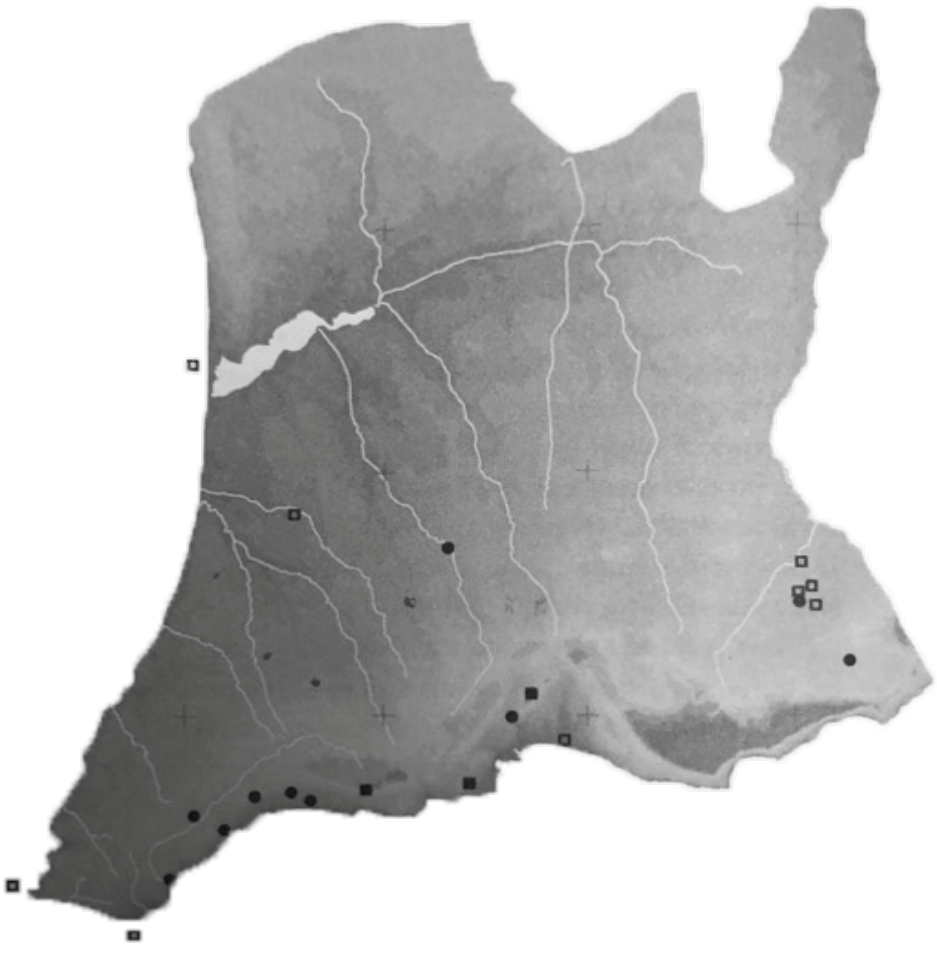
In termini di monumenti funerari, ciò che rimane nella regione sono la Roça do Casal do Meio, a Sesimbra e le grotte artificiali di Quinta do Anjo. Considerando il numero di insediamenti di età genericamente megalitica, le necropoli corrispondenti sembrano mancare. In questo contesto, la risposta più plausibile deve risiedere nelle grotte naturali della regione, alcune con un uso funerario provato e molte altre che non sono mai state scavate.[45]

Il poeta della serra da Arrábida, Sebastião da Gama, recita:
«Já não estou em cima do rochedo…
Embebi-me na Tarde,
embebi-me na Paisagem,
embebi-me no que eles vêem e no que eles não vêem mas eu vejo,
e tão leve me fiz,
tão para longe do rochedo aonde já não estou,
que o rochedo ficou só e eu distanciei-me na paisagem,
na Tarde,
na brandura da aragem…»[46]

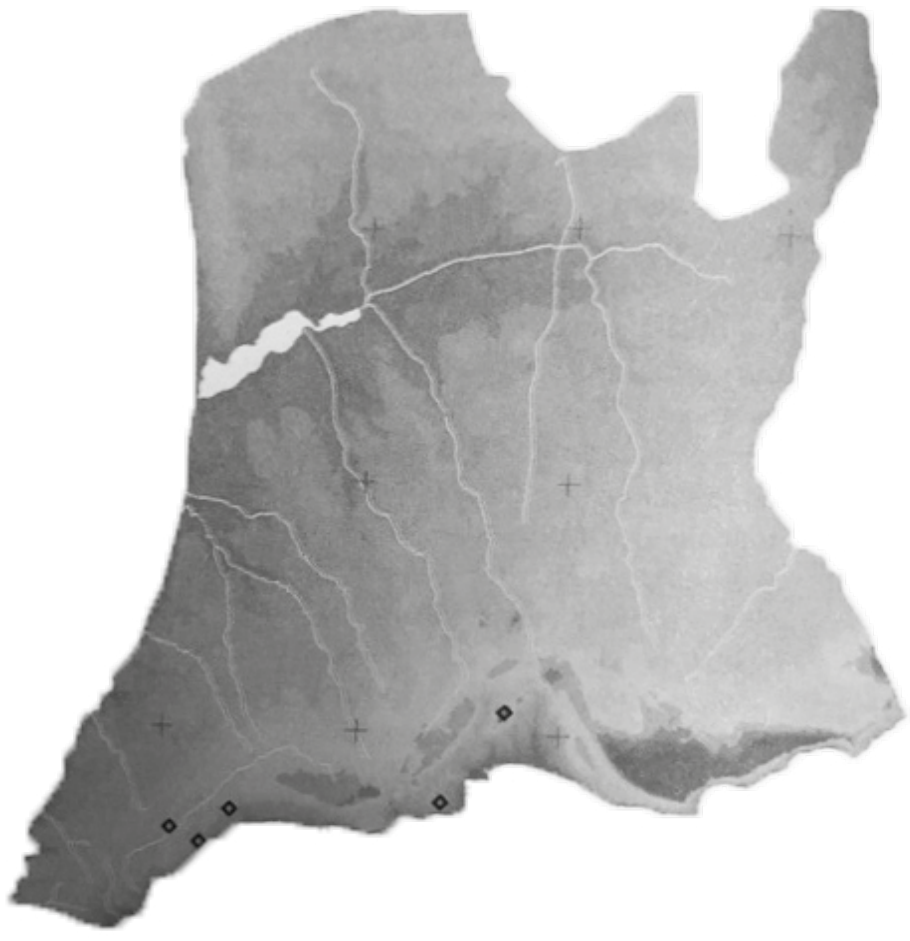
Il paesaggio è un sistema dinamico dove i diversi fattori naturali e culturali si influenzano e si evolvono insieme, in cui l'uso del suolo e l'insediamento, gli conferiscono un certo carattere. È senza dubbio nel litorale che si intravedono scenari peculiari — tra oceano e terra — con una costa paesaggisticamente molto ricca, da Capo

FIG.16 DELSO D., *Forte di San Felipe,* Setúbal, Fotografia, 2012.
FIG.17 A pagina seguente, siti dell'epoca Romana e Medioevale. Tratto da CALADO M., *O tempo do risco: carta arqueológica de Sesimbra*. Sesimbra: Câmara Municipal, 2009, p. 36.
FIG.18 A pagina seguente, siti dell'epoca Islamica. Tratto da CALADO M., *O tempo do risco: carta arqueológica de Sesimbra*. Sesimbra: Câmara Municipal, 2009, p. 38.

44 GONÇALVES L.J., *No tempo das grutas: carta arqueológica e espeleológica da Serra da Arrábida (Concelho de Setúbal)*, Lisboa: Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, Setúbal: Câmara Municipal de Setúbal, 2016.
45 HARRISON R.J., *op.cit.*, pp. 65-77.
46 Sebastião da Gama, (1924-1952) Elevação.



17



19

Espichel alla Serra do Risco. Una formazione geologica, a picco sul mare, uno degli spazi naturali più belli di influenza mediterranea e quasi intatto nel suo equilibrio naturale. L'originalità di questo paesaggio è dovuta, da un lato, alle particolarità delle sue caratteristiche naturali e dall'altro alla remota umanizzazione di questi spazi che, col tempo, si è dispiegata in modo armonico con l'ambiente naturale. La copertura vegetale di Arrábida rappresenta gli ultimi nuclei di vegetazione con vestigia di macchia mediterranea dove, ancora oggi, si formano densi ciuffi di alberi. Da esso, ci sono punti di vista profondi che si perdono all'orizzonte, nel profilo di altre montagne o nelle sagome della vegetazione, che guadagnano diverse sfumature durante il giorno.

Cabo Espichel, è un altopiano un po' inospitale che scende a picco sul mare, un monumento geologico con scogliere molto alte e ampie insenature. Questo promontorio e la zona circostante sono senza dubbio un grande riferimento culturale e paesaggistico, dove si può testimoniare il Genius Loci, lo spirito del luogo. Oltrepassando la piattaforma di Capo Espichel troviamo una striscia di transizione, dal massiccio di Arrábida al bacino del Tejo e del Sado. Questa zona di moderati pendii e basse altitudini ha il paesaggio morfologicamente strutturato dalle linee d'acqua drenanti. Una zona per lo più già abbandonata, ma ancora senza molta rigenerazione della vegetazione spontanea. A nord, ci troviamo di fronte a un paesaggio di scogliere, spiagge basse e sabbiose. Un altro elemento dissonante nel paesaggio sono le cave, aree di estrazione di aggregati, un'attività importante, ma di grande impatto paesaggistico, cambiando la forma, la percezione, l'uso e il carattere di un territorio a volte più grande dell'area che effettivamente sfrutta.

L'intera costa di Arrábida presenta una straordinaria bellezza naturale, mostrando paesaggi lussureggianti dove spiccano belle cale, baie, scogliere, falesie. Appoggiata sull'Atlantico, la sua vocazione eminentemente peschereccia si traduce in un rapporto che i suoi abitanti sviluppano di vicinanza al mare, come attività economica fondamentale e al tempo stesso emotivo. Arrábida è inseparabile dal mare, e quando ne parliamo, un insieme di immagini legate al mare, alla pesca, alla spiaggia, alle barche, accompagnate da un odore unico di aria marina si risvegliano automaticamente nella nostra immaginazione. Si può dire che molti dei pescatori che vivono qui conoscono il mare meglio della terra. Ancora oggi, Sesimbra è uno dei principali porti di pesca commerciale del paese, Alcune di queste arti della pesca sono cambiate poco fino ai nostri giorni, frutto di una conoscenza cumulativa trasmessa di generazione in generazione.

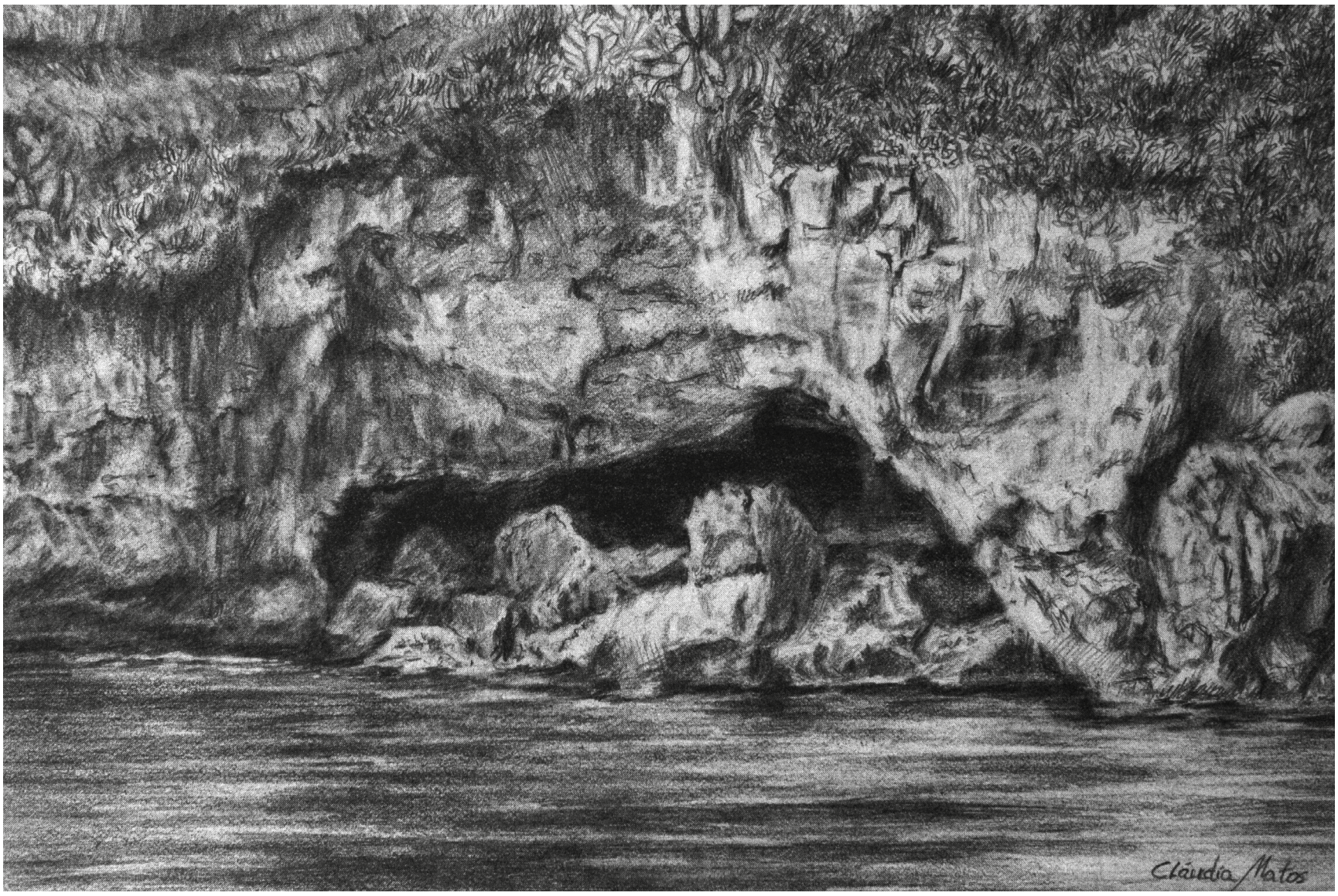
FIG.19 Autore sconosciuto, *Grotte artificiali di Quinta do Anjo*, Palmela, Fotografia, n.d. https://mapio.net/pic/p-108059935/. consultato giugno 2021.

20

Sesimbra, inoltre, fungeva da centro principale di pesca dal quale dipendevano altre piccole strutture sussidiarie che servivano come supporto per la pesca. Questi erano situati lungo la costa, da Cabo Espichel a Portinho di Arrábida, occupando sia luoghi riparati, di solito spiagge e cale, sia luoghi dove c'era una provata abbondanza di pesce. Lì furono costruiti i cosiddetti 'calhaus', strutture permanenti di pesca. I ciottoli si estendevano lungo tutta la costa, funzionando non solo come un rapido rifugio in caso di peggioramento delle condizioni meteorologiche, ma anche come alloggio per i pescatori e come magazzino per gli attrezzi da pesca. «I pescatori che decidevano di non rimanere lì, tornarono a piedi, prendendo i vari sentieri attraverso la Serra fino a Sesimbra.»[47] Sul monumento di omaggio ai pescatori di Sesimbra sono incise le parole di Padre Carlos Veríssimo de Figueiredo: «Aos pescadores a quem o mar se curva e a terra aclama.»[48]

FIG.20 ALDEIA J.A., *Calhau da Cova*, Portogallo, Fotografia, 2009.
FIG.21 A pagina seguente, DELSO D., *Cabo Espichel*, Portogallo, Fotografia, 2012.

47 CALADO M., *O tempo do risco: carta arqueológica de Sesimbra*. Sesimbra: Câmara Municipal, 2009, p. 129.
48 Padre Carlos Veríssimo de Figueiredo, Monumento aos Pescadores de Sesimbra, Sesimbra, Portugal.


Cláudia Matos

Grotte naturali della Serra da Arrábida

Dentro na minha Lapa recolhido
Para chorar um mal novo presente,
Soltando a rouca voz mais brandamente
Disse, depois de tudo concluído:

Se sempre sao hei-de ir, e vir ferido,
E se triste tornar, indo contente,
Nem por amor de amigos, ou de Parente,
Sairei fora donde estou metido.

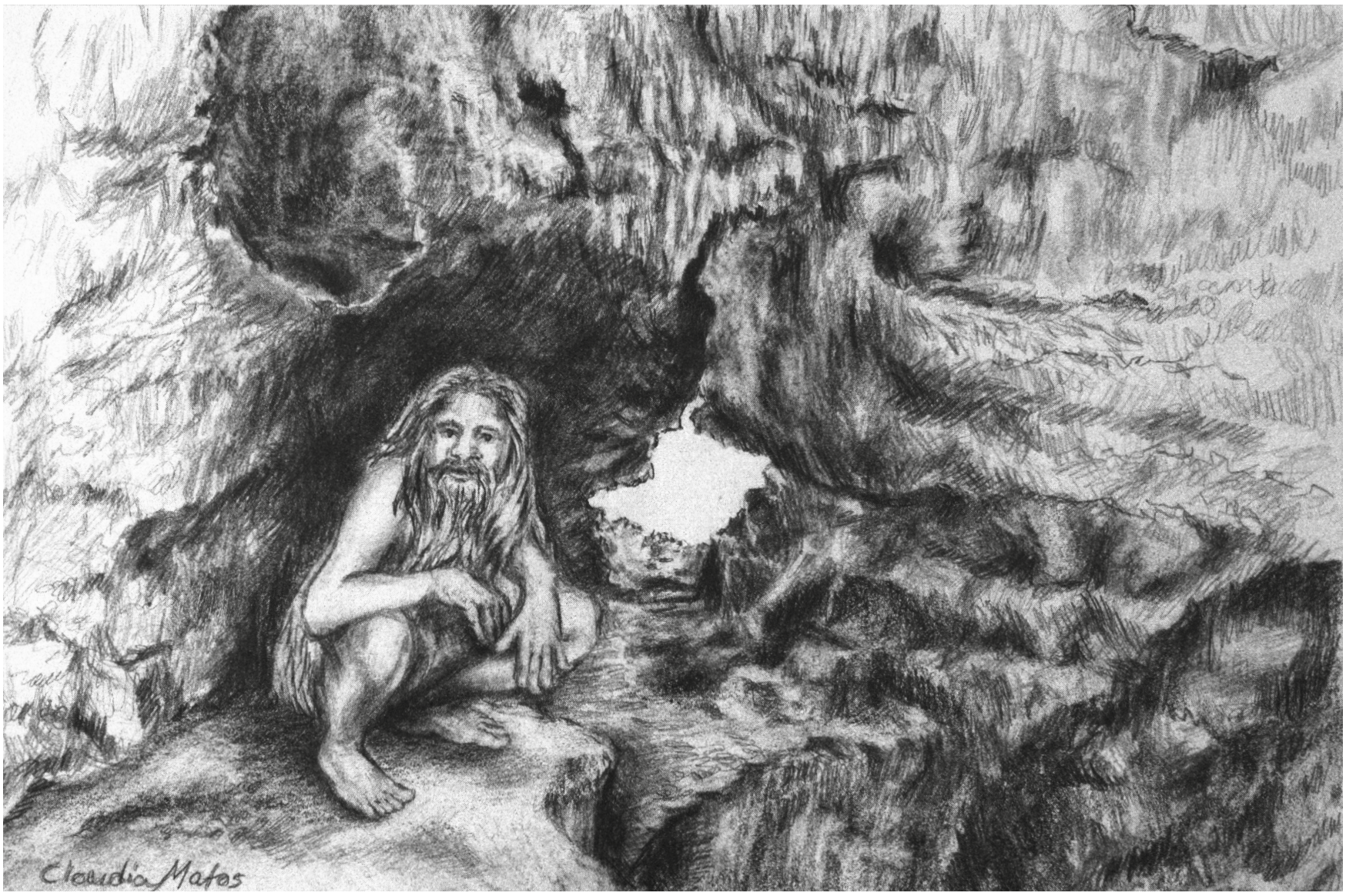
Nem ver, nem visto ser quero neste ermo,
Nem mal, nem bem tratar mais que de mim,
Pois já da vida tenho feito termo.

Deixem-me morrer donde morrer vim,
Não queiram que mais viva o velho enfermo,
Nem queiram mais matar, sem lhe dar fim!

Frei Agostinho da Cruz, N.d.

Descritte come rifugi per le creature più temibili e persino come sfoghi per l'inferno, le grotte sono sempre state avvolte nel mistero a causa della paura che l'ignoto e l'oscurità esercitano sugli esseri umani. Tuttavia, il sentimento dell'uomo verso le grotte è cambiato nel corso della storia, passando da rifugio a luogo sconosciuto e temuto e a luogo di studio nel XIX secolo.
L'insignificanza temporale dell'uomo rispetto all'ambiente cavernicolo fa delle grotte delle autentiche isole del passato. Tuttavia, l'ostilità del loro ambiente unito alla loro difficile identificazione richiede la raccolta di sforzi affinché si conosca meglio la relazione ancestrale tra l'essere umano e il mondo sotterraneo. Dopo la loro formazione, le grotte continuarono il loro ciclo di eterna trasformazione: si verificarono riempimenti, crolli, concrezioni.

FIG.22 PEREIRA C.M., *Lapa Santa Margarida*, vista esterna, Disegno, 2015.


Claudia Matos

Questo fattore ha permesso la comparsa di zone asciutte nelle grotte e quando queste si presentavano con aperture verso l'esterno, diventavano disponibili per essere occupate, sia da animali sia da uomini. I nostri antenati sono stati i primi esploratori delle grotte. La relazione di essi con questi luoghi è stata tale da lasciarci tracce sufficienti affinché — in un contesto di esplorazione speleologica — potessimo immaginarli in questi spazi, studiare il loro comportamento e analizzare così le alterazioni artificiali da loro lasciate.[49]

Si conoscono pochissime grotte attive con presenza di acqua in tutta la zona di Arrábida; la maggior parte delle grotte consiste in sistemi con temperature medie intorno ai 18ºC. Oltre alla bellezza che rappresentano, costituiscono un patrimonio di interesse e importanza multidisciplinare. Le grotte sono testimonianza indiretta degli importanti serbatoi naturali d'acqua che, sebbene inaccessibili, esistono sotto di loro. Il clima, la vicinanza al mare e la complessità geologica della catena di Arrábida sono fenomeni generatori di alcuni tipi di grotte che non sono affatto comuni, come ad esempio: la Gruta do Frade, una tra le più affascinanti grotte del Portogallo e la più grande a sud del Tago; la Gruta do Meio, recentemente scoperta nella zona di Capo Espichel, che ha prove di erosione che le conferiscono una struttura insolita; la Gruta do Zambujal, la prima cavità portoghese classificata con lo status di interesse speleologico (decreto legge n.140 del 21 maggio) e Lapa do Fumo, sito archeologico, classificato come bene di interesse pubblico (decreto legge n.28/82), sono alcuni dei buoni riferimenti che dovrebbero essere presi in considerazione, poiché illustrano particolarità della storia geologica e umana della regione.[50]

La Montagna di Arrábida è un monumento naturale di singolare importanza, ma è anche ricca di monumenti derivanti dall'occupazione umana nel corso di migliaia di anni. Tutto ciò è documentato nei resti archeologici identificati nelle indagini nell'ambito della Carta Archeologica di Arrábida, comune di Setúbal. Vari studi hanno permesso l'identificazione di diversi siti archeologici inediti, per lo più della preistoria, con importanti insediamenti del neolitico e dell'età del bronzo, così come la conferma di siti già identificati.[51]

FIG.23 PEREIRA C.M., *Lapa Santa Margarida*, ricostruzione idealizzata della Gruta da Figueira Brava occupata dall'uomo di Neanderthal, Disegno, 2015.
FIG.24 A pagina successiva: RASTEIRO F., *Gruta do Frade*, fotografia, 2019.

49 FERREIRA O.V., LEITÃO M., *Portugal pré-histórico: seu enquadramento no Mediterrâneo*. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1985, passim.
50 FERREIRA C. J. A., *Património arqueológico do distrito de Setúbal. Subsídios para uma carta arqueológica*. Setúbal: Associação de Municípios do Distrito de Setúbal, 1993, p. 34.
51 FERREIRA C. J. A., *op.cit.*, p. 35.

Inventario caverne

Dos solitário bosques a verdura,
Nas duras penedias sustentada,
Nesta Serra, do mar largo cercada,
Me move a contemplar mais formosura.

Que tem quem tem na terra mor ventura,
Nos mais altos estados arriscada,
Se não tem a vontade registada
Nas mãos do Criador da criatura?

A folha, que no bosque verde estava,
Em breve espaço cai, perdida de cor,
Que tantas esperança sustentava.

Por isso considere o pecador,
Se quando na pintura se enlevava
Não se enlevava mais o pintor.

Frei Agostinho da Cruz, N.d.

Insieme alle cime delle montagne e alle fosse oceaniche o abissali, le grotte costituiscono ancora dei territori, nella maggior parte dei casi, sconosciuti all'uomo. Molte grotte sono state utilizzate fin dall'antichità, conservando momenti o finestre di tempo in cui l'umanità le ha cercate, sia come rifugio per proteggersi dalle intemperie, dagli animali pericolosi, dai nemici o per depositare i propri morti e praticare altri riti di natura magico-religiosa. Pertanto, lo sfruttamento delle grotte è di interesse per l'umanità fin dalla preistoria. Si può vedere in alcune località del territorio di Arrábida come la grotta da Figueira Brava, Lapa do Morcegos o Lapa Fumo. Si propone un inventario di ventidue grotte, organizzato a seconda della loro localizzazione sulla montagna di Arrábida, diviso in quattro settori:

FIG.25 SOARES R., *Monte Abraão,* Arrabida, fotografia tratta da *A Arrabida no bronze final,* leituras e narrativas, Biblioteca nazionale, Ricardo Soares, I Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses, 23 Novembre 2013.

26

A Settore meridionale (Alpertuche - Outão). Riguarda le grotte la cui quota d'entrata si trova a un'altitudine inferiore ai 100 metri, corrispondente a grotte con un profilo marino e/o tettonico.
B Settore medio (Ponta dos Lagosteiros - Convento di Arrabida). Riguarda le grotte la cui quota si trova ad un livello superiore ai 100 metri e inferiore ai 220 metri, corrispondente a grotte con un profilo idrico/tettonico.
C Settore superiore (Monte Abraao - Formosinho - Arremula). Si riferisce a grotte con quota superiore ai 220 metri, corrispondente a grotte con un profilo tettonico.
D Settore settentrionale (Castelo dos Mouros - Valongo). Riguarda le grotte la cui genesi è dovuta all'evoluzione di valli fluvio carsiche, corrispondente quindi a grotte con un profilo fluvio carsico.
I dati raccolti includono la localizzazione, il riassunto storico, l'inquadramento e descrizione, elaborati grafici con pianta, profilo e sezione per ciascuna grotta.

FIG.26 SOARES R., *Lapa da Cereja*, Sgombero, pulizia e mappatura di Lapa da Cereja, Terras do Risco, Fotografia, 2009.

A pagina seguente mappa di localizzazione e distribuzione delle caverne. Legenda mappa: **1** Lapa Das Três Irmãs; **2** Lapa Do Medico II; **3** Gruta Do Medico; **4** Gruta Do Soprador Do Monte Abraão; **5** Lapa Das Galinhas; **6** Algar Dos Badalos; **7** Lapa Do Monte Abraão; **8** Algar Do Monte Abraão; **9** Lapa Di Alpertuche; **10** Lapa Das Conchas; **11** Lapa De Santa Margarida; **12** Gruta Da Figueira Brava; **13** Lapa Verde; **14** Lapa Do Capitão I; **15** Gruta Do Bafo; **16** Gruta Do Bom Jesus Da Arrábida; **17** Gruta Do Formosinho; **18** Algar S. João Do Deserto; **19** Lapa Dos Morcegos; **20** Lapa Do Castelo Dos Mouros; **21** Algar Das Aranhas; **22** Lapa Do Serrão.

00
Barbas de Cavalo
Praia dos Penedos
douro
Canhau do Risco
Canhau dos Alhos
Bico dos Aguilhões
Grutа dos Morcegos
Ponta dos Lagosteiros
Mata do Solitário
Terras do Risco
Praia de Alpertuche
Natural da Arrabida
Convento da Arrabida
Cela de Frei Agostinho da Cruz
Estaganhais
Serra
Fonte do Veado
Castelo dos Mouros
Pucnaleira
Picoto
Lapa S.ta M
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
20

21
22
19
ARRENTELA
Alto do Poiso do Cortiço
Fábrica de Cimento Secil
Cais da Secil
Outão
Hospital Ortopédico de Sant'iago de Outão
60
Parque Natural da Arrábida
Praia de Galapos
Praia dos Coelhos
Praia da Figueirinha
Chã da Anixa
Estação Arqueológica do Creiro
Praia da Anixa
Pedra da Anixa
1km
0
1
2km

Settore meridionale

27

Gruta da Figueira Brava

Localizzazione: Portinho da Arrábida

Freguesia: São Lourenço

Riassunto storico: La grotta da Figueira Brava è una grotta conosciuta fin dal Paleolitico, il che è dimostrato dai vari studi archeologici che vi sono stati realizzati. Il primo riferimento all'importanza patrimoniale della grotta si deve a Breuil e Zbyszewski.[52] Negli anni '60, lungo la galleria d'ingresso — probabilmente per il facile accesso e l'ottima posizione sul mare — vi fu installata una casa clandestina, che da allora è stata demolita. Nel 1986, Carlos Tavares da Silva e elementi del Centro di studio di Almada, procedettero alla raccolta di manufatti litici e della fauna pleistocenica. Tra il 1986 e il 1990, il Centro de Estratigrafia e Paleobiologia della Universidade Nova de Lisboa ha iniziato questa ricerca, in particolare J. L. Cardoso e C. Tavares da Silva[53], sotto il coordinamento di M. L. Antunes. La grotta ha dimostrato di essere una delle ultime roccaforti dell'uomo di Neanderthal, e la sua presenza è attestata da circa 30.000 anni.[54] A quel tempo, il mare era circa 60 metri sotto il suo livello attuale, e di fronte alla grotta c'era una estesa pianura costiera. La grotta costituiva un eccellente rifugio naturale dove si sono conservate le vestigia di questa occupazione. Resti di fauna, oggi abbastanza lontani dal nostro territorio, come il pinguino gigante, la foca artica, il leone, la iena, il rinoceronte, il bue selvatico, tra gli altri, fanno parte dei resti paleolitici trovati.[55]

Inquadramento e descrizione: La grotta, che ha un ampio ingresso sull'oceano, ha un dislivello massimo rispetto al livello medio del mare di +11,00 m, occupando una superficie di circa 748 mq. Il suo sviluppo principale stimato, in proiezione orizzontale, è di 74 m lungo gli orientamenti SE-NW e W-E.

FIG.27 UNIARQ, *Gruta da Figueira Brava*, Portinho de Arrábida, Fotografia, 2014. https://www.uniarq.net/projecto-gruta-da-figueira-brava.html

Nelle pagine seguenti: **1** Pianta; **2** profilo della caverna; **3** sezioni.

52 BREUIL H., ZBYSZEWSKI G., «Contribution à l'étude des industries paléolithiques du Portugal et de leurs rapports avec la géologie du Quaternaire. Les principaux gisements des plages quaternaires du littoral d'Extremadura et des terrasses fluviales de la basse vallée Tage», in *Com Servo Geol. Portugal*, XXVI, 1945, p. 678.

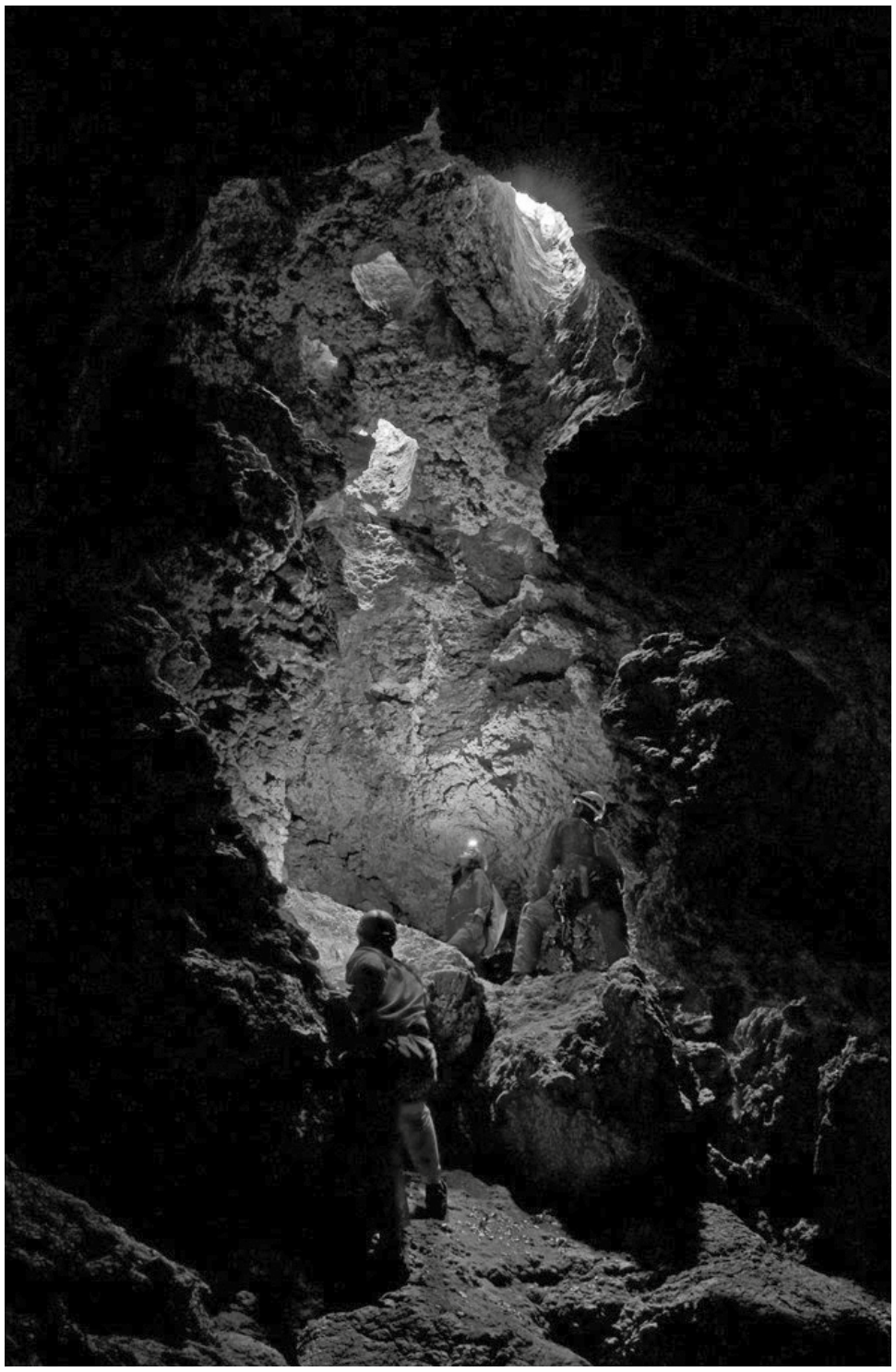
53 RAPOSO L., CARDOSO J.L., «A gruta da Figueira Brava, no contexto do Paleolítico Médio Final do Sul Ocidente Ibéricos», in *Actas do Encontro sobre Arqueologia da Arrábida*. Lisboa: Instituto Portugues de Arqueologia, 2000, pp. 7-19.

54 ANTUNES M.T., «O Homem da Gruta da Figueira Brava (ca. 30000): contexto ecológico, alimentação, canibalismo», in *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa - Classe de Ciências*, 1990-1991, pp. 487-536.

55 PAIS J., LAGOINHA P., «Gruta da Figueira Brava (Arrábida): geological setting», in *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa - Classe de Ciências*, Tomo XXXVIII, Lisboa, 2000, pp. 69-82.

I
b
b
c
c
a
0
5
10m

2
a-a
3
b-b
c-c
0
5
10m



28

Lapa verde

Localizzazione Portinho da Arrábida

Freguesia: São Lourenço

Riassunto storico: I primi riferimenti scritti su Lapa Verde furono pubblicati nel 1957 da Rogerio Clara, nel testo «Setúbal Após o Terramoto de 1755», che trascrive letteralmente le informazioni fornite dai parroci delle chiese di Setúbal, nel 1758, relative allo stato delle loro parrocchie dopo il terremoto del 1755. In essi possiamo leggere «tra la suddetta lapa, camminando verso la parte della fortezza ci sono alcune concavità vicine al cammino molto pericolose dove si ha notizia della morte di un religioso Arrabido, che chiamano Alcantis, che sono come pozzi stretti che comunicano col mare.»[56] Questi Alcanti, essendo verticali e con un accesso pericoloso via terra, erano però facilmente accessibili dal mare. È possibile che una parte del complesso di grotte sia stata utilizzata dall'uomo preistorico, e che l'azione chimica e meccanica del mare abbia cancellato per sempre le tracce di quella memoria. Circa 30000 anni fa, con l'avanzata della glaciazione di Wurm, il mare sarebbe stato circa 60 metri sotto il livello attuale, dando origine a una pianura costiera dove l'uomo ha poi circolato.[57] L'insieme sotterraneo di Lapa Verde aveva ottimi ripari a cui questi stessi uomini, certamente, non erano indifferenti. In tempi attuali, la grotta è accessibile da visitatori occasionali e speleologi che vedono in esso un gruppo cavernicolo di genesi unico in tutto il territorio di Arrábida e nazionale.

Inquadramento e descrizione: La grotta occupa un'area stimata di 2640 mq e ha un dislivello massimo di +6,60m, con il suo ingresso principale a livello del mare. Lo sviluppo principale stimato della grotta, in proiezione orizzontale, è di 120 m lungo un orientamento SW-NE.

FIG.28 *Lapa verde*, Aspetto di una sala della grotta, Portinho da Arrábida, Fotografia tratta da GONÇALVES L.J, No tempo das grutas: carta arqueológica e espeleológica da Serra da Arrábida (Concelho de Setúbal), Lisboa: Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, Setúbal: Câmara Municipal de Setúbal, 2016.

FIG.29 A pagina seguente: Autore sconosciuto, *Lapa verde*, Aspetto di una galleria inondata, Fotografia, n.d. https://vertentenatural.com/atividadeemagenda/lapa-verde-09-10-2021/

FIG.30 A pagina seguente: Autore sconosciuto, *Lapa verde*, Aspetto di una galleria inondata, Fotografia, n.d. https://vertentenatural.com/atividadeemagenda/lapa-verde-09-10-2021/

Nelle pagine seguenti: **1** Pianta; **2** sezioni.

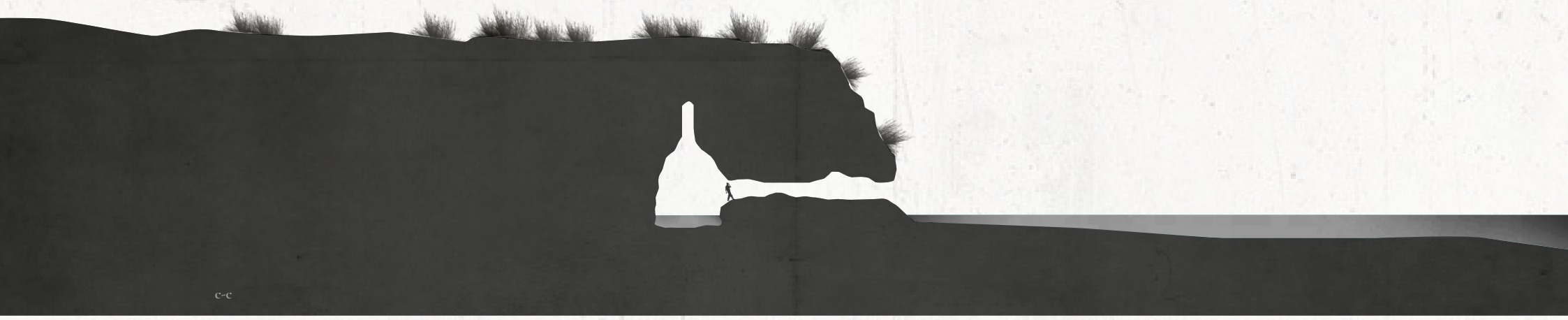
56 «[...] entre a dita lapa caminhando para a parte da fortaleza tem algumas concavidades junto ao caminho muito perigosas donde ha noticia morreo hum religioso Arrábido, a que chamam Alcantis, que são como posos estreitos e se comunicam ao mar.» CLARO R., *Setúbal Após o Terramoto de 1755*, Informação Paroquiais, Setúbal, 1957, p. 107.

57 PAIS J., LAGOINHA P., «Gruta da Figueira Brava (Arrábida): geological setting», in *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa - Classe de Ciências,* Tomo XXXVIII, Lisboa, 2000, pp. 69-82.

I
a
b
c
d
0
10
20m

a-a

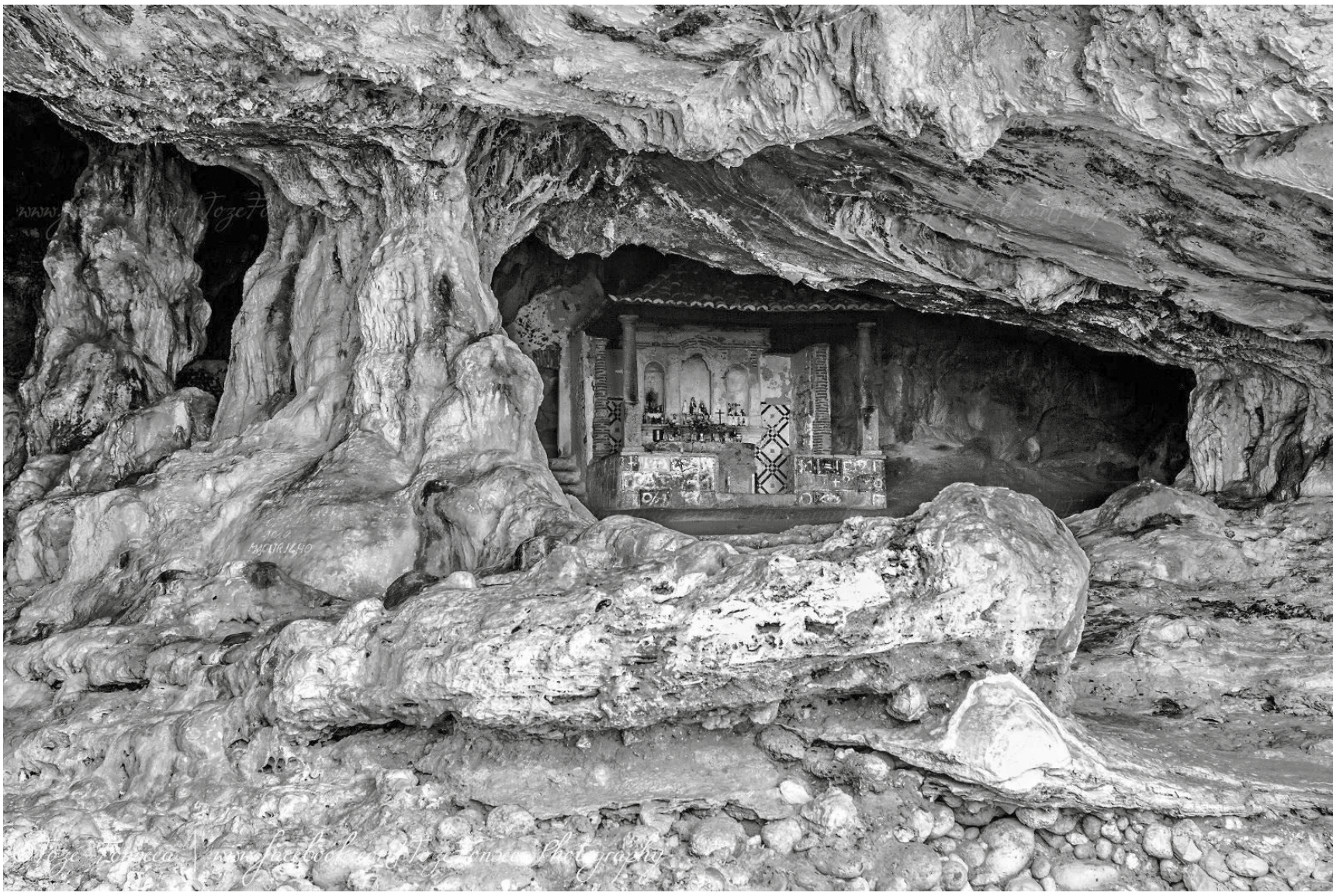
b-b



c-c

d-d

0 10 20m



31

Lapa de Santa Margarida

Localizzazione: Portinho da Arrábida

Freguesia: São Lourenço

Riassunto storico: Lapa de Santa Margarida è una delle cavità più iconiche di Arrábida, per cui la sua esistenza è sempre stata conosciuta a livello locale. La grotta ha conquistato nell'immaginario regionale, un'aura di luogo sacro, rifugio, spiritualità e leggenda. Riguardo ai pellegrinaggi secolari che si tengono qui, si dice che ebbero origine quando una barca cristiana, inseguita dai corsari moreschi, riuscì a scappare da loro, rifugiandosi nella grotta. Molto vicino alla grotta, la barca moresca si arenò e i membri del suo equipaggio furono catturati dalla gente di terra. I pescatori erano eternamente grati alla vergine e ogni anno, nella data dell'evento, vi si recavano in pellegrinaggio con le loro barche, ascoltando la messa in onore della Madonna della Salvezza.

Nel XVII secolo, fu costruita una cappella per ospitare l'immagine di Nostra Signora della Salvezza, patrona dei pescatori, così come Santa Margherita, patrona dell'eremo, e Sant'Antonio.

C'era un eremita che visse vicino all'eremo, sostenuto dalla casa dei duchi di Aveiro, a cui la serra apparteneva.

Questa cavità di Arrábida è sempre stata conosciuta da tutte le generazioni che hanno abitato la regione, Joaquim Rasteiro nel 1857 nella pubblicazione *O Arqueólogo Portugués* menzionava: «La lapa di Santa Margarida, vicino al mare. Ha preso il nome della cappella di questa vocazione, che si trova all'interno. E un buon accesso, molto grande; robuste colonne naturali sembrano sostenere la copertura delle rocce.»[58]

Alexandre Herculano lo ha descritto così: «si apre in due archi nella roccia, uno che si affaccia sul mare, l'altro che porta alle falesie. Si entra da quella che dà sul mare, fin dove si può far entrare la propria barchetta, come fanno i pescatori del Capo quando vanno a sentire la messa o a portare un'offerta al Santo di Lapa. Improvvisamente la grotta silenziosa si inarca su di te, piena di una freschezza e morbidezza inalterabile, sepolta in un religioso silenzio che lo sciabordio delle onde non sembra interrompere.

La concava della Lapa è tagliata irregolarmente in stalattiti capricciosi. In alcuni punti, le colonne vitree — che i naturalisti chiamano stalagmiti — si alzavano dal suolo, e crescevano così tanto che potevano fondersi con le grandi masse di carambina che pendevano dalla volta. Si sono abbracciati e hanno fatto delle colonne che tre uomini non potrebbero abbracciare con le loro braccia.»[59]

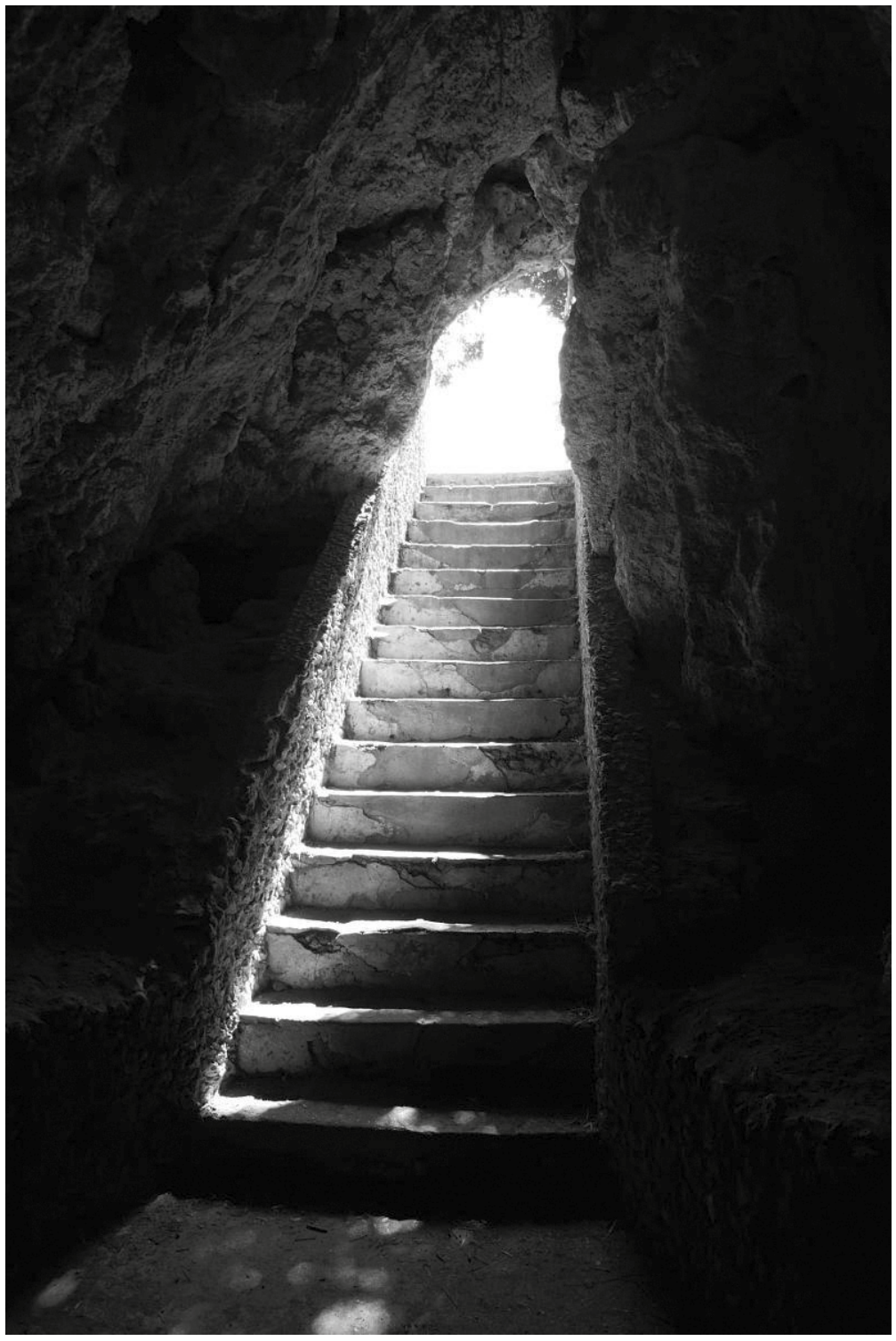
Inquadramento e descrizione: La grotta, nel Tirreniano III ha avuto, a causa delle azioni chimiche e meccaniche esercitate dal mare, combinate all'azione carsica. La sua evoluzione continuò, allargando diverse fratture, che portarono all'apertura e all'ampliamento di un'enorme sala.[60]

Ha due ingressi, di cui il principale è esposto sull'oceano.

FIG.31 *Gruta da Lapa de Santa Margarida*, Arrábida, Setúbal. Fotografia tratta da Portugal Num Mapa. https://www.portugalnummapa.com/lapa-de-santa-margarida/#prettyPhoto.

58 «A lapa de Santa Margarida, junta ao mar. Tomou o nome da capella d'esta vocação, que tem dentro. E de bom accesso, muito vasta; robustas columnas naturaes parecem sustentar a cobertura dos rochedos.» RASTEIRO J., «Notícias Archeológicas da Península da Arrábida», in *O Arqueólogo Portugués*, Lisboa, 1.ª Série, III,1897, pp. 1-48.

59 «si apre in due archi nella roccia, uno che dà sul mare, l'altro che dà alle falesie», riferimento alle due stanze che costituiscono la grotta. «In alcuni punti le colonne vitree si alzavano dal suolo», un chiaro riferimento alla trasparenza proveniente dalle stalagmiti ancora in forma cristallina, non ossidata dalle condizioni avverse a cui fu sottoposta in seguito. «Tanto crescevano che potevano fondersi con le grandi masse di carambina che pendevano dalla volta», la carambina (ghiaccio che pende dagli alberi o dalle gronde dei tetti e risultanti dal congelamento della pioggia o della rugiada), un altro riferimento all'aspetto cristallino che tutta la grotta doveva presentare all'epoca. «Si sono abbracciati e hanno fatto delle colonne che tre uomini non potrebbero abbracciare con le loro braccia», riferimento alle dimensioni delle colonne esistenti nella grotta. Tutto questo prova quanto è stato sorpreso dalla bellezza immanente dopo averla visitata. Testo originale: «Abre-se em dois arcos na rocha, um que dá sobre o mar, outro que dá para fragas. Entra-se pelo que dá sobre o mar, até onde vos puder internar o vosso barquinho, como fazem os pescadores do Cabo quando vão ouvir missa ou levar oferenda à Santa da Lapa. De repente arqueia-se sobre vós a gruta silenciosa, cheia de uma frescura e de uma suavidade inalteráveis, sepultada num silêncio religioso que o roçar das ondas parece não interromper. Recorta-se irregularmente em caprichosas estalactites o côncavo da Lapa. Em alguns pontos, foram subindo do solo as colunas vítreas a que os naturalistas chamam estalagmites, e tanto cresceram que puderam fundir-se com as grandes massas de carambina pendentes da abóbada. Abraçaram-se e fizeram colunas que três homens não poderão abranger com os braços.» PINTO O., «Lapa de Santa Margarida», in *Sesimbra*, 2014, URL: http://www.sesimbra.com/grutas/grutas-e-lapas/serra-do-risco/lapa-de-santa-margarida.html, consultato Marzo 2021.



Il secondo ingresso, al quale si può accedere via terra, si trova alla fine di una scala che si estende per ben 200 m. Il suo livello rispetto al livello medio del mare è di circa + 5,50 m. La cavità occupa un'area stimata di 1056 mq e il suo sviluppo principale stimato, in proiezione orizzontale, è di 52 m secondo l'orientamento SW-NE. Nella zona centrale nel XVIII secolo fu costruita una piccola cappella.

FIG.32 BAPTISTA R.R., *Lapa de Santa Margarida*, Arrábida, Fotografia, n.d. https://pt.wikiloc.com/trilhas-trekking/praias-da-anicha-do-creiro-e-dos-coelhos-lapa-de-santa-margarida-ruinas-do-creiro-parque-natural-da-34619596/photo-22348423.
FIG.33 INSPIRE SETUBAL, *Santa Margarida*, Arrábida, Fotografia, 2019. https://inspiresetubal.monarqa.com/ha-um-altar-dentro-de-uma-gruta-da-arrabida/.
FIG.34 INSPIRE SETUBAL, *Santa Margarida*, Arrábida, Fotografia, 2019. https://inspiresetubal.monarqa.com/ha-um-altar-dentro-de-uma-gruta-da-arrabida/.

Nelle pagine 80-81: **1** Pianta; **2** sezioni.

60 PAIS J., LEGOINHA P., «Gruta da Figueira Brava (Arrábida): Geological setting», in *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa - Classe de Ciências*, Tomo XXXVIII, Lisboa, 2000, pp. 69-82.

I

b

?

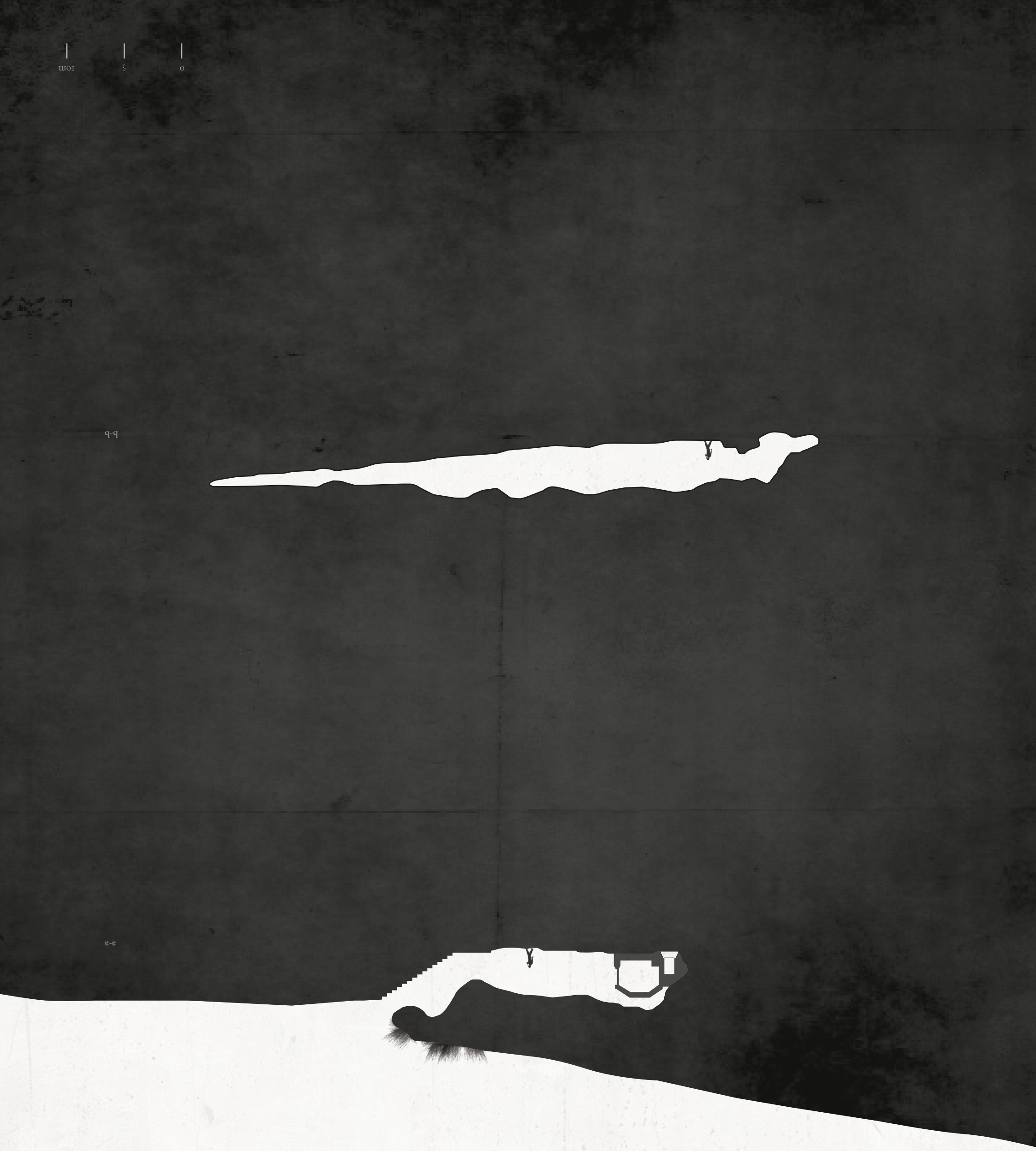
a

?

a

b

0 5 10m


0
5
10m
b-b

35

Lapa da Greta o das Conchas

Localizzazione: Portinho da Arrábida

Freguesia: São Lourenço

Riassunto storico: Lapa da Greta — o das Conchas, come viene comunemente chiamata oggi — è forse la meno conosciuta delle grotte che compongono il complesso di grotte, situato tra la spiaggia di Alpertuche e Portinho da Arrábida. Il primo riferimento scritto si deve a Joaquim Rasteiro, che nel 1857 pubblicò una breve descrizione della grotta in *O Archeologo Português*: «Le grotte o caverne naturali si trovano nella parte meridionale della serra da Arrábida. Le più notevoli sono... Lapa da Greta, più a ovest, che è invasa dalle acque dell'oceano nelle alte maree. Conteneva un certo numero di metri cubi di guano estratto in precedenza. In nessuna di queste grotte sono state trovate tracce dell'uomo preistorico».[61] Durante il rilievo topografico della grotta, nel 2012, realizzato dall'equipe della Carta Arqueologica de Setubal, sono stati identificati diversi frammenti di ceramica campaniforme, alcuni circondati da calcite, che confermano l'esistenza della grotta almeno dal III millennio a.C.

Inquadramento e descrizione: La grotta, inaccessibile via terra, ha un solo ingresso esposto all'oceano. Occupa un'area stimata di 126 mq e ha un dislivello, in relazione al livello medio del mare, di circa + 7,00m. Il suo sviluppo principale stimato, in proiezione orizzontale, è di 42 m di lunghezza e un'altezza massima di 2,5 m e con un orientamento SE-NW.

Fig.35 NOVAIS H., *Praia do Portinho da Arrábida,* Vista panoramica, Setubal, Fotografia, 1930-1980.
Nelle pagine seguenti: **1** Pianta; **2** profilo della caverna; **3** sezioni.

61 RASTEIRO J., «Notícias Archeológicas da Península da Arrábida», in *O Arqueólogo Português*, Lisboa, 1.ª Série, III,1897, pp. 1-48.

0
5
10m
a
b
c

b-b
c-c
a-a
0
5
10m

Lapa di Alpertuche

Localizzazione: Alpertuche; Portinho da Arrábida

Freguesia: São Lourenço

Riassunto storico: Nonostante l'inesistenza di qualsiasi riferimento scritto alla grotta, le prove qui presenti indicano che la lapa era conosciuta fin dalla preistoria. In tempi recenti, vicino all'ingresso, essa possedeva un'immagine di São Lourenço, nome della freguesia di cui fa parte. In uno strato di sabbia più scura, già all'interno, nel 2012, il team della Carta Arqueologica de Setubal ha rilevato diversi frammenti di ceramica artigianale e selce. Sempre nello stesso anno, gli speleologi della stessa squadra realizzarono la topografia e la relazione descrittiva dello spazio della grotta.

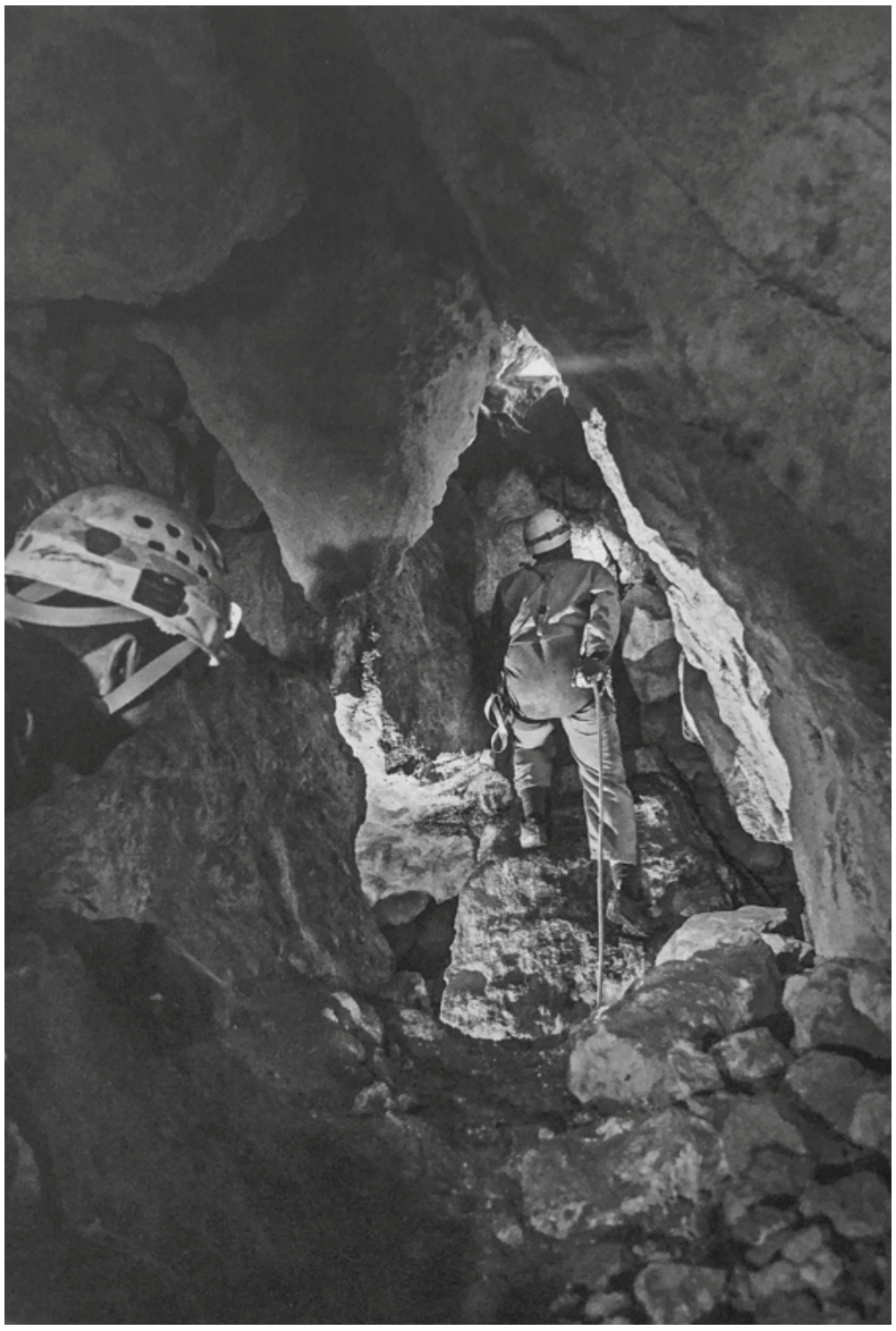
Inquadramento e descrizione: La Lapa è situata allo stesso livello dell'oceano e ha un dislivello massimo rispetto alla quota d'entrata di +3,00 m, occupa una superficie di circa 297 mq e il suo sviluppo principale stimato, in proiezione orizzontale, è di 33 m, con orientamento SW-NW.

FIG.36 *Lapa di Alpertuche*, Entrata della grotta, Portinho da Arrábida, Fotografia tratta da GONÇALVES L.J, No tempo das grutas: carta arqueológica e espeleológica da Serra da Arrábida (Concelho de Setúbal), Lisboa: Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, Setúbal: Câmara Municipal de Setúbal, 2016, p.172.

Nelle pagine seguenti: **1** Pianta; **2** profilo della caverna; **3** sezioni.

I
?
a
b
b
c
c
d
d
a
0
5
10m

2
?
a-a
3
b-b
c-c
d-d
0
5
10m



37

Gruta Do Bafo

Localizzazione: Serra da Cela; Portinho da Arrábida

Freguesia: São Lourenço

Riassunto storico: La grotta del Bafo è stata scoperta durante un'attività di prospezione dai membri del Nucleo de Espeleologia da Costa Azul, secondo il rapporto orale di uno dei membri di quella squadra, nel gennaio 1997. Il luogo dove si trova la grotta era stato descritto circa un secolo fa da Inacio Marques da Costa: «Sulla cima della montagna Cela, ai piedi della quale si trova il forte di Arrábida, vicino al Portinho dello stesso nome, l'illustre geologo, il signor Paul Choffat, ha trovato alcuni pezzi di porcellana fatti di argilla molto grossolana e mal scelta come quella di cui era fatto il vasellame preistorica. Ho viaggiato fino alla cima della collina e nella parte più orientale, sul bordo del forte di Arrábida, ho trovato un piccolo piano naturalmente fortificato dagli strati di roccia, che lì si alzano a strapiombo per servire da muro. In questa piana, pur non avendo fatto sondaggi, ho trovato per terra molti frammenti del suddetto vasellame».[62] Dato che la grotta era inaccessibile all'uomo per motivi geologici fino alla data della sua scoperta, tutto fa supporre che alcuni frammenti di ceramica identici a quelli descritti da Marques da Costa, che sono stati poi trovati all'interno della grotta, vi siano penetrati dalla superficie e che la grotta non sia mai stata frequentata dagli abitanti locali. Durante il febbraio 2013, la squadra di speleologi della Carta Archeologica di Setubal ha fatto il rilievo descrittivo e topografico della grotta.

Inquadramento e descrizione: La grotta occupa un'area stimata di 70 mq e ha un'altezza di -31,00 m, con il suo ingresso ad un'altezza di 71 m. Il suo orientamento principale è situato a SE, a partire dall'ingresso. Il suo sviluppo principale stimato, in proiezione orizzontale, è di 60 m secondo gli orientamenti NW-SE, SE-NW e W-E.

FIG.37 *Gruta do Bafo,* Portinho da Arrábida, Fotografia tratta da GONÇALVES L.J, No tempo das grutas: carta arqueológica e espeleológica da Serra da Arrábida (Concelho de Setúbal), Lisboa: Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, Setúbal: Câmara Municipal de Setúbal, 2016, p.176.

Nelle pagine seguenti: **1** Pianta; **2** Profilo della grotta; **3** sezioni.

62 «No cume da serra da Cela, no sopé da qual fica o forte da Arrábida, próximo do Portinho do mesmo nome, encontrou o distincto geólogo, o Sr. Paul Choffat, alguns pedaços de louça de barro muito grosseiro e mal escolhido como aquelle de que era feito a louca pré-histórica. Percorri o cume da dita serra e na parte mais oriental, so-branceira ao forte da Arrábida, dei com uma pequena chã fortificada naturalmente pelas camadas de rocha, que ahi se levantam a prumo como a servirem de muralha. Nesta chã, apesar de não mandar fazer sondagens, encontrei pelo solo muitos fragmentos de louça acima referidos» COSTA I.M., «Estações prehistoricas dos arredores de Setúbal: vivendas dispersas: grutas sepulcraes da Quinta do Anjo», in *O Arqueólogo Português*, 1.ª serie, XII, 1907, p. 210.

I

2
a-a
3
b-b
c-c
d-d
e-e
0
5
10m

Lapa Do Capitão I

Localizzazione: Serra da Cela; Portinho da Arrábida

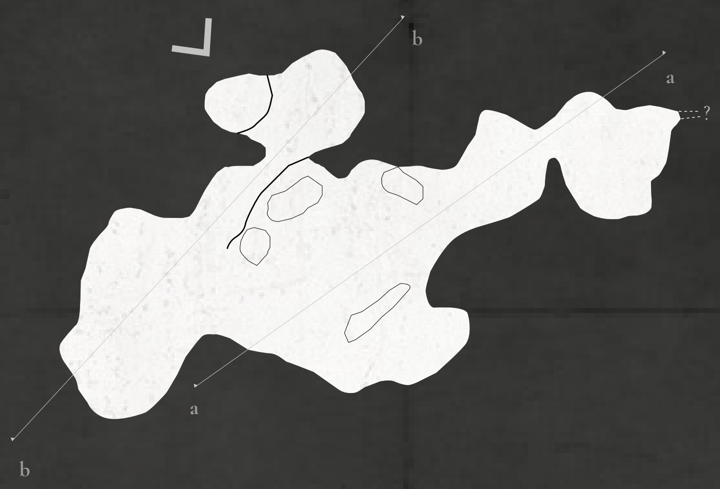
Freguesia: São Lourenço

Riassunto storico: A metà dicembre 2008, uno degli elementi della Carta Arqueologica de Setubal, ha individuato un foro più piccolo di un pugno chiuso e da dove ha rilevato una notevole corrente d'aria. Una sequenza di attività sul campo è stata poi condotta dal Centro de Estudos e Atividades Especiais-Liga da Protecao da Natureza, che ha portato alla scoperta di altre due grotte (Capitão II e III). Le entrate furono allargate e si scoprì che le due piccole grotte erano ostruite, associate alla prima, da materiale archeologico, quali ceramiche e altri resti. L'inesistenza di qualsiasi testo relativo a questa grotta, ci porta a pensare che questa sia stata una scoperta senza precedenti.

Inquadramento e descrizione: La Lapa do Capitão I occupa un'area stimata di 44 mq e ha un'altezza di -6,00m, con il suo ingresso ad un'altezza di 110 m. Lo sviluppo principale stimato è di 14 m, in proiezione orizzontale, orientamento NE-SW e SW-NE.

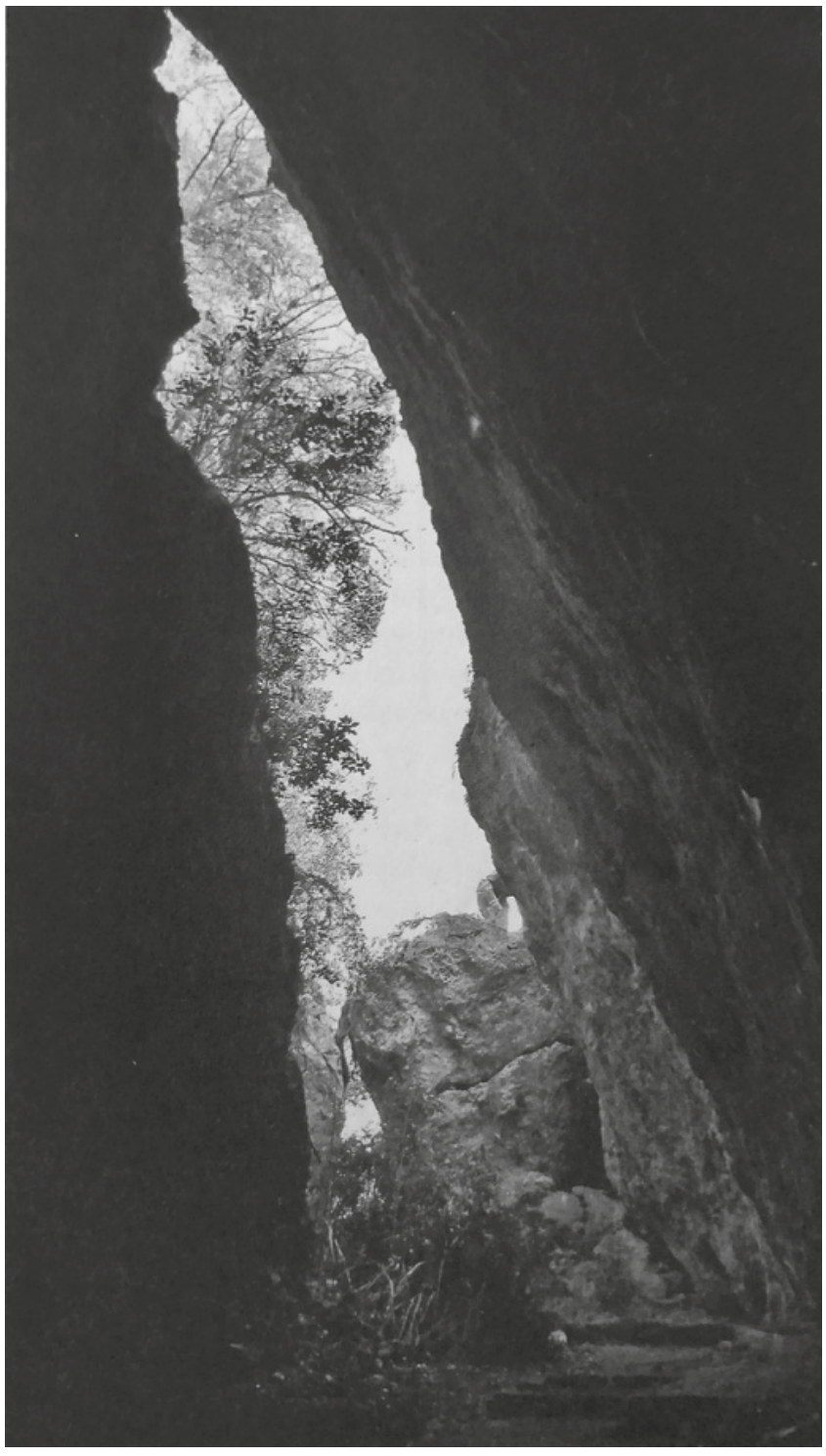
Nelle pagine seguenti: 1 Pianta; 2 sezioni.

1



2

0 5 10m



38

Lapa Dos Morcegos

Localizzazione: Outão; Arrábida
Freguesia: Nossa Senhora da Anunciada
Riassunto storico: Tutto indica che la Lapa dos Morcegos o Feiticeiras, nome con cui viene identificata ancora oggi, è una grotta conosciuta fin dalla preistoria. Il primo riferimento bibliografico si deve a Inicio Marques da Costa che nel 1905 pubblicò in *O Archeologo Portugues*: «[...] Per continuare l'itinerario verso Arrabida ci sono due sentieri: uno è stato costruito sul mezzo pendio della montagna dai frati di Arrabida, l'altro è un sentiero stretto e tortuoso dove bisogna o scalare le rocce, che sono sovrastate dalle onde, o discendere fino alla spiaggia di sabbia bianca. Seguendo questo sentiero, circa 400 metri oltre Outão, sulla destra si trova la lapa dos Morcegos, formata dalla rimozione di due strati di calcare giurassico, e dove i pastori della montagna usavano pascolare il loro bestiame».[63] Marques da Costa descrisse anche i dintorni della grotta: «In diversi punti nelle vicinanze di questa grotta ho trovato, sulla superficie della terra, diverse tracce umane [...] del periodo neolitico.»[64] La conferma dell'uso della grotta da parte dell'uomo preistorico fu poi confermata decenni dopo dal dottor Carlos Tavares da Silva, che negli anni '70 fece due esplorazioni nella grotta, dalle quali furono riesumati materiali corrispondenti alla Prima Età del Ferro (VIII-V a.C.) e al Calcolitico (III millennio a.C.)[65].
Inquadramento e descrizione: La grotta si trova a destra della EN 379-1, che va da Outão a Portinho da Arrabida, ad un'altezza di 44 m. Ha un ampio ingresso rivolto a est e occupa un'area di circa 320 mq e il suo sviluppo principale è di circa 54 m, lungo le direzioni E-W e S-N. La sua pendenza massima rispetto all'entrata è di -8,76m.

FIG.38 *Lapa dos morcegos,* Fotografia realizzata dall'equipe della CAS (Carta Arqueológica de Setúbal). Fotografia tratta da GONÇALVES L.J, No tempo das grutas: carta arqueológica e espeleológica da Serra da Arrábida (Concelho de Setúbal), Lisboa: Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, Setúbal: Câmara Municipal de Setúbal, 2016, p.182. Consultato Giugno 2021.

Nelle pagine seguenti: **1** pianta; **2** profilo della grotta; **3** sezioni.

63 «COSTA I.M., «Estações prehistoricas dos arredores de Setúbal: habitações pré-históricas ao longo da costa marítima: estação pré-histórica da Commenda: estações de Outão e Galapos», in *O Arqueólogo Português*, 1.ª serie, X, 1905, p. 192.
64 COSTA I.M., *ibid.*, p. 193.
65 SILVA C.T., SOARES J., *Arqueologia da Arrábida. Parques Naturais*, *15*, Lisboa: Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza, 1986, *passim*.

I
?
?
?
b
b
a
c
c
a
0
5
10m

b-b
c-c
a-a
0
5
10m

Settore medio

Lapa Das Três Irmãs

Localizzazione: Ponta dos Lagosteiros; Arrábida

Freguesia: São Lourenço

Riassunto storico: La Lapa das Tres Irmãs è stata scoperta nel 2009 durante un'attività di prospezione effettuata dagli speleologi del team della Carta Archeologica di Setubal. Più tardi la stessa squadra eseguì il rilievo topografico e descrittivo della cavità, nell'anno 2013.

Inquadramento e descrizione: La grotta si trova a circa 200 m di altitudine, sulla Ponta dos Lagosteiros. Occupa un'area stimata di 27 mq e ha un'altezza massima di -5,00 m rispetto all'altezza d'ingresso. Il suo sviluppo principale, in proiezione orizzontale, è stimato intorno ai 9 m, con un orientamento E-W.

Nelle pagine seguenti: **1** Pianta; **2** Sezioni; **3** Profilo della grotta.

a-a

b-b

c-c

0

5

10m

1

2

3

Lapa Do Medico II

Localizzazione: Monte Abraão; Arrábida

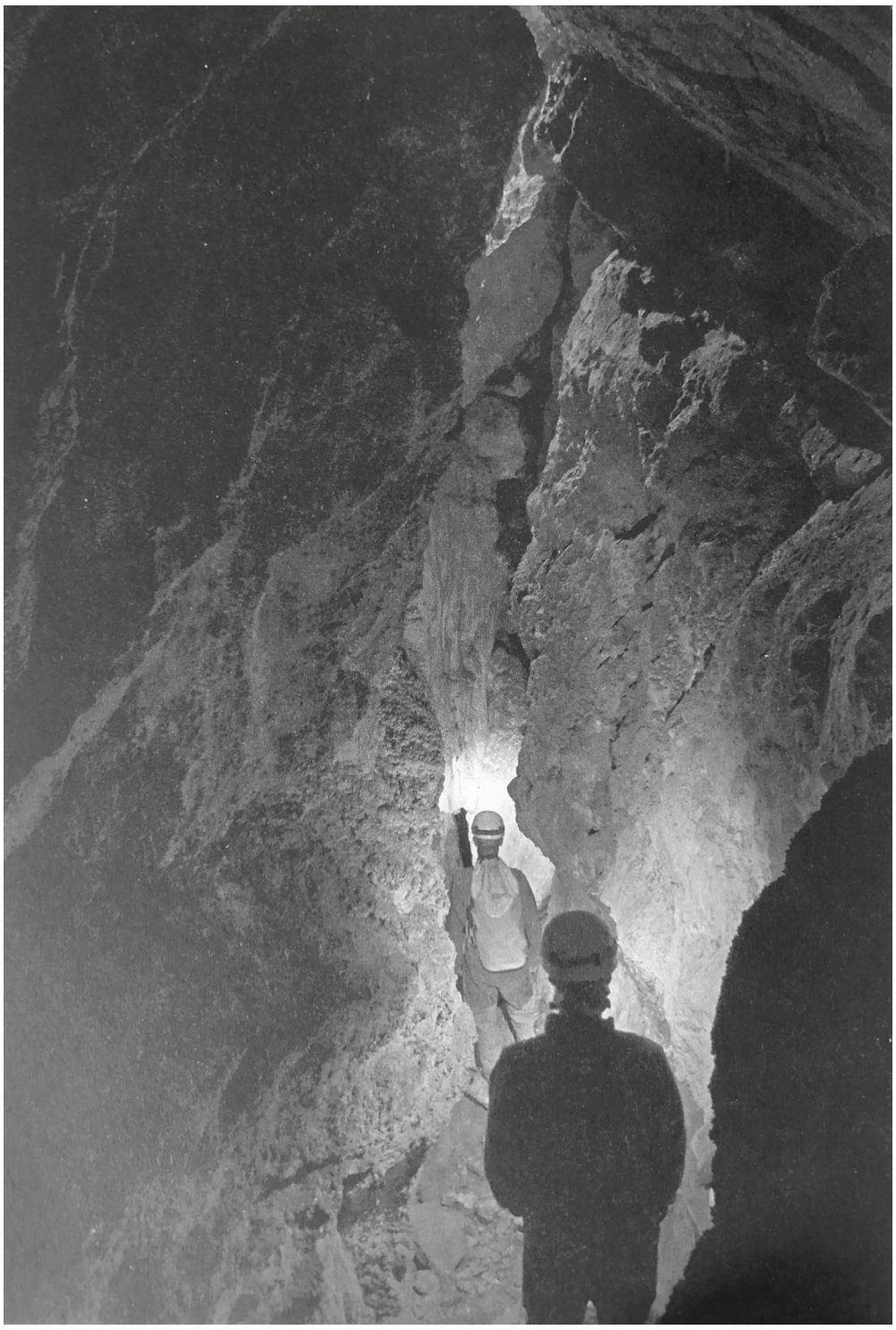
Freguesia: São Lourenço

Riassunto storico: La Lapa do Medico II è stata scoperta dalla squadra di speleologi della Carta Archeologica di Setubal, nel 2011. Anche se il suo ingresso era aperto, non c'è nessun riferimento riguardo esso o a qualsiasi altro spazio sotterraneo nelle sue vicinanze. Nel 2012 è stata realizzata una piccola attività di sondaggio, per valutare la probabilità di continuazione dello spazio, la topografia e la memoria descrittiva del sito.

Inquadramento e descrizione: La Lapa si trova ad un'altitudine di circa 200 m, sviluppandosi all'interno di rocce giurassiche. Occupa un'area stimata di 10 mq e ha un'elevazione di -10,00 m, in relazione al prospetto d'ingresso. Il suo sviluppo principale stimato, in proiezione orizzontale, è di 6 m lungo un orientamento SW-NE.

Nelle pagine seguenti: **1** Profilo della grotta; **2** Sezione; **3** Pianta.

1
2
3
?
a-a
b
a
b
?
b-b
0
5
10m



39

Gruta do Medico

Localizzazione: Monte Abraão; Arrábida

Freguesia: São Lourenço

Riassunto storico: La Grotta o Lapa do Medico è una delle grotte più conosciute della parte orientale della catena di Arrabida. Si dice che sia stato scoperta da un pastore mentre batteva con il suo bastone sul pavimento, tuttavia non esiste una conferma ufficiale a riguardo. Nel 1873, Manuel Maria Portela, fece riferimento alla grotta per la prima volta nell'opuscolo Gazeta Setubalense n.º218, del 27 giugno, dove possiamo leggere: «in un luogo eminente, non lontano dalla valle che chiamano Mata Coberta, per essere di spessore impenetrabile ai raggi del sole, si vedono ancora i resti del muro che protegge la concava della roccia dove abitava un medico, di cui la tradizione ci dice solo che era notevole per le sue conoscenze scientifiche, e che lì si ritirò, dopo aver attraversato vari paesi in lunghi viaggi.»[66] Qualche anno dopo, nel 1897, Joaquim Rasteiro pubblica una breve descrizione della grotta in *O Archeologo Portugues*: «La lapa do Medico, sul mezzo pendio del monte Abraao, a sinistra del sentiero che va dalla sorgente del Solitario al monastero attraverso la valle di S. Paulo. Aveva bellissime stalattiti e stalagmiti, che sono state per lo più distrutte dai visitatori. Il piano superiore era l'abitazione di un cenobita; il sotterraneo vi fu scoperto intorno al 1850 a causa della caduta di una pietra, che chiuse l'ingresso».[67] Durante il 2010, nelle prime registrazioni sul campo, il team di Carta Arqueologica de Setubal ha iniziato il rilievo topografico della grotta. Alla base dell'entrata verticale, è stato identificato un frammento di ceramica artigianale associato a due vertebre e denti umani, suggerendo questi risultati che la grotta era già conosciuta fin dalla preistoria/protostoria e che potrebbe essere stata nascosta di proposito fino alla sua riscoperta.

Inquadramento e descrizione: La Grotta del Medico è situata ad un'altitudine di circa 187 m.

Presenta una progressione semi verticale, con un dislivello di -21 metri. La sua superficie di circa 174 mq è formata da 4 sale sovrapposte in 3 livelli, che presentano molte e varie forme speleologiche. Il suo sviluppo principale stimato, nella proiezione orizzontale, è di 71 m lungo le direttrici SW-NE e NE-SW. L'entrata della grotta si trova in una cavità naturale, accanto ad alcune rocce cadute dalla scogliera, in un piccolo foro che si evolve verticalmente verso il suo interno. Evitando questo primo ostacolo, con o senza corda, si entra nella prima sala, quasi circolare, di grandi dimensioni, in relazione alle successive. A circa 5 metri dall'entrata di questa stessa sala ci imbattiamo in una stalagmite di forma curiosa, penso che sarebbe questa, alla quale si riferisce José Albino nella sua pubblicazione del 1939: «Nella stanza do Medico, proprio all'entrata, vediamo una mitra vescovile e, sullo sfondo, delle colonne che le danno un aspetto fantastico.»[68]

Circoscrivendo questa formazione a sinistra e scendendo ancora circa 5 metri con una corda, entriamo nella

FIG.39 *Gruta do Medico,* Fotografia realizzata dall'equipe della CAS (Carta Arqueológica de Setúbal). Fotografia tratta da GONÇALVES L.J, No tempo das grutas: carta arqueológica e espeleológica da Serra da Arrábida (Concelho de Setúbal), Lisboa: Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, Setúbal: Câmara Municipal de Setúbal, 2016, p.196. Consultato Giugno 2021.

66 «El logar eminente, e não distante do vale que chamam da Mata Coberta, por ser de espessura impenetrável aos raios de sol, vêm-se ainda os restos da parede que resguardam o côncavo da rocha onde habitou um médico, do qual a tradição nos refere apenas que foi notável pelos seus conhecimentos científicos, e que ali se recolheu, depois de haver percorrido vários países em dilatadas viagens» PORTELA M. M., *Gazeta Setubalense*, n.º 218, 27/6/1873.

67 «A lapa do Medico, na meia encosta do monte Abraão, á esquerda do caminho que vae da fonte do Solitário para o mosteiro pelo valle de S, Paulo. Tinha formosas estalactites e estalagmites, que foram destruidas na maior parte pelos visitadores. A parte superior foi habitação de um cenobita; o subterrâneo foi descoberto ahi por 1850 devido á queda de uma pedra, que fechava a entrada.» RASTEIRO J., «Noticias arqueológicas da Península da Arrábida», in *O Archeologo Portugues*, 1.ª serie, III, 1897, p. 3.

40

seconda sala. Questa di dimensioni minori, presenta nella parete destra, una zona abbastanza umida, costituita da formazioni specifiche e dove è possibile verificare la comparsa di piccole gocce d'acqua gassosa-carbonica, che dimostrano la vivacità della grotta. Ancora a destra, in questa seconda stanza, possiamo osservare un passaggio, per una terza stanza abbastanza alta, con circa 3 metri e in forma di corridoio. Alla sua fine si incontra l'ostacolo più difficile e temibile di questa cavità, il famoso e terribile Buraco da Agulha: «Nota personale: ricordo come se fosse oggi, la prima volta che vi entrai, ero giovane, accompagnato dai miei amici, fu difficile entrare nel Buraco da Agulha, solo dopo vari tentativi e con gli insegnamenti di Jorge Campos (figlio), che era già lì sotto, ci riuscii, il peggio fu nel ritorno, dovetti togliere la cintura dove alloggiavo tutte le batterie, che alimentavano le mie fonti di illuminazione, per poter uscire, quasi al buio ma ce la feci».[69]

In questo modo possiamo raggiungere la quarta e ultima stanza con circa 3 metri, se vogliamo andare in fondo alla galleria dobbiamo ancora scendere di circa 1,5. Dal punto di vista archeologico, data la posizione della grotta e tutte le vicinanze che ha con altre (Lapa de Stª Margarida, Gruta da Figueira Brava, Gruta dos Morcegos), di valore già riconosciuto, esistenti nella regione, era quasi impossibile che non fosse servita anche come rifugio, necropoli, grotta-santuario, alle diverse culture che abitavano la regione: «L'atrio conserva ancora vestigia di un'antica costruzione, aderente alla roccia (la struttura in pietra secca delle cornici delle porte e gli inizi di un tetto a portico), probabilmente con funzione religiosa, data la vicinanza della "lapacapela" di Santa Margarida e del Convento de Arrábida, e il fatto che un sentiero secolare lo collega all'eremo di El Cármen. Da notare anche la vicinanza a Portinho e Serra da Cela, a circa 1 km.»[70]

Alcuni reperti rinvenuti nella grotta, sono una forte indicazione di una necropoli che potrebbe appartenere all'Età del Bronzo Finale, dato il record di manufatti associati e i siti archeologici circostanti. D'altra parte, dato il contesto regionale, che è notevole per l'assenza di resti umani dell'età del bronzo in ambienti di grotta, questa potrebbe indicare una necropoli di un'epoca precedente all'età del bronzo. L'uso di questa cavità come grotta-santuario durante l'età del bronzo è un'ipotesi forte e aperta.[71]

Fig.40 *Gruta do Medico,* Fotografia realizzata dall'equipe della CAS (Carta Arqueológica de Setúbal). Fotografia tratta da GONÇALVES L.J, No tempo das grutas: carta arqueológica e espeleológica da Serra da Arrábida (Concelho de Setúbal), Lisboa: Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, Setúbal: Câmara Municipal de Setúbal, 2016, p.196. Consultato Giugno 2021.
Nelle pagine seguenti: **1** Pianta; **2** Profilo della grotta; **3** Sezioni.

68 «Na do Médico logo à entrada nos aparece como que uma mitra de bispo e ao fundo, colunas dando um aspecto fantástico.» ALBINO J. M. R., *Arrábida: publicação commemorativa da festividade celebrada pelo Antigo Círio de Setúbal/ José Maria da Rosa Albino*. Setúbal: Tipografia Sado de Francisco F. Santana, 1939.

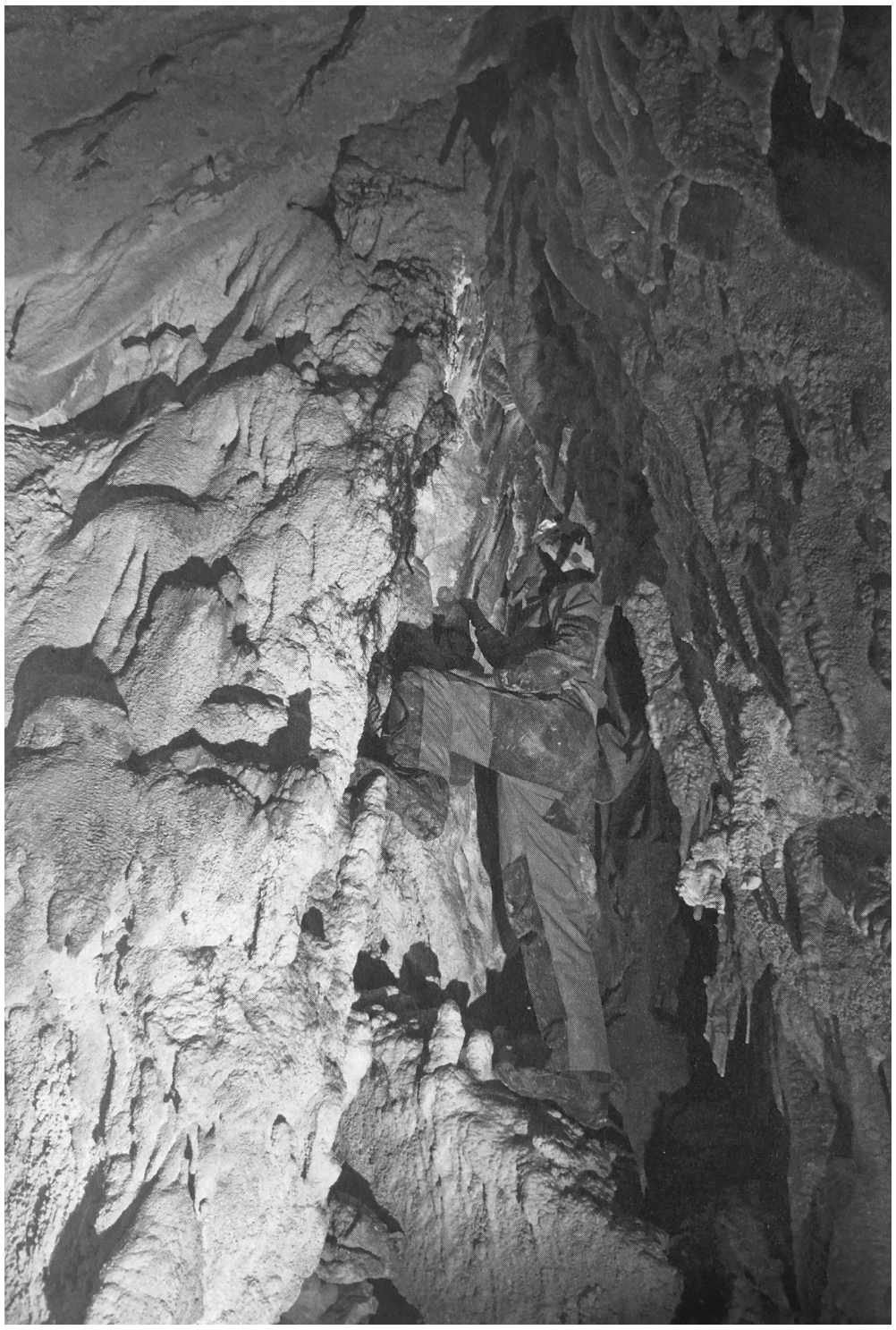
69 «Nota pessoal: lembra-me como se fosse hoje, a primeira vez, que lá entrei, era eu jovem, acompanhado dos meus amigos, foi difícil entrar no Buraco da Agulha, só após várias tentativas e com ensinamentos do Jorge Campos (filho), que já estava lá em baixo, consegui, o pior foi no retorno, tive de tirar o cinto onde alojava todas as pilhas, que alimentavam as minhas fontes de iluminação, para puder sair, quase às escuras mas consegui.» PINTO O., «Gruta do Medico», in *Sesimbra*, 2015, URL: http://www.sesimbra.com/grutas/grutas-e-lapas/serra-da-arrabida/gruta-do-medico.html, consultato Marzo 2021.

70 «O átrio de entrada ainda conserva vestígios de uma antiga construção adossada à rocha (a estrutura de pedra seca das ombreiras da porta e os arranques de uma cobertura alpendrada), provavelmente de função religiosa, tendo em conta a proximidade da "lapacapela" de Santa Margarida e do Convento da Arrábida e por ali passar um secular caminho que o liga ao ermitério de El Cármen. De assinalar, também, a proximidade ao Portinho e à Serra da Cela, a cerca de 1 km» SOARES R., *A Arrábida no Bronze Final: a paisagem e o homem*. Lisboa: Dissertação de mestrado apresentada na faculdade de letras da Universidade de Lisboa, 2012, p. 86.

71 SOARES R., *ibid.*, p. 87.

I

b-b
c-c
d-d
0
10
20m



41

Gruta Do Soprador Do Monte Abraão

Localizzazione: Monte Abraão; Arrábida

Freguesia: São Lourenço

Riassunto storico: La Grotta do Soprador do Monte Abraão è stata scoperta l'undici novembre 2012 dal team di speleologi della Carta Arqueologica de Setubal. Durante il rilievo topografico delle cavità appartenenti all'area di studio della Carta Archeologica, la squadra si stava spostando verso una piccola lapa, quando, seguendo l'orientamento degli strati geologici che compongono questa zona della montagna, hanno trovato una piccola apertura vicino al suolo e da dove hanno rilevato un forte spostamento d'aria. L'intensità dello spostamento d'aria e l'umidità che trasportava fecero prevedere uno sviluppo sotterraneo, quindi allargarono l'entrata con molto sforzo. Durante il mese di novembre e parte di dicembre dello stesso anno, si dedicarono all'esplorazione del suo sviluppo sotterraneo, che includeva le disostruzioni, permettendo l'accesso a diverse stanze, la topografia, la descrizione, l'immagine e il trattamento dei dati. Le esplorazioni hanno dato eccellenti risultati preliminari, rendendo questo spazio, senza dubbio, il più promettente della zona orientale della catena da Arrábida.

Inquadramento e descrizione: L'ingresso della grotta è situato ad un'altitudine di circa 206 m. Occupa un'area stimata di 165 mq, con un dislivello massimo rispetto alla quota di ingresso di -20,00 m. Lo sviluppo principale stimato, in proiezione orizzontale, è di 33 m lungo un orientamento SW-NE.

FIG.41 *Gruta do Soprador do monte Abraao,* Aspetto di un passaggio dentro la galleria, Fotografia realizzata dall'equipe della CAS (Carta Arqueológica de Setúbal). Fotografia tratta da GONÇALVES L.J, No tempo das grutas: carta arqueológica e espeleológica da Serra da Arrábida (Concelho de Setúbal), Lisboa: Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, Setúbal: Câmara Municipal de Setúbal, 2016, p.200. Consultato Giugno 2021.

Nelle pagine seguenti: **1** Pianta; **2** Profilo della grotta.

I

0 5 10m

0
5
10m

Lapa Das Galinhas

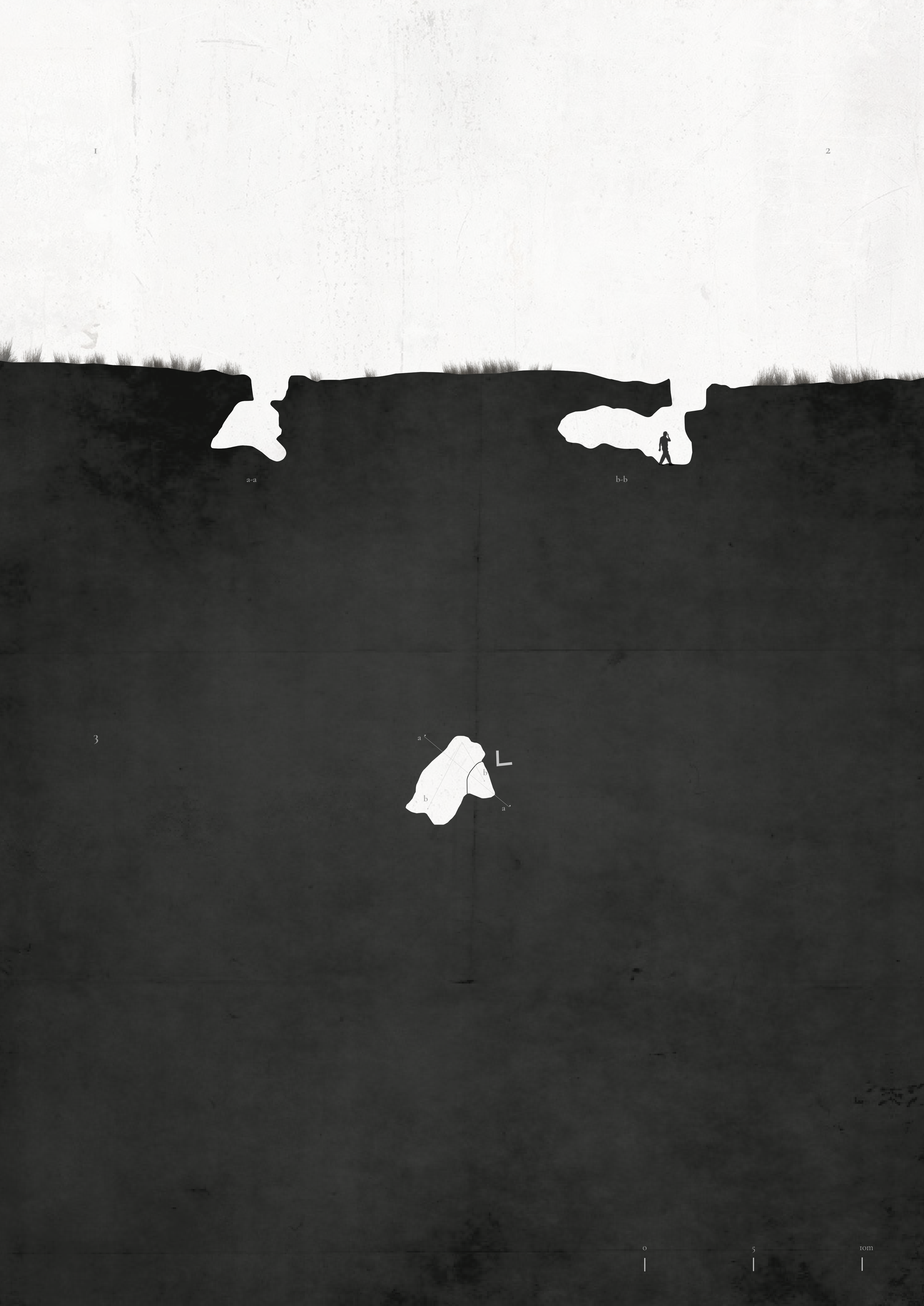
Localizzazione: Monte Abraão; Arrábida

Freguesia: São Lourenço

Riassunto storico: Lapa das Galinhas è stata scoperta dal team di speleologi del CAS, il 20 novembre 2011. Nell'aprile 2013 la stessa squadra esegue il suo rilievo topografico e descrittivo.

Inquadramento e descrizione: L'ingresso della grotta si trova a circa 197 m di altitudine. Occupa un'area stimata di 8 mq e ha un dislivello massimo in relazione alla quota di ingresso di -3,40 m. Il suo sviluppo principale stimato, in proiezione orizzontale, è di 4 m attraverso un orientamento NE-SW.

Nella pagina seguente: **1** Sezione; **2** Profilo della grotta; **3** Pianta.


1
2
a-a
b-b
3
a
b
b
a
0
5
10m

Settore superiore

42

Algar Dos Badalos

Localizzazione: Monte Abraão; Arrábida

Freguesia: São Lourenço

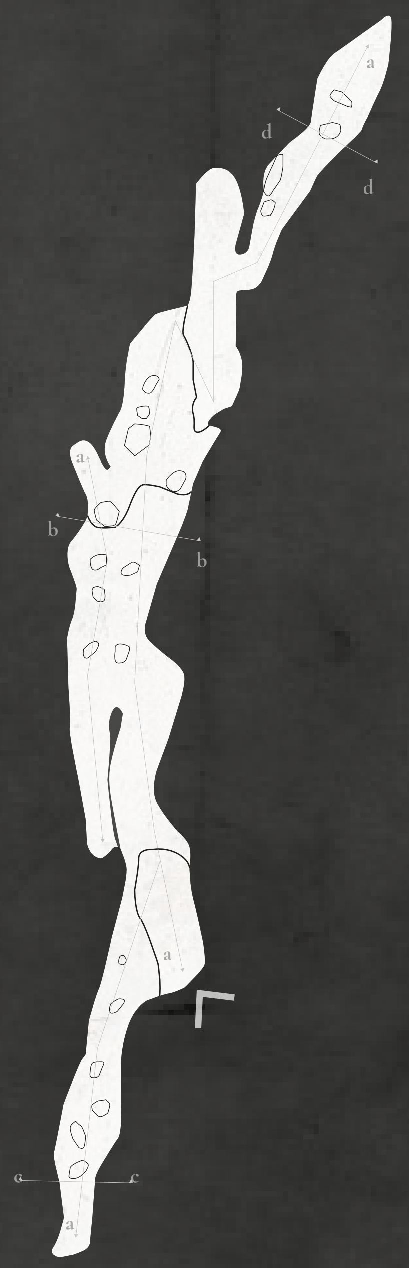
Riassunto storico: In mancanza di qualsiasi fonte scritta dell'esistenza di grotte in questa area della catena montuosa di Arrábida, in cima al Monte Abraão, si suppone che, sebbene la grotta fosse naturalmente aperta e fosse possibile accedervi facilmente, rimase nascosta fino ad allora. Nel 2012 è stato effettuato un rilievo topografico della grotta dal team di speleologi della CAS. Durante il rilevamento dei dati, su un altopiano nel settore nord del sotterraneo, è stata individuata una piccola continuazione dello spazio però ostruita. Nei giorni successivi, si intervenne su di essa, portando alla scoperta di un'altra piccola sala.

Inquadramento e descrizione: Algar dos Badalos è situata a circa 342 m di altitudine, sulla cima del monte Abraão, sul versante occidentale, a circa 200 m dalle tre iconiche croci già esistenti. Si tratta di una cavità verticale. Occupa un'area stimata di 60 mq e ha un dislivello massimo di -15,00 m. Il suo sviluppo principale stimato, in proiezione orizzontale, è di 30 m con orientamento S-N.

FIG.42 *Algar dos Badalos,* Prospettiva dall'interno verso l'entrata, Fotografia realizzata dall'equipe della CAS (Carta Arqueológica de Setúbal). Fotografia tratta da GONÇALVES L.J, No tempo das grutas: carta arqueológica e espeleológica da Serra da Arrábida (Concelho de Setúbal), Lisboa: Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, Setúbal: Cámara Municipal de Setúbal, 2016, p.208. Consultato Giugno 2021.

Nelle pagine seguenti: **1** Pianta; **2** Profilo della grotta; **3** Sezioni.

I



0 5 10m

Lapa do Monte Abraão

Localizzazione: Monte Abraão; Arrábida

Freguesia: São Lourenço

Riassunto storico: Lapa do Monte Abraão fu scoperta nell'anno 2011, durante una prospezione nella zona culminante del Monte Abraão, dalla squadra di speleologi e ricercatori della Carta Archeologica di Setubal. Nel 2013, la topografia e la relazione descrittiva dello spazio è stata fatta dalla stessa squadra.

Inquadramento e descrizione: La Lapa si trova a circa 362 m di altitudine e a circa 50 m dalle tre croci del Monte Abraão. È una cavità semi verticale, con un orientamento preferenziale verso SW dalla bocca d'ingresso. Occupa un'area stimata di 40 mq e ha un dislivello massimo di -11,00 m. Il suo sviluppo principale stimato, in proiezione orizzontale, è di 16 m lungo un orientamento NE-SW.

Nella pagina seguente: **1** Pianta; **2** Sezioni; **3** Profilo della grotta.

1
b
c
b
a
a
c
2
3
a-a
b-b
c-c
0
5
10m

Algar Do Monte Abraão

Localizzazione: Monte Abraão; Arrábida

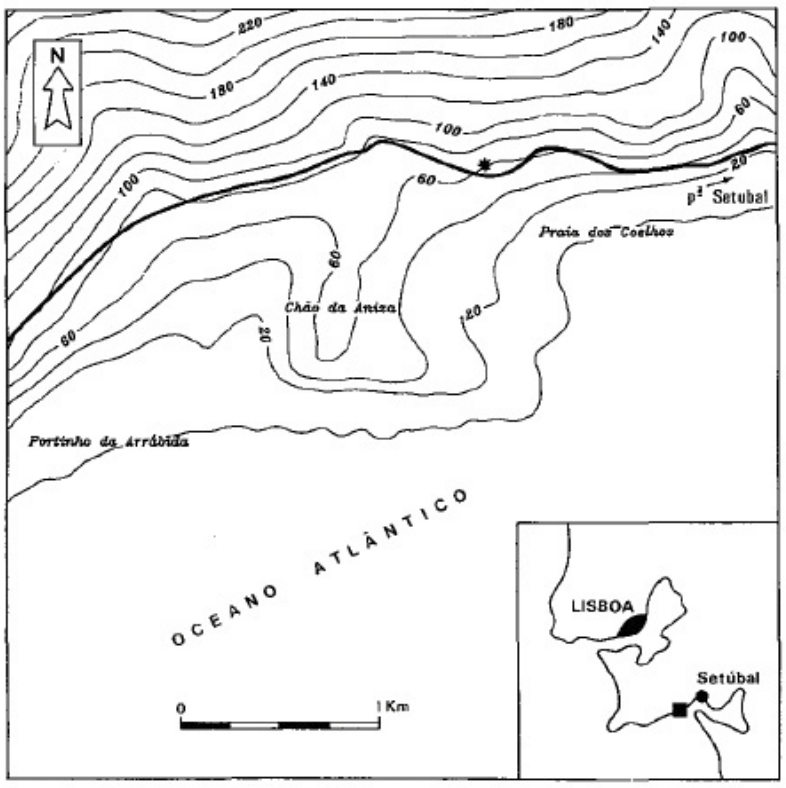
Freguesia: São Lourenço

Riassunto storico: Nel 2011, durante una prospezione nella zona culminante del Monte Abraão, la squadra di speleologi e ricercatori della CAS, identificò un piccolo foro più piccolo di un pugno chiuso. Un piccolo spostamento d'aria indicava che poteva esserci uno sviluppo sotterraneo e ci sono volute solo un paio d'ore di allargamento dell'entrata per rivelare questa grotta. Nel 2013, l'equipe speleologica ha effettuato il suo rilevamento topografico e descrittivo.

Inquadramento e descrizione: La grotta del Monte Abraão si trova ad un'altitudine di circa 388 m, sulla cima del monte, a circa 50 m dalle tre croci esistenti. È una cavità verticale e occupa un'area stimata di 5 mq e ha un dislivello massimo di -6,60 m, rispetto alla quota d'ingresso. Il suo sviluppo principale stimato, in proiezione orizzontale, è di 5 m lungo un orientamento NE-SW.

Nella pagina seguente: **1** Pianta; **2** Profilo della grotta; **3** Sezioni.

1
2
3
a
b
b
c
c
a-a
b-b
c-c
0
5
10m


N
220
180
140
100
60
20
Setubal
Praia dos Coelhos
Chão da Aniza
Portinho da Arrábida
OCEANO ATLÂNTICO
0
1 Km
LISBOA
Setúbal

43

Gruta da Fenda do Bom Jesus da Arrábida

Localizzazione: Bom Jesus da Arrábida; Arrábida

Freguesia: São Lourenço

Riassunto storico: Osservando la parete esterna della grotta, si presume che sia stata scoperta quando fu aperta la strada EN 379-1, nella prima metà del secolo scorso. Durante l'anno 2012 e 2013, la squadra della Carta Archeologica di Setubal ha effettuato il rilievo topografico e descrittivo della grotta.

Inquadramento e descrizione: La grotta riguarda un insieme di fessure, con orientamento SW-NE. Sono in generale strette e alte, e si sviluppano lungo pochi metri. Si trova ad un'altitudine di 314 m, occupa un'area stimata di 150 mq e ha un dislivello massimo rispetto alla quota d'ingresso di -6,00 m. Il suo sviluppo principale stimato, in proiezione orizzontale, è di 37 m seguendo un orientamento NE-SW e SW-NE.

Fig.43 Mappa dello scavo della strada EN 379-1, km 24,5, (*) localizzazione della presenza di quarzo e selce.
Nelle pagine seguenti: **1** Pianta; **2** Profilo della grotta; **3** Sezioni.

a
c
d
b
0
5
10m

0
5
10m
a-a
b-b
c-c
d-d

44

Gruta Do Formosinho

Localizzazione: São João do Deserto, Formosinho; Arrábida

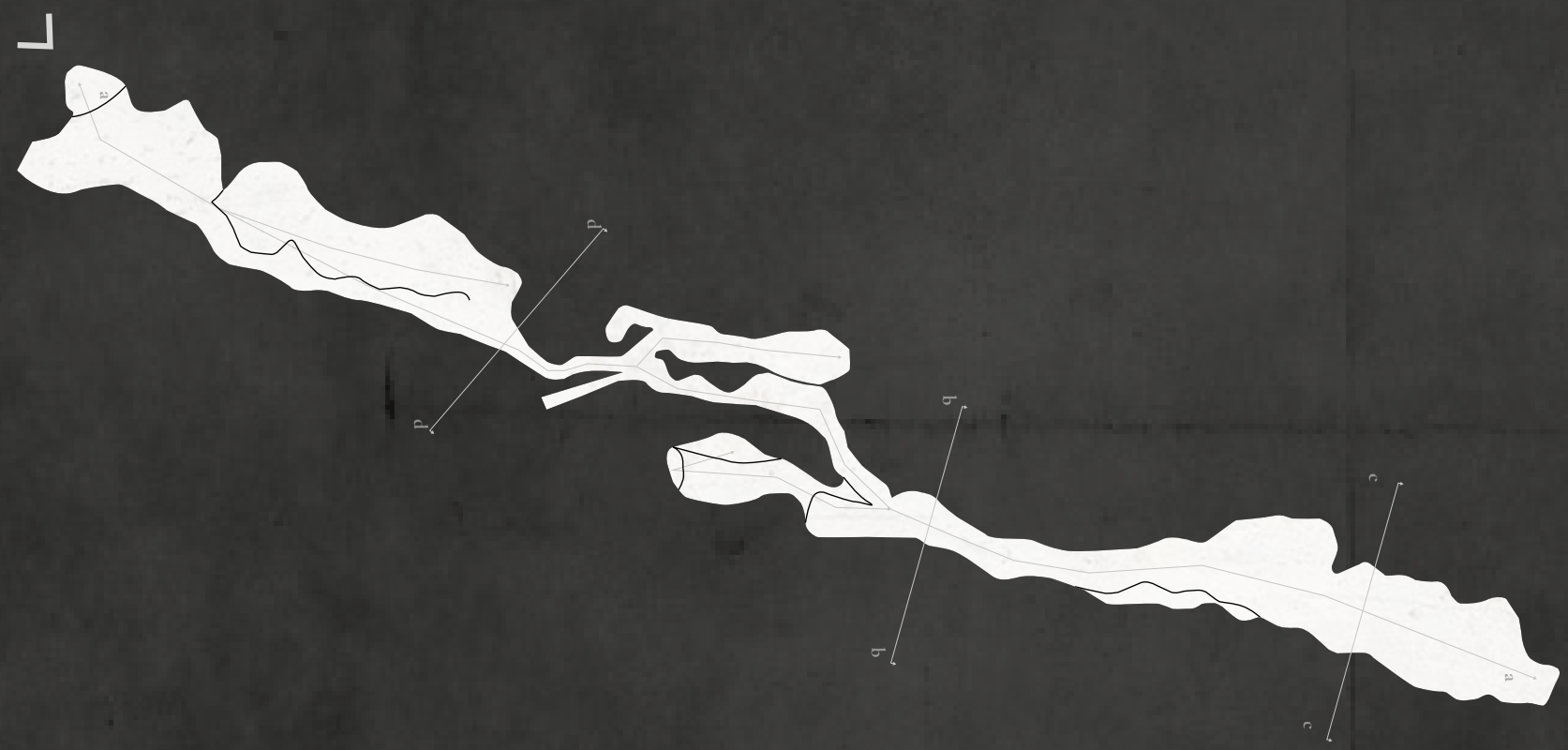
Freguesia: São Lourenço

Riassunto storico: La grotta do Formosinho è stata scoperta dal Nucleo de Espeleologia da Costa Azul, nell'anno 1995. Tuttavia, l'estensione totale conosciuta oggi è il risultato del lavoro di esplorazione realizzato nel 2006 dal CEAE/LPN (Centro de Estudos e Atividades Especiais da Liga para a Protecção da Natureza). Inizialmente era un piccolo buco situato a livello del suolo, che emanava una corrente d'aria costante. Nel 1995 è stata realizzata una piccola disotruzione che ha portato alla scoperta di una piccola lapa, lunga circa 16 metri. All'epoca, non fu possibile continuare, l'esplorazione fu interrotta e il sito fu gradualmente dimenticato. Nel 2006 è stata condotta una campagna esplorativa, dove è stata rilevata una forte corrente d'aria nella zona di esplorazione all'epoca abbandonata. Dopo vari tentativi di sblocco, fu trovata la continuazione della grotta. La lapa, a causa delle sue dimensioni, è ora chiamata gruta. Nel 2012, la squadra di speleologi del CAS, hanno finalmente realizzato il rilievo topografico e descrittivo.

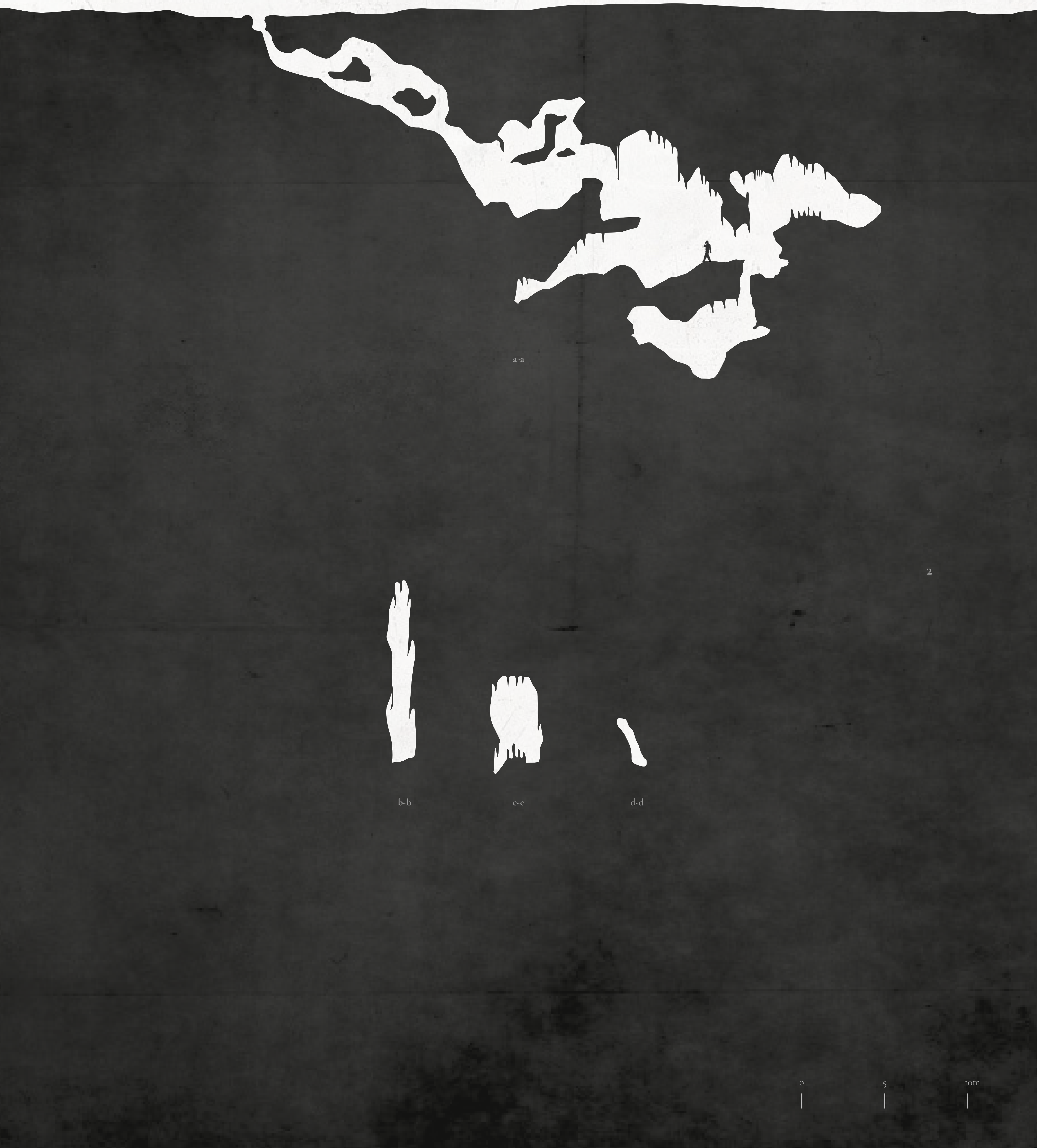
Inquadramento e descrizione: La cavità, di profilo semi-verticale, si trova accanto al monte Formosinho, sotto la depressione di São João do Deserto. Si trova ad una quota di 475 m occupando un'area stimata di 96 mq e un dislivello massimo rispetto alla quota di ingresso di -29,20 m. Il suo sviluppo stimato, nella proiezione orizzontale, è di 48 m, secondo l'orientamento SW-NE.

FIG.44 *Gruta do Formosinho,* Ingresso della galleria, Fotografia realizzata dall'equipe della CAS (Carta Arqueológica de Setúbal). Fotografia tratta da GONÇALVES L.J, No tempo das grutas: carta arqueológica e espeleológica da Serra da Arrábida (Concelho de Setúbal), Lisboa: Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, Setúbal: Câmara Municipal de Setúbal, 2016, p.220. Consultato Giugno 2021.

Nelle pagine seguenti: **1** Pianta; **2** Profilo della grotta; **3** Sezioni.



0
5
10m


2
a-a
2
b-b
c-c
d-d
0
5
10m

Algar S.João do Deserto

Localizzazione: Cabeça Gorda; Arrábida

Freguesia: São Lourenço

Riassunto storico: Algar S.João do Deserto fu scoperto nel novembre 1995, dal Nucleo de Espeleologia da Costa Azul, durante un'attività di prospezione. Nel febbraio 2013, la squadra del CAS ha eseguito il suo rilievo topografico e descrittivo.

Inquadramento e descrizione: La grotta si trova vicino al bordo meridionale della Cabeça Gorda, vicino al Monte Formosinho, ad una quota di 421 m. Si tratta di una grotta di tipo algar, a sviluppo prevalentemente verticale, che occupa un'area stimata di 4,8 mq, con un dislivello massimo dalla quota d'ingresso di -14,60m e uno sviluppo stimato, in proiezione orizzontale, di 6 m lungo un orientamento S-N.

Nella pagina seguente: **1** Profilo della grotta; **2** Pianta.

1
a–a
2
a
a
0
5
10m

Algar das Aranhas

Localizzazione: Murteira, Valongo; Arrábida

Freguesia: São Simão

Riassunto storico: L'apertura della strada EN 379-1, nella prima metà del secolo, il cui percorso rasentava l'algar, finì per depositare inavvertitamente una grande quantità di detriti che probabilmente causarono l'ostruzione della caverna. La cavità è situata a 3 km dall'insediamento dell'età del bronzo di Valongo, con possibile interesse speleologico e archeologico: «anche se nessuna informazione archeologica è stata ancora registrata, data la sua vicinanza all'insediamento di Valongo, permette di aspettare una relazione con quest'ultimo, tendenzialmente magico-religioso.»[72] I lavori di pulizia e topografia furono eseguiti nel 2012, per mezzo della squadra di speleologi della Carta Archeologica di Setubal, che nonostante la grande quantità di macerie rimosse, non riuscirono a raggiungere il pavimento originale.

Inquadramento e descrizione: La grotta si trova accanto alla EN 379-1, al chilometro 13,4, sul lato nord e ad una quota di 348 m. Si tratta di una grotta di tipo algar, prevalentemente verticale. Occupa una superficie stimata di 35 mq, con un dislivello massimo, in relazione alla quota di ingresso, di -14,80 m. Ha uno sviluppo stimato, in proiezione orizzontale, di 14 m secondo l'orientamento S-N.

Nella pagina seguente: **1** Profilo della grotta; **2** Pianta.

72 «Não obstante ainda não ter registado qualquer informação arqueológica, mas atendendo à sua íntima proximidade com o povoado de Valongo, permite expectar algum tipo de relação com este, tendencialmente mágico-religiosa.» SOARES R., *A Arrábida no Bronze Final: a paisagem e o homem*. Lisboa: Dissertação de mestrado apresentada na faculdade de letras da Universidade de Lisboa, 2012, p. 94.

1
a-a
2
a
a
0
5
10m

Settore settentrionale

Lapa do Castelo dos Mouros

Localizzazione: Castelo dos Mouros; Arrábida

Freguesia: São Lourenço

Riassunto storico: La lapa do Castelo dos Mouros, a quanto pare, è una grotta conosciuta fin dall'antichità dalle popolazioni locali. Si trova alla base di uno sperone roccioso, dal profilo asimmetrico, sul quale fu costruito il Castelo dos Mouros. Il sito fu descritto per la prima volta da Joaquim Rasteiro nel 1897: «Sul versante settentrionale delle colline di Arrábida si trova un monte chiamato Alivide o Olivide. Sembra fatta di una sola pietra, è spoglia, appare in lontananza come un lenzuolo gigante steso sulla serra. È più comunemente conosciuto come il Castello dos Mouros, o Jugo dos Mouros, di alcune costruzioni ciclopiche, che sul monte esistono, e mostrano tutta la crudezza dei tempi preistorici.»[73]

Nel 2012, il team di speleologi della Carta Arqueologica de Setubal ha intrapreso il suo rilievo topografico e descrittivo.

Inquadramento e descrizione: La grotta, aperta naturalmente verso l'esterno, si trova ad una quota di 298 m e occupa una superficie stimata di 32 mq. Il suo sviluppo principale stimato, in proiezione orizzontale, è di 8 m secondo un orientamento E-W.

Nella pagina seguente: **1** Profilo della grotta; **2** Sezione; **3**Pianta.

73 «Na vertente septetrional da serra da Arrábida há um monte chamado de Alivide ou Olivide. Parece de uma só pedra, é nu, alveja ao longe como lençol gigante estendido na serra. É mais vulgarmente conhecido por Castello dos Mouros, ou Jugo dos Mouros, de umas construcções cyclopicas, que no monte existem, e apresentam toda a rudez dos tempos prehistoricos.» RASTEIRO J., «Notícias archeológicas da Península da Arrábida», in *O Arqueólogo Português*, Lisboa, III, 1897, p. 33.

10m
5
0
a
a
b
b
a-a
b-b
1
2
3

Lapa Do Serrão

Localizzazione: Valongo; Arrábida

Freguesia: São Simão

Riassunto storico: La lapa, è situata nella catena montuosa di Arrábida, su un'altura vicino a una marmitta formata dall'azione chimica dell'acqua, vicino alla più grande valle della catena montuosa, la valle di Valongo. Sembra essere stato un luogo frequentato dalla preistoria sino ai giorni nostri, grazie alle particolari condizioni di riparo che offre. Nel 2013, la squadra di speleologi della Carta Arqueologica de Setubal fece una visita, concludendo nello stesso anno la topografia e la descrizione della grotta.

Inquadramento e descrizione: La lapa si trova ad una quota di 230 m e occupa un'area stimata di 9 mq. Possiede un dislivello, rispetto alla quota d'ingresso, di 0,00m. Presenta una stanza orizzontale con una lunghezza di 6 metri e un'altezza massima di circa 4 metri, lungo un orientamento NW-SE. L'ingresso contiene un dettaglio insolito, un'apertura superiore a forma di camino.

Nella pagina seguente: **1** Pianta; **2** sezioni; **3** Profilo della grotta.

b
a
b
a
a-a
b-b
1
2
0
5
10m

Questa analisi ci offre una panoramica dei siti, incentrata sull'area della Serra da Arrábida e nasce dalla volontà di conoscenza del paesaggio di Arrábida e sui modi in cui l'uomo ha occupato questo spazio nel tempo, oltre che la comprensione del luogo. L'insieme dei dati raccolti, sono il materiale da cui costruire la narrazione del luogo e proiettarne il futuro, comprendere la loro cronologia e la relazione tra i siti della stessa epoca, da una prospettiva territoriale. Per questo lavoro di ricerca, la speleologia e l'archeologia, sono l'opzione metodologica più adatta alle peculiarità di questo paesaggio. Oltre alle cavità con occupazione umana, sono stati presi in considerazione i siti archeologici senza grotta e le grotte senza sito archeologico. Per ogni sito identificato, si è considerata la designazione, il tipo di sito, la cronologia, e la descrizione di ciò che è stato scoperto fino ad ora. La topografia di Arrábida ha sempre imposto severe limitazioni alla circolazione, anche senza considerare le scogliere — spesso quasi verticali — che delimitano parte della montagna sul lato sud. In questo contesto, ci si aspettava che un certo vuoto di ricerca corrispondesse alla quasi totale mancanza di siti archeologici. Come se queste difficoltà non bastassero, la creazione del Parco Naturale di Arrábida, nel 1976, ha progressivamente reso praticamente impossibile il lavoro di prospezione archeologica in molti punti della catena montuosa di Arrábida, poiché vaste aree precedentemente coltivate o utilizzate per il pascolo sono ora coperte da una macchia difficile da penetrare e dove la visibilità del suolo è nulla o molto ridotta.[74]

Secondo Frei Agostinho da Cruz, «Una Carta Archeologica è sempre un'opera incompiuta. È come la fotografia di un oggetto, in cui c'è sempre un lato nascosto. Lo scopo di questo lavoro è, naturalmente, quello di ridurre le zone d'ombra, per creare un'immagine intelligibile di un passato perduto.»[75] A tal proposito l'obiettivo di questo lavoro è quello di cercare di trasferire i dati scientifici nella descrizione di un singolare linguaggio architettonico. Infatti, una Carta Archeologica, al di là della dimensione più strettamente scientifica, gioca sempre un ruolo chiave nella gestione del territorio stesso, contribuendo in modo decisivo alla conservazione del patrimonio. Arrábida è un paesaggio naturale e culturale con una forte personalità, e l'obiettivo è riempire i vuoti e creare nuovi collegamenti nel paesaggio. Riassumendo ciò che è stato detto fino ad ora, possiamo già concludere che, nella Preistoria recente, l'epoca delle prime società contadine della regione, l'uomo dominava le valli dai loro margini. Nella tarda età del bronzo, l'insediamento, come Zarathustra[76], salì per la prima volta sulla montagna. Vi ritornò, mille anni dopo, nel contesto mistico degli eremiti. E il mare, un sentiero aperto, sempre presente lì accanto. Ma Arrábida nasconde ancora molti segreti.

74 GONÇALVES L.J., *No tempo das grutas: carta arqueológica e espeleológica da Serra da Arrábida (Concelho de Setúbal)*. Lisboa, Setúbal: Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, Câmara Municipal de Setúbal, 2016, p. 76.

75 *ibid.*

76 Zarathustra è stato un profeta e mistico iranico. Quando Zarathustra aveva trent'anni, abbandonò il suo paese e andò sulla montagna. Qui godette del proprio spirito e della propria solitudine. Sullo sfondo della Montagna — come simbolo della ascesi oltre umana — Zarathustra ha eletto come sua dimora una caverna sugli alti monti, alla quale farà riferimento per tutta la sua vita.

Un monastero di clausura come spazio scavato

45

Un monastero di clausura come spazio scavato

Il progetto per il monastero in Arrábida nasce dall'idea di caverna, traducibile in termini architettonici attraverso il concetto di stereotomia.

La caverna, sin dalle sue origini, si predispone come luogo in grado di accogliere riti religiosi e sacri. Nell'architettura delle caverne solitamente il volume sottratto alla matrice montuosa ne rappresenta in genere una parte piuttosto modesta: «Pertanto, alla sezione massiccia dello spessore che circonda la grotta, corrisponde, la più incredibile libertà di modellazione dello spazio ricavato per sottrazione».[77] Tuttavia tale libertà è confinata da ferree regole semantiche. Quando ad esempio la caverna fu adottata per celebrare riti religiosi e magici, la simbologia utilizzata fu rispettiva a quella dell'architettura costruita. Nell'architettura delle caverne l'unica forza che si contrappone alla modellazione spaziale è la resistenza al taglio e allo scavo delle membrature scolpite nella roccia, data la sua coesività e imponente continuità della massa rupestre.

Leon Battista Alberti formula nel *De Statua* una celebre distinzione sui due fondamentali aspetti del processo attuativo dell'opera scultorea: *per via di porre e per via di levare*.[78] Vale a dire l'esistenza di un'analogia tra la tecnica della definizione della figura architettonica e la sua capacità «di formare uno spessore alla traccia del progetto»[79].

Il progetto nasce tramite la materializzazione del suo limite, che si concretizza a partire dalla natura fisica del luogo. L'architettura del monastero ha la volontà di creare una continuità con il paesaggio; partendo da esso e seguendo l'idea di un'abitazione primitiva.

A tal proposito si potrebbe fare riferimento al modello sistematico messo a punto più di un secolo fa da Gottfried Semper per conferire un inquadramento generale. Gottfried Semper elabora un modello composto da quattro elementi fondamentali che considera la base dell'architettura antica: la recinzione, la copertura, il basamento e il focolare.[80] Essi confluiscono nel tradizionale prototipo dell'architettura, rappresentato dalla capanna primitiva. Il recinto si innalza a proteggere il quarto elemento, il focolare. È l'accensione della fiamma che ravviva, riscalda e prepara il cibo. Intorno al focolare si sono riuniti i primi gruppi; intorno ad esso si sono formate le prime alleanze; intorno ad esso i primi rudi concetti religiosi sono stati trasformati nelle usanze di un culto. In tutte le fasi della società, il focolare formava quel centro sacro attorno al quale tutto prendeva ordine e forma. È il primo e più importante, elemento morale dell'architettura. Intorno ad esso si raggruppavano gli altri tre elementi: il tetto, il

FIG.45 SICILIA FILM COMMISSION, *Palazzo rupestre della Gurfa*, Alia, Palermo, Italia, n.d.

77 NICOLETTI M., *L'architettura delle caverne*. Bari: Laterza, 1980, p. 179.
78 Scrive Alberti: «alcuni incominciano a dar perfezione ai loro principiati lavori e con il porre e con il levare [...]. Alcuni altri incominciano a far questo solo con il levar via, come - la quale vi era prima nascosta ed in potenza. Questi chiamiamo noi scultori». Come sappiamo, Michelangelo protendeva esclusivamente per questa seconda strada: «Io intendo la scultura quella che si fa per forza di levare; quella che si fa per via di porre è simile alla pittura». ALBERTI L.B., *Della pittura e della statua*. Milano: Dalla Società Tipografica de' Classici Italiani contrada di S. Margherita, n.1118, 1804, p. 108.
79 GREGOTTI V., *Elogio della tecnica*, in «Casabella» n. 480, maggio 1982.
80 SEMPER G., *The Four Elements of Architecture and other Writings* (1851). Cambridge: Cambridge University press, 1989, pp. 102-103.

46

recinto e il tumulo, le negazioni protettive o i difensori della fiamma del focolare contro i tre elementi ostili della natura.[81] Tuttavia lo spazio dettato dai limiti del proprio recinto, racchiude in sé il concetto di uno spazio che nasce con la volontà di condivisione e collettività, che ha origine nel suo focolare.

Le caverne — identificabili anche come luoghi di ritiro spirituale individuale nel movimento eremitico — di Arrabida saranno accorpate al progetto del monastero, utilizzate come spazi eremitici per le suore di clausura. Il monastero di Arrábida, invece, sarà un luogo di comunione, di condivisione e di preghiera. Infatti, lo spazio per la comunità delle suore Carmelitane Scalze — che decide di isolarsi dal resto del mondo — assume questo carattere di luogo appartato, che è rafforzato dall'architettura del monastero stesso, che non attacca in nessun modo l'ambiente naturale, ma piuttosto si identifica con esso.

La capacità di racchiudere in sé significati universali, è tipica dell'architettura autonoma, ad un livello in cui è ancora e solamente produttrice di simboli. Al tempo stesso l'architettura delle caverne segna un passaggio dall'originaria architettura autonoma a quella strumentale, ovvero che per quanto essa rappresenti un simbolo, possiede già lo scopo di «recingere, avere un tetto»[82], indispensabili al vivere umano. L'uomo fin dagli albori abita le caverne alterandone la sua configurazione adoperando scavi, spinto dalle necessità. Da questo ne rimane il gesto dell'«interrarsi»[83], il costruire sotterraneo per sottrazione, il gesto più originario rispetto all'edificare all'aperto: «a questo riguardo si può pensare che la caverna sia anteriore alla capanna. La caverna è un allargarsi [...] che diviene un delimitare e rinchiudere in cui c'è già la recinzione.»[84]

Accumulare, scavare, agglomerare, sono tecniche di formazione della figura architettonica e va sottolineata la loro portata estetica e teorica. Sono da considerare come concetti pieni di senso e di valore teorico, di cui le architetture ne rimangono profondamente caratterizzate. Nella descrizione della capanna primigenia Semper sembra ripercorrere la genesi dell'architettura, formulando la nozione di archetipo.

Lo stesso Semper, distingue l'azione del costruire in due differenti procedimenti. La tettonica del telaio, in cui i componenti leggeri e lineari sono assemblati in modo da comprendere una matrice spaziale, e la stereotomia del terrapieno o basamento, in cui la massa e il volume sono formati congiuntamente attraverso la sovrapposizione ripetuta di elementi pesanti.[85]

FIG.46 ABXBAY, *Orecchio di Dionisio*, Siracusa, Fotografia, 2010.

81 SEMPER G., *op.cit.*, pp. 102-103.
82 HEGEL G.W.F., *Estetica* (1835). Torino: Einaudi, 1976, vol. II, p. 728.
83 HEGEL, *op. cit.*, p. 728.
84 *ibid.*
85 FRAMPTON K., *Studies in Tectonic Culture*. Cambridge: The MIT Press, 2001, p. 5.

47

Che quest'ultimo dipenda dalla muratura portante, sia essa in pietra o in mattoni, è suggerito dall'etimologia greca di stereotomia, da *stereos*, solido, e *tomia*, tagliare. Questa distinzione tettonica/stereotomica, tra leggero e pesante riflette una differenziazione più generale in termini di produzione di materiali. Il legno ad esempio mostra un'affinità con la produzione di cesteria e tessuti, invece, la pietra tende ad essere sostituita come materiale di compressione da mattoni, terra battuta e più tardi dal cemento armato.

Tipico della nostra epoca è trascurare le associazioni cosmiche evocate da queste modalità del costruire dialetticamente opposte: l'affinità del telaio per l'immaterialità del cielo; la propensione della massa a gravitare verso la terra e a dissolversi nella sua sostanza. L'architetto egiziano Hassan Fathy, sottolinea quanto questo sia veramente visibile nelle costruzioni in mattoni di fango, dove i muri tendono a fondersi con la terra una volta caduti in rovina e in disuso. Il legno, tuttavia se non trattato risulta effimero quando è esposto agli elementi naturali, al contrario di una fondazione in pietra ben piantata che tende a resistere nel tempo e quindi a segnare il terreno in perpetuità.[86]

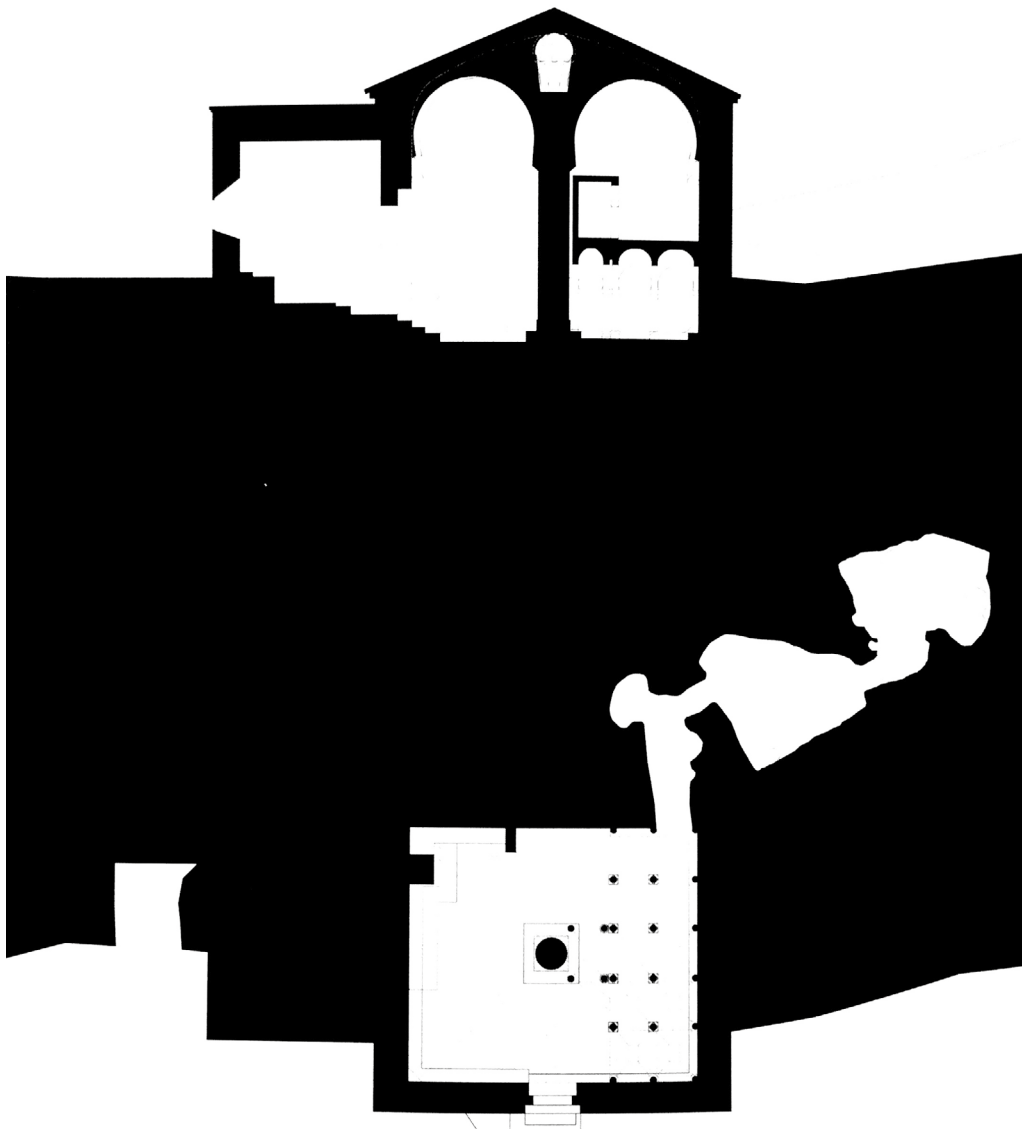
È il podio o basamento ad enunciare la natura reale della stereotomia, ricavato dall'atto dello scavare. Si ottiene dalla terra, dalla pietra, ed è delimitato da un recinto che lo separa dall'ambiente circostante. Architettura originata dalla stessa materia di cui si compone, ma allo stesso tempo alla ricerca di luce ed emozioni che la fecondino. Dunque scavare ed allargarsi sono i gesti generativi dell'architettura stereotomica, un atto implicito del delimitare e crearsi spazio.

Questi caratteri sono riconoscibili nei tratti del monastero di Arrábida. La sua materia pesante, grave, lo identifica con la massa rocciosa della scogliera dove è scavato al suo interno. È un tentativo di simbiosi con la natura montuosa del luogo, dove l'edificio e i suoi spazi sono intagliati in modo rigido al suo interno.

Continuando l'operazione di analisi del linguaggio, nella parola spazio parla il fare — e lasciare — spazio; ovvero un ritorno agli ambienti tipici ed originari della caverna, operando in negativo nella sua massa rocciosa per definire uno spazio ed un limite.[87] Heidegger afferma: «Il fare-spazio è libera donazione del luogo in cui un Dio si manifesta, del luogo da cui gli Dei sono fuggiti, luogo in cui il manifestarsi del divino a lungo ritarda. Fare-spazio conferisce la località che appresta di volta in volta un abitare. Gli spazi profani sono in ogni caso tali in quanto riferiti a spazi sacri che stanno sullo sfondo.»[88]

FIG.47 COLLINS H., *I will make up a song and sing it in a theatre with the night air above my head*, New Gourna, Egitto, Fotografia, 2018.

86 Si veda France Vanlaethem, «Pour une architecture épurée et rigoureuse» (intervista con Álvaro Siza), *ARQ* (Montréal), no. 14, August 1983, p. 16.
87 HEIDEGGER M., *L'arte e lo spazio* (1969). Genova: Il melangolo, 1984, p. 23.
88 HEIDEGGER, *op. cit.*, p. 25.



48

Dopo aver compreso alcuni aspetti dell'architettura stereotomica, prendiamo ora in considerazione il concetto di limitare. Il limite, oltre che misurare lo spazio che esso stesso conferisce, si carica di un valore simbolico e sacro. La parola «limite» ci suggerisce il suo significato etimologico: «I Romani dissero "Limiti" quelle pietre, che segnavano i confini, le quali erano sacre e non potevano rimuoversi senza delitto, essendo esse sotto la speciale protezione di una divinità pur essa detta Limite o Termine».[89]

Questa prima idea estrinseca dell'idea di recinto sottintende inclusione ed esclusione. Delimitare uno spazio è propriamente lo scopo del costruire, distaccando una data quantità di spazio al fine di chiuderlo e proteggerlo.[90]

Il limite è inteso come elemento generatore dello spazio interno del monastero, ma assume anche la connotazione di sacro recinto. Quest'ultimo circoscrive l'area del deserto di Arrábida, tramite un lungo muro. Al suo interno si trovano il monastero e le grotte naturali preesistenti, adoperate e incorporate nel progetto come eremi al servizio della comunità per il ritiro spirituale individuale.

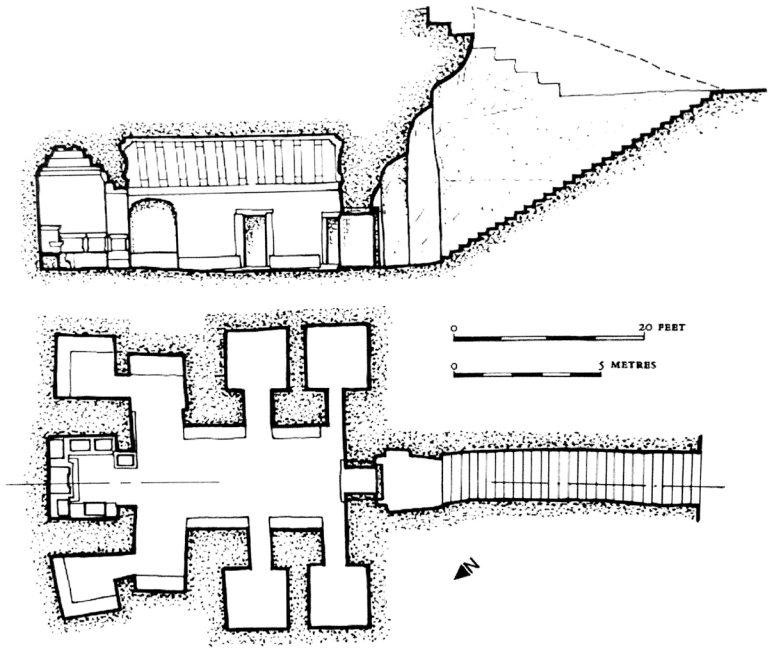
Dunque l'architettura delle caverne — come quella del monastero di Arrábida — è originariamente espressione di architettura stereotomica, in senso letterale l'arte del taglio della pietra, della rimozione di materia. La caverna è attanagliata alla natura, il suo realizzarsi è possibile solo in presenza di situazioni e morfologie proprie: rocce compatte, pareti scoscese, forre, gravine che supportano e circondano lo spazio protetto e intimo della caverna. Scavare è un'azione lenta, significa smuovere continuamente, non legata ad alcun tipo di vincolo. Risponde solamente alle esigenze umane, ed è aperta ad ogni tipo di modifica. È propriamente corretto pensare che non esista un punto di arrivo, ma è sempre possibile che essa si evolva. È concepita e realizzata solo in base ai bisogni dell'uomo libera da teoria o geometria, è istinto e realizzazione di spazi assoluti.[91]

Non esiste un equilibrio tra lo spazio ricavato e la sua matrice rocciosa, perciò non sono direttamente proporzionati, anzi, il volume sottratto risulta essere sempre minore rispetto al suo corpo originario.

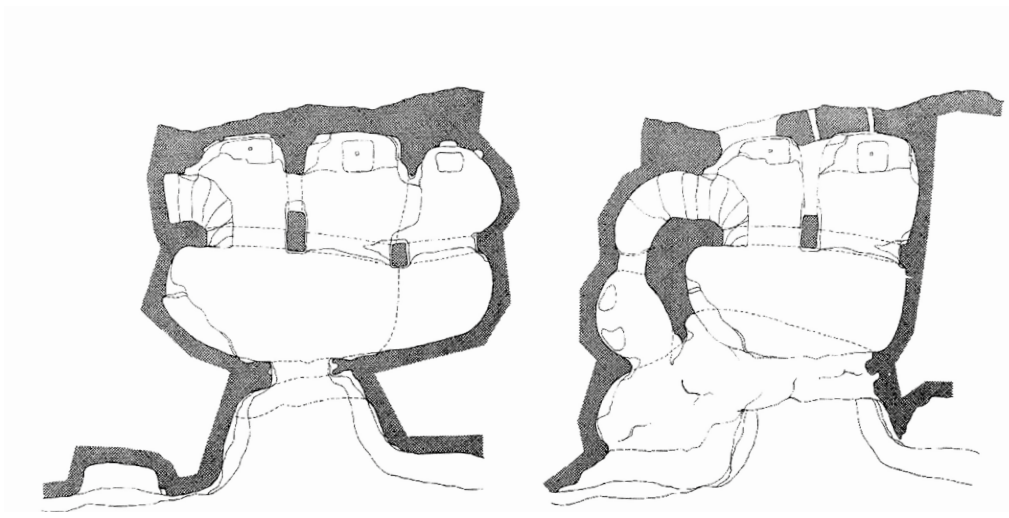
Emerge dopotutto che l'architettura ipogea, per quanto per definizione massiccia e pesante, enunci le sue incredibili capacità di leggerezza, in quanto «sottrazione di peso»[92] ad un corpo massivo e grave. Leggerezza, dunque, espressa dalla materialità della luce. Infatti, la roccia non è la sola materia dell'architettura delle caverne.[93] La luce, da sempre

FIG.48 *Cappella della Chiesa di San Baudelio*, Casillas de Berlenga, XI sec. d.C.
FIG.49 A pagina successiva: *Tomba dei Volumnii*, Ponte San Giovanni, Perugia, II sec. a.C.
FIG.50 A pagina successiva: *Eremo di San Miguel*, Burgos, X sec d.C.
FIG.51 A pagina successiva: Villaggio troglodita di Tungkwan, Cina. Tratto da RUDOFSKY B., *Architecture Without Architects: A Short Introduction to Non-Pedigreed Architecture*, The Museum Modern of Art, New York, 1964.

89 «Limite» voce del *Dizionario Etimologico*, consultato online: etimo.it.
90 SCOTT G., *L'architettura dell'umanesimo* (1914). Bari: Dedalo, 1978, p. 179.
91 ZEVI B., *Verso un'architettura organica*. Torino: Einaudi, 1945, p. 71.
92 CALVINO I., *Lezioni americane*. Milano: Garzanti, 1988, p. 5.



49



50

51

52

tema centrale dell'architettura stessa, nello scavato — anfratto carico di ombre e tenebre — assume un valore del tutto emozionale e simbolico, in grado di innescare speciali esperienze sinestetiche. Mistica, la luce in questo caso sembra farsi materia stessa della costruzione, diventando dispositivo corporeo del progetto e dispositivo operante, donando allo spazio sacralità e poesia. Dunque, la materia dell'architettura «per sottrazione» è omogenea; un unico materiale, proprio dell'ambiente dove ha origine, ma che deve per forza di cose includere la materia dell'aria e della luce. Nicoletti afferma: «Nelle grotte destinate alla meditazione dei monaci [...] cristiani, il simbolismo prevale con il dosaggio avaro della luce naturale richiesto da un conoscere che proviene essenzialmente dalla luce interna della coscienza»[94].

Nel monastero la luce penetra attraverso i patii, che ricordano lo yaodong, una particolare costruzione tipica dell'altopiano del Loess, nel nord della Cina. È conosciuta anche come «casa delle caverne», ed è usata come abitazione. Sono generalmente costruite sulle colline o scavate orizzontalmente da un cortile sotterraneo centrale. La terra che circonda lo spazio interno, funge da isolante mantenendo l'interno della struttura caldo nelle stagioni fredde e fresco nelle stagioni calde.

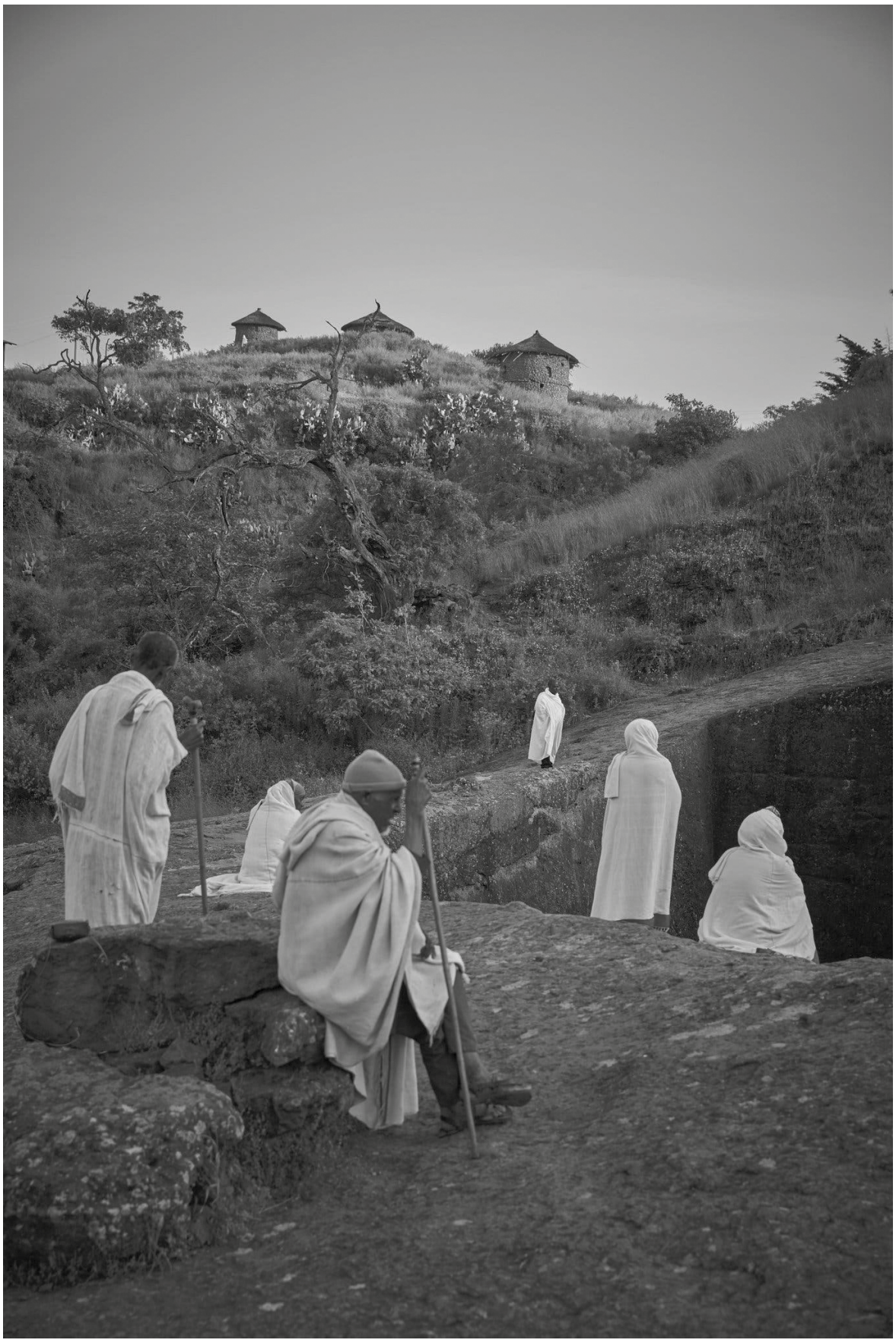
La tecnica dello scavo coincide con la definizione del suo spazio e la delineazione del suo limite, a cui viene estratta materia, al fine di costruire un vuoto, con la continuità materica tra interiore ed esteriore, naturale e artificiale. Si penserà che questa tecnica è opposta e complementare alla tecnica dell'aggiunzione. La scienza dell'edificare per aggiunzione è un traguardo importante per la «costruzione» della memoria sociale nella civiltà stanziale, contrapponendosi al paesaggio dalla fase della caccia a quella agricola, dal nomadismo allo stato, e poiché staccato dalle condizioni ambientali, rinunciano alle restrizioni imposte dalla caverna.

Ma nella transizione dallo scavare al costruire «la natura è vista, improvvisamente, con gli occhi freddi e raziocinanti dell'utilità. Si vede scomparire il senso di identità che assorbiva l'uomo al creato e univa ogni vivente nel comune destino individuale di lotta, vittoria e morte e nel cercare rifugio negli anfratti della terra»[95].

Per concludere; scavare, dal latino *Excavare* (ex-cavare), significa «rendere cavo», attraverso il gesto di *subtrahere* (sottrarre). L'atto dello scavo è dunque una sottrazione di volumi, un'operazione in negativo che avviene tramite asportazione di materia, scavando ed estraendo. Tuttavia il significato del termine, all'interno della sua ambiguità,

FIG.52 HASLAM A., *Bete Giyorgis, or Church of St. George, one of the churches in Lalibela, Ethiopia, carved out of the earth*, Lalibela, Etiopia, 2017. Fotografia tratta dal *The New York Times*. https://www.nytimes.com/2017/11/18/travel/harar-lalibela-ethiopia-budget-churches.html. Consultato giugno 2021.
FIG.53 A pagina successiva: HASLAM A., *Morning prayers at Bete Giyorgis*, Lalibela, Etiopia, 2017. Fotografia tratta dal *The New York Times*. https://www.nytimes.com/2017/11/18/travel/harar-lalibela-ethiopia-budget-churches.html. Consultato giugno 2021.
FIG.54 A pagina successiva: HASLAM A., *The Monastery of Nakuta La'ab in Lalibela*, Lalibela, Etiopia, 2017. Fotografia tratta dal *The New York Times*. https://www.nytimes.com/2017/11/18/travel/harar-lalibela-ethiopia-budget-churches.html. Consultato giugno 2021.

93 NICOLETTI, *op. cit.*, p. 71.
94 *ibid.*
95 NICOLETTI M., *L'architettura delle caverne*. Bari: Laterza, 1980, p. 179.



53

54

non può essere inteso limitatamente alla luce dell'etimologia latina. Si dirà allora che la tecnica dello scavo è opposta e complementare alla tecnica dell'accumulazione. È un procedere per sottrazione di volumi, un operare in negativo per asportazione di materiale, erodendo, cavando ed estraendo. Esempi sono il palazzo della Gurfa in Sicilia, i Sassi di Matera, le architetture del sottosuolo di Napoli, i templi di Petra, il Barrio troglodita di Guadix in Andalusia e così via.

In questo processo di transizione dall'architettura scavata delle caverne ad un'architettura per così dire di addizione, ne rimane un profondo motivo concettuale, che non rimanda più ad una dicotomia tra naturale e artificiale, bensì ad uno scavo nella materia, definendo la massa e lo spazio. Si può constatare dunque come tale tecnica rappresenti più che una modalità costruttiva, una chiara espressione teorica, una ricorrenza all'essenza delle cose, poiché lo scavo è implicito di chiarezza compositiva e purezza delle forme, recupero di un vissuto, memoria ancestrale di un tempo originario. Si può constatare allora come tale tecnica rappresenti, più che una modalità costruttiva, un preciso atteggiamento teorico, una tecnica figurale, un ricorrere all'essenza delle cose, poiché lo scavo implica purezza di forme e chiari principi compositivi. Il monastero per la comunità delle suore Carmelitane Scalze segue questo filone, definendosi dunque, un'architettura scavata.

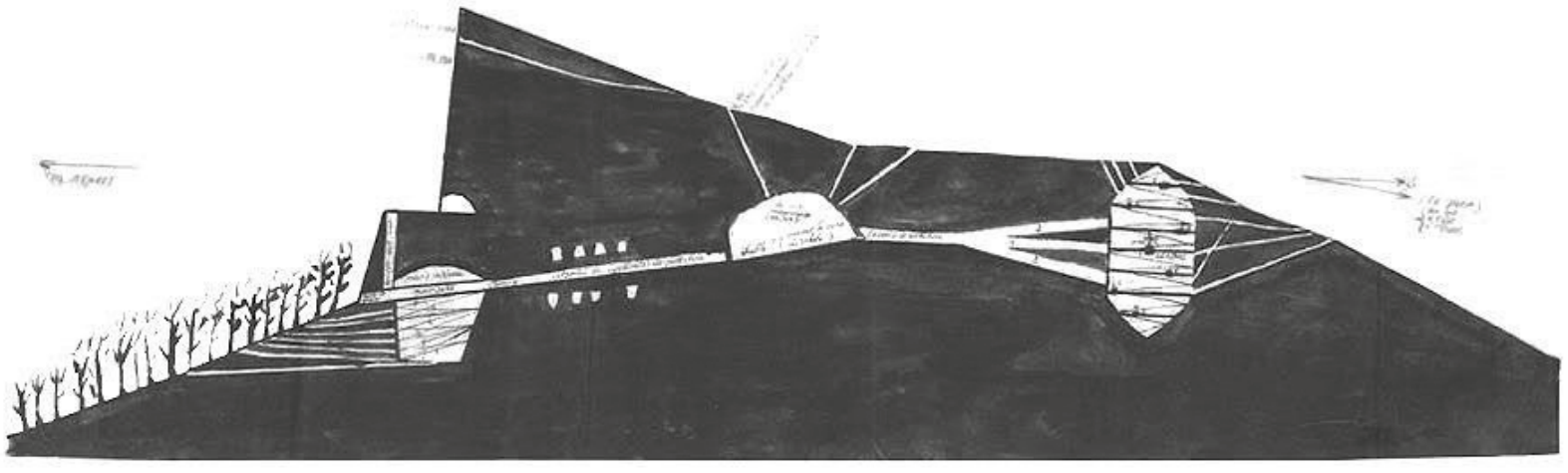
Francesco Venezia sottolinea come «il ritorno dell'interesse verso il mondo sotterraneo sia espressione di autentica modernità, sia una delle condizioni di affermazione della modernità»[96].

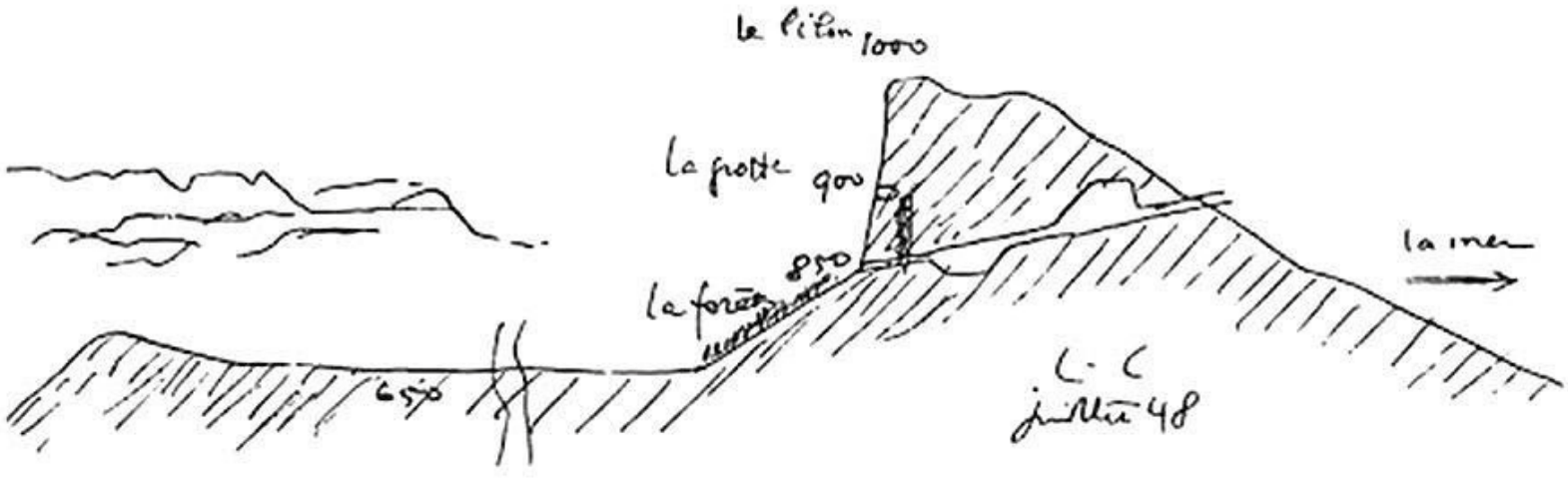
Una modernità che vede il prevalere della forma plastica sulla tendenza all'evidenziazione della trama strutturale della dimensione tettonica dell'architettura. L'architettura delle caverne è invece, per sua stessa natura, espressiva di un'unica dimensione costruttiva e figurale: quella stereotomica. Questa dimensione va contro la trama strutturale dell'architettura tettonica, e ne esalta la plasticità della dimensione grave, massiccia, solida, robusta e pietrosa dell'architettura stereotomica.

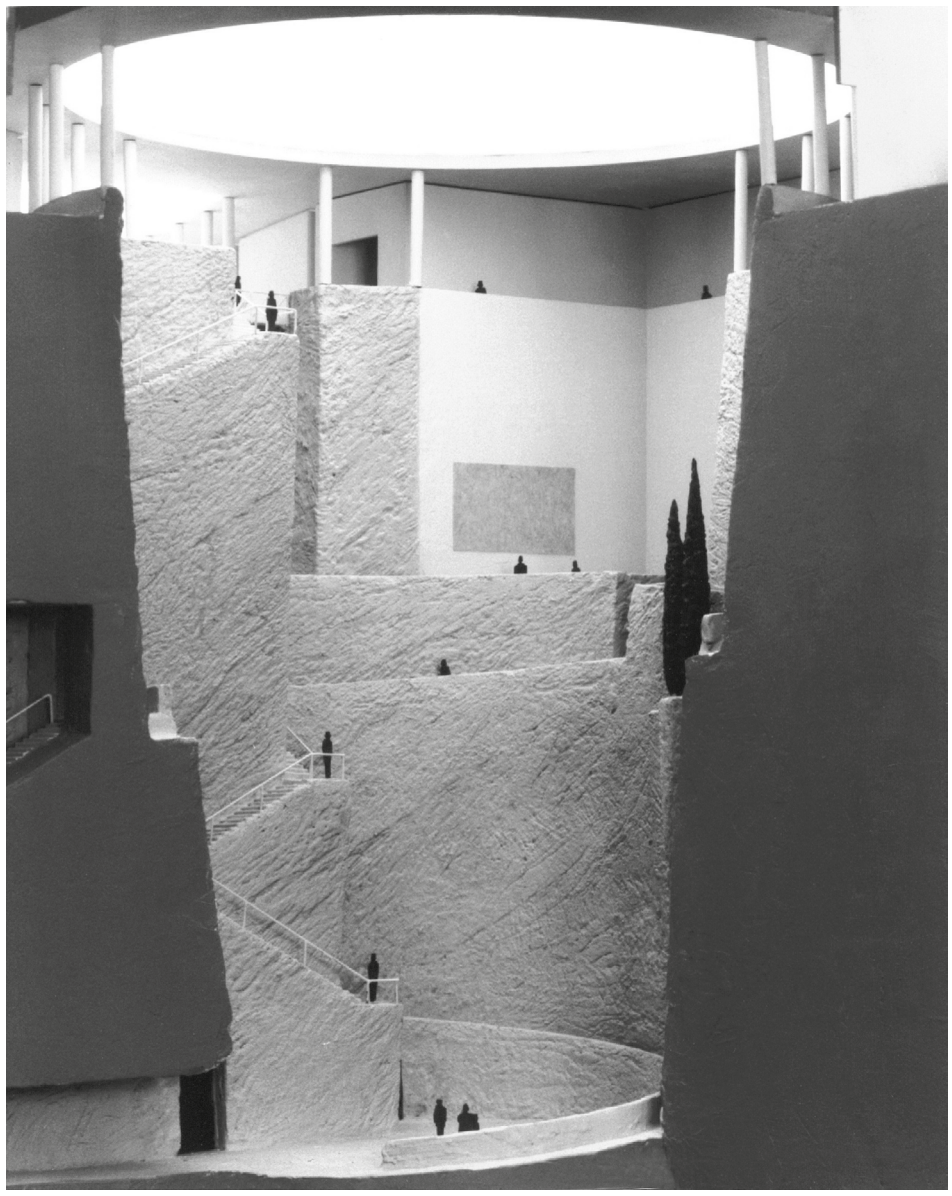
Il processo di scavo può essere complementare alla tecnica di accumulazione. Un esempio può essere la cappella di Notre Dame du Haut in Ronchamp (1950-1955) di Le Corbusier. Notiamo come l'architetto abbia posto pietre l'una sopra le altre e creato volumi configurati nel getto di calcestruzzo armato. Guardando attentamente, la parete risulta scavata e corrosa da piccole e grandi aperture strombate mostrandosi un come un blocco monolitico in

FIG.55 *Notre-Dame du Haut*, Ronchamp, Le Corbusier, 1950-1955. https://arquitecturaviva.com/works/notre-dame-du-haut-ronchamp. Consultato Giugno 2021.
FIG.56 A pagina successiva: *Basilica de Sainte-Baume*, Francia, Le Corbusier, 1948. Primo disegno di Édouard Trouin, estratto da *Le Corbusier, Oeuvre complète*, vol. 5, 1946-1952. Secondo disegno di Le Corbusier.

96 «Com la reactivació de l'interes pel món subterrani és l'expressió de la modernitat més autentica, és una de les condicions d'afirmació de la modernitat.» VENEZIA F., «Teatres i antres. El retorn del món subterrani a la modernitat», in *Quaderns d'arquitectura i urbanisme*, n. 175, dicembre 1987, p. 36.




le Pilon 1000
la grotte 900
850
la mer
L. C
juillet 48



57

cui l'architetto ha adoperato un sapiente traforo, «dove si esalta grandemente il tema della luce come fattore compositivo dello spazio stesso».[97] L'intima e celata natura tettonica del muro è contraddetta dalla nuova espressività che la sottrazione dei volumi delle finestre gli ha conferito.

D'altronde Ronchamp rappresenta uno dei primi approdi di Le Corbusier nella ricerca di una spazialità cava di forte significato fenomenologico che, allo stesso modo, pervade i progetti del Convento di Santa Maria de La Tourette in Éveux (1960), dei progetti di Firminy nel corso degli anni '60, o del Parlamento di Chandigarh (1955). Ma tutto questo trova la sua origine nella basilica sotterranea de la Paix et du Pardon a piedi della Sainte-Baume (1948). Si tratta di un'idea sperimentale, puramente intenzionale, arcaica e misteriosa, da considerare tra tutti i lavori di Le Corbusier, in cui è possibile rintracciare la vera manifestazione di una differente concezione dell'architettura, un punto di svolta personale.

Ritroviamo alcuni esempi anche nella scultura, ad esempio con l'interesse da parte dell'architetto Carlo Aymonino. Egli coltiva il sogno di progettare una casa scavata in un blocco di pietra (1992), un'architettura intesa come essenza di forme e di volumi, interpretando in maniera pratica più che un concetto teorico; il suo ideale «di una soluzione architettonica già preesistente entro un involucro generale, che prende forma e dà ragione, togliendo, scavando in quell'iniziale e teorico volume semplice, fino a rendere evidenti e praticabili i complessi rapporti tra i percorsi, gli elementi componenti, l'interno e l'esterno.»[98]

Lo scavo cosiddetto concettuale, avviene nel monastero di Arrábida, seguendo gli stessi principi degli esempi sopra elencati. Infatti la natura dell'architettura è stereotomica, nonostante la massa dell'edificio sia parzialmente scavata nella roccia. Il procedimento di composizione tramite la purezza delle forme, adoperando una trama monomaterica, e allo stesso tempo massiva e pesante, richiama la memoria ancestrale di un'architettura delle caverne. Un luogo misterioso, senza tempo, che è sempre stato parte del luogo.

Generare spazio tramite la sottrazione di volumi è assai distante da connotazioni figurative che derivano da un fare tettonico, dunque enuncia nella sua essenzialità un richiamo a memorie insediative ancestrali, da intendersi anche in senso puramente concettuale. Con le dovute differenze e con diversi approcci metodologici, l'idea di un'architettura che tragga origine dall'applicazione del principio compositivo della sottrazione di volumi — in

FIG.57 HOLLEIN H., Progetto per il Guggenheim Museum, Salisburgo, Austria, 1990. Immagine@Atelier Hans Hollein/Sina Baniahmad

97 Si fa riferimento all'intervento di Renato Bocchi nella conferenza dal titolo *Costruire il vuoto*, svolta nell'ambito del Seminario «Keywords», a cura di F. Zanni, Politecnico di Milano, 18 ottobre 2011.

98 PAVESI C., «Carlo Aymonino, architetto monumentale», in *Architettura di rara bellezza.* Parma: Documenti del Festival dell'Architettura di Parma, catalogo a cura di E. Prandi, Festival Architettura Edizioni, 2006, p. 186.

58

maniera più o meno concettuale — attraversa l'opera e la poetica di tanti architetti contemporanei. Ritroviamo tali concetti nella ricerca di Hans Hollein con il progetto per il Museo della fondazione Guggenheim a Salisburgo (1990), nell'intento di generare spazi nelle profondità dell'informe montagna. Si tratta di una sequenza di *wunderkammern* sotterranee, che congiungono in un profondo pozzo, dove si può apprezzare e ammirare, con lo sguardo rivolto verso l'alto, il cielo e la luce.[99]

È l'architettura che cerca la luce, che perfora i suoi muri per fare in modo che la luce entri in lei. È l'architettura del *podium*, del basamento. Quello dello stilobate. È, riassumendo, l'architettura della caverna.[100]

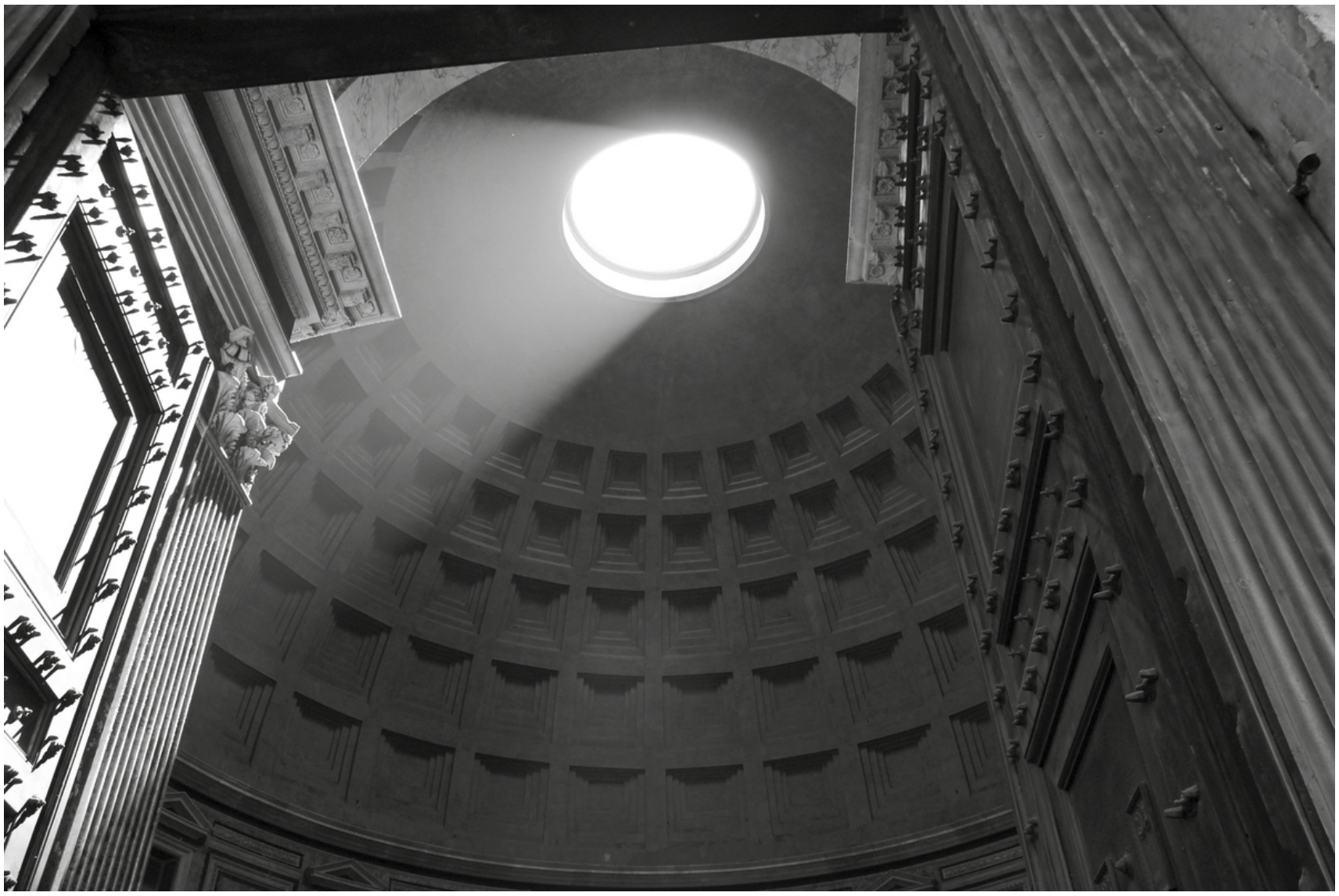
Si può citare per il suo contributo in materia l'artista Eduardo Chillida. Egli amava definirsi da scultore «architetto del vuoto», privilegiando la concezione di spazialità cave generate essenzialmente dalla sottrazione (per escavazione) di materia. Ne costituisce esempio di alto valore poetico, che travalica ogni differenza tra scultura e architettura, il progetto che l'artista basco propose per la *Moñtana* Tyndaya a Fuerteventura, nelle Isole Canarie. Un monumentale «antro simbolico e mistico» di forma cubica (lato di circa 50 metri) scavato nel nucleo interno della montagna e illuminato da due grandi orifizi angolari, uniche fonti di rivelazione solare e lunare. Immaginato da Chillida come un «Pantheon cubiforme», esso si configura come luogo preposto alla manifestazione sensibile del divino, fatto di due soli elementi — luce e materia — che reciprocamente e mutevolmente si disvelano nell'alternarsi del giorno e della notte.[101]

Questa opera è importante nel processo di comprensione degli spazi del monastero di Arrábida. Il vuoto, dunque, è l'elemento fondamentale di questo tipo di architettura, ma è un elemento che non può essere materializzato in assenza del suo antagonista, il pieno. È un'opera totale che vede l'uno imprescindibile dall'altro perché senza un limite, semplicemente questa non esiste.

Luigi Moretti esplicita tale concetto, parlando di spazio interno e vuoto di un'architettura. Secondo Moretti, chiaro-scuro, plasticità, densità di materia, costruzione sono aspetti, formali o intellettivi, della materia. «Ora si noti che lo spazio vuoto degli interni di una architettura si contrappone esattamente a questo gruppo come valore speculare, simmetrico e negativo, come una vera matrice negativa, e in quanto tale capace di riassumere insieme sè stesso e i termini suoi opposti»[102]. Lo spazio interno è dunque, secondo lui, la ragione principale, il simbolo più

FIG.58 CHILLIDA E., *Montaña de Tindaya*, Fuerteventura, Spagna, 1985. Modello dello spazio interno della montagna Tindaya.

99 STEINER D., «Un museo a Salisburgo di Hans Hollein», in *Casabella* n. 566, marzo 1990, pp. 18-22.
100 CAMPO BAEZA A., *L'idea costruita*. Siracusa: Letteraventidue, 2012, p. 52.
101 CHILLIDA E., *Lo spazio e il limite*. Scritti e conversazioni sull'arte, Milano: Marinotti, 2010, *passim*.



59

ricco dell'intera realtà architettonica. I volumi interni hanno una presenza concreta, a prescindere dalla materia dei loro involucri, «quasi che siano formati da una sostanza rarefatta priva di energie ma sensibilissima a riceverne»[103].

Possiamo, dunque, attribuire quattro precise qualità ai vuoti: la forma geometrica, la dimensione, intesa come quantità di volume, la densità, in rapporto alla luce che li permea e infine la «pressione» o «carica energetica», a seconda della prossimità delle masse costruttive liminari, e le energie che da esse sprigionano, come un fluido in movimento costante varia in dipendenza degli ostacoli.[104]

Queste qualità si possono ritrovare nel monastero di Arrábida. Parliamo dunque di aspetti e parametri comunemente e facilmente attribuibili ad un pieno, piuttosto che ad un vuoto, difficilmente concepibili. Notiamo come nei quattro aspetti attribuiti da Moretti, la luce sia ancora una volta elemento di indagine dello spazio e diventa materializzazione, un elemento che da sempre è imprescindibile dall'architettura della caverna. La «pressione», ancora una volta, enuncia questo forte legame saldo tra il vuoto e il limite che lo specifica.

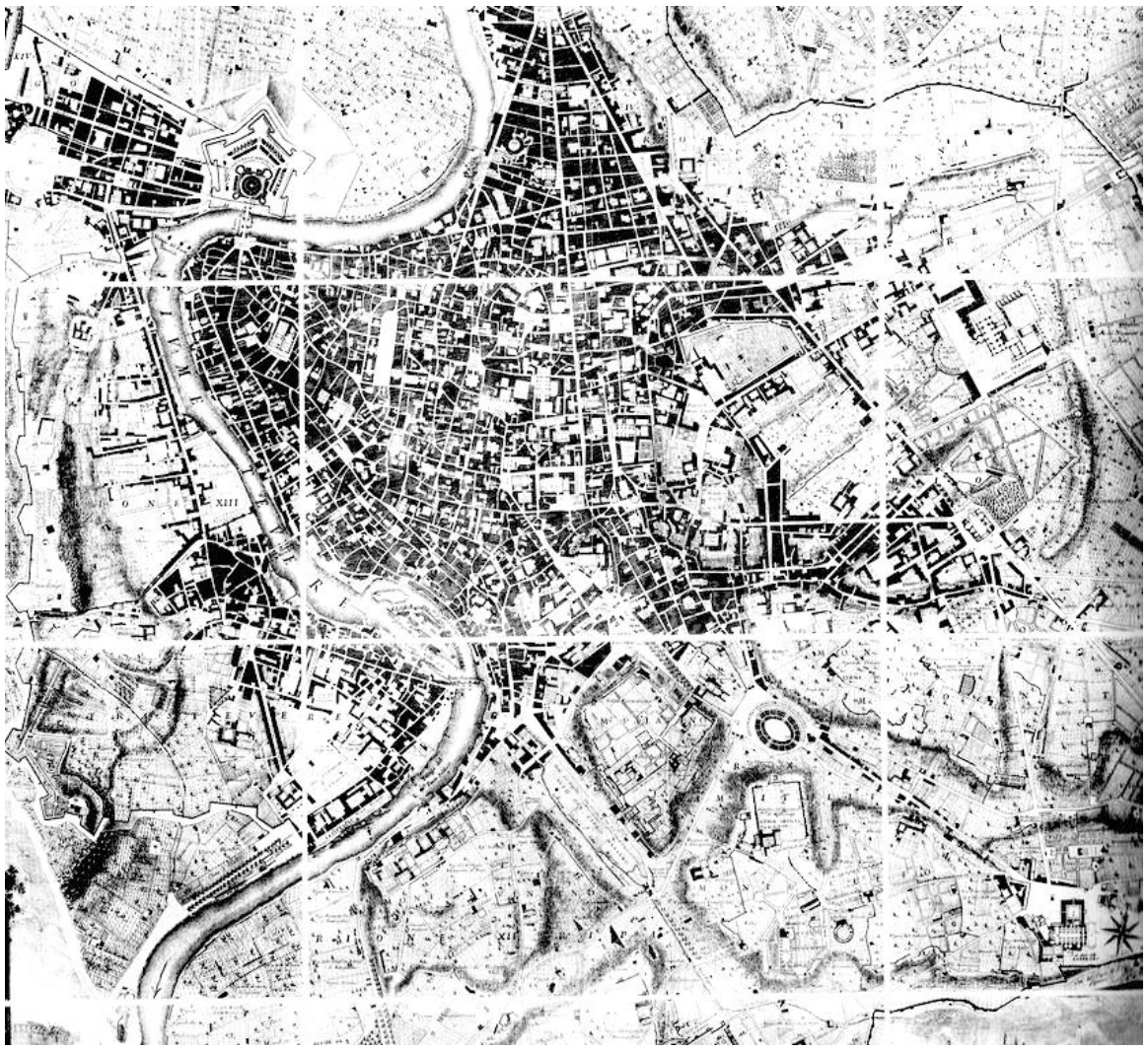
Gli spazi non si limitano a dei luoghi chiusi, ma sono da considerare tali tutti quei luoghi in cui l'esperienza spaziale si prolunga nelle città, nei parchi, nelle piazze, dove agisce la mano dell'uomo nel creare vuoti a loro volta racchiusi in dei limiti.[105] Questa visione, sblocca immediatamente il ricordo delle mappe di Roma, compiute nel '700 da Giambattista Nolli, in cui è evidente nella rappresentazione il bianco penetrabile degli spazi pubblici che garantiscono una fluidità della vita cittadina e il nero imperscrutabile a cui spetta il compito di definire e porre un limite. D'altronde, è normale pensare come in architettura, gli spazi siano i protagonisti della progettazione, in quanto sono i luoghi dove si svolge la quotidianità. A questo punto subentra un ulteriore aspetto, che accompagna l'esperienza umana, dettato da una conformazione spaziale, il movimento. Infatti quest'ultimo nasce da ciò che lo spazio suggerisce, come un colonnato di una chiesa ci induce a percorrere la navata.[106]

La vita viene posta al centro di tale interpretazione, l'uomo determina lo spazio, instaurando una relazione col mondo circostante definendolo in base alle proprie esperienze.[107] Gli spazi vuoti sono un'estensione dell'essere umano, l'uomo che è posto al centro sprigiona l'energia necessaria alla loro configurazione e conformazione.[108]

Dal movimento, l'uomo giunge sino alla consapevolezza, data dal proprio moto, del proprio corpo inteso come limite con la stessa ambiguità del pieno e vuoto. Da una parte, infatti, cerca certezza e accoglienza nella materia,

FIG.59 ZOIA A., *Pantheon*, Roma, 118-125 d.C., Fotografia, 2020.

102 MORETTI L., «Strutture e sequenze di spazi», in *Spazio*, Milano: Gruppo Editoriale Spazio, n.7, 1953, p. 10.
103 *ibid.*
104 *ibid.*
105 ZEVI B., *Saper vedere l'architettura*. Torino: Einaudi, 1948, reprint 2009, p. 29.
106 SCOTT G., *L'architettura dell'umanesimo* (1914). Bari: Dedalo, 1978, p. 181.
107 ARGAN G.C., «A proposito di spazio interno», in *Metron*, 28, ottobre 1948, p. 21.



60

solida e robusta in grado di proteggerla, dall'altra parte la sua necessaria voglia di espansione prende forma nell'intuizione dello spazio.[109]

L'uomo prende consapevolezza del proprio corpo, intuisce lo spazio interno di un'architettura. Entrambi manifestano la necessità di concentrazione nel proprio limite. Il vuoto, che in questo caso è il soggetto destinatario e al tempo stesso originario di un'architettura, è creato a partire dal pieno e procede dentro di esso. Al contrario senza una relazione con esso, semplicemente non esisterebbe.
Il movimento è una tematica interessante all'interno del monastero. Le sequenze tra gli ambienti monastici, creano dei «momenti», in cui la circolazione rimane fluida e libera, senza una divisione netta degli spazi. La giornata all'interno del monastero è scandita secondo orari ben precisi. Questo aspetto della vita delle suore Carmelitane Scalze, viene favorito da una circolazione continua, data dalla configurazione dei vuoti tra le masse dell'edificio.

«Immaginiamo il punto di vista dell'uomo che ha iniziato la storia dell'architettura»,[110] che seguendo il suo istinto «si rifugia in una nicchia, in qualche buco sul fianco di una montagna, in una grotta.»[111] Esamina lo spazio che lo ripara, al riparo da vento e pioggia, e nota come l'ampiezza delle volta come il limite di uno spazio esterno e l'inizio di uno spazio interno che evoca in lui un sentimento di protezione e una nostalgia del grembo materno, un gioco di ombre e luci ancora poco chiare. Una volta che l'uomo lascia la caverna, il suo ingresso, la copertura, le pareti, evocano in lui un'immagine e l'idea di grotta. Dopo aver esaminato più grotte, l'uomo potrebbe realizzarne un modello astratto, ma già codificato iconicamente e architettonicamente. A questo punto tale immagine rimane, in lontananza diventa la comunicazione di una funzione possibile, anche quando non c'è né realizzazione della funzione né desiderio di realizzarla.[112]

Il ragionamento nasce dall'immagine e dallo studio della caverna, e ad essa ambisce fare ritorno. Assimila tutte le nozioni necessarie al fine di immortalarle all'interno di questo luogo misterioso. La caverna è l'ideale dell'architettura scavata, in cui l'egemonia dello spazio interno nasce dalla materializzazione di un limite.

FIG.60 NOLLI G.B., *Nuova Pianta di Roma*, 1748.
FIG.61 A pagina successiva: DUCROS A.L.R., *Baia del Tempio di Mercurio*, Losanna, Musée cantonal des beaux-arts, 1974.

108 ARNHEIM R., *Arte e percezione visiva* (1954). Milano: Feltrinelli, 1962, ristampa 2011, p. 206.
109 SCHMARSOW A., «The Essence of Architectural Creation», in MALLGRAVE H.F., *Empathy, form, and space. Problems in German aesthetics*, 1873-1893. Santa Monica: The Getty Center for the History of Art and the Humanities, 1994, p. 286.
110 ECO U., «Function and Sign: The Semiotics of Architecture», in LEACH N., *Rethinking Architecture. A Reader in Cultural Theory*. London and New York: Routledge, 1997, p. 174.
111 *ibid.*
112 *ibid.*

61

62

[...] ci fu il mormorio di un vento leggero. Come l'udì, Elia si coprì il volto con il mantello, uscì e si fermò all'ingresso della caverna.

Dal primo libro dei Re 19, 1-9a

Ma la caverna si identifica — oltre che come principio dell'architettura stereotomica — come luogo di ritiro spirituale individuale, da sempre utilizzata da eremiti cristiani, che ne enfatizzavano la natura sacra. È il caso dei primi eremiti Carmelitani, che fondarono in seguito l'ordine monastico dei Carmelitani Scalzi, ordine del monastero di Arrábida.

La storia dell'ordine dei Carmelitani scalzi inizia con il Monte Carmelo stesso. Non tanto una montagna quanto una cresta inclinata che si riunisce in cima a una scogliera con una vista mozzafiato sulla baia di Haifa, il Carmelo copre un'area di diverse miglia quadrate. Le sue scarpate, molto boscose, sono trafitte da wadi pieni di grotte. Per gli eremiti è un paese ideale, essendo abbondante in acqua, boschi, vegetazione, altezza e, non ultimo, un paesaggio spettacolare. Gode anche, naturalmente, della presenza del santo. I resoconti narrativi di Elia nelle Scritture ebraiche coprono un ampio territorio, da Sidone al Giordano; ma per i pellegrini e gli esegeti cristiani la geografia della carriera del profeta si è sempre più concentrata sul Monte Carmelo. Questo fu il luogo dei suoi trionfi più spettacolari, contro i sacerdoti di Baal e contro gli eserciti inviati dal re Ahaziah per arrestarlo. La sommità della montagna, che domina l'insediamento di Haifa e la baia, fu dal quarto secolo un luogo di importanza culturale locale.[113] Una grotta sotto la cima era associata a Elia nella devozione ebraica, e venne venerata anche da cristiani e musulmani.[114]

La storia del Carmelo è intimamente legata al profeta Elia. Secondo tradizioni raccolte dai Santi Padri e da scrittori antichi, diversi luoghi conservavano il ricordo della sua presenza: una grotta sul versante nord dove stabilirono la loro dimora prima lui e poi Eliseo, che sembra essere stata principalmente una grotta naturale e nel corso del tempo è stata elaborata, ampliata e adattata per scopi religiosi. Nella stessa zona verso ovest una sorgente conosciuta come «Fonte di Elia», che lui stesso avrebbe fatto sgorgare dalla roccia. In questi luoghi venerati fin dagli albori del Cristianesimo, dove si erano costruite Chiese e Monasteri in memoria di Sant'Elia nacque l'Ordine del Carmelo.

FIG.62 Autore Sconosciuto, *Monte Carmelo*, Israele, Fotografia. https://buscandoloescondido.com/2016/02/29/monte-carmelo-huerto-de-dios-vina-de-dios-jardin-de-dios-montana-de-elias/.
FIG.63 A pagina successiva: CASTELLÓNENRED, *Antico convento Carmelitano nel deserto di Las Palmas*, Castellon, Spagna, fotografia, 2009. https://www.wikiwand.com/es/Convento_Carmelita_del_Desierto_de_las_Palmas.
FIG.64 A pagina successiva: PRADES J.E., *Vecchia grotta del Calvario*, Deserto di las Palmas, Castellon, Spagna, fotografia, 2015. https://es.wikipedia.org/wiki/Archivo:Antro_del_Calvario_Viejo,_Desierto_de_las_Palmas_(Benic%C3%Aossim).jpg

113 JOTISCHKY A., *The Carmelites and Antiquity. Mendicants and their Pasts in the Middle Ages*. Oxford: University press, 2002, p. 8.
114 JOTISCHKY A., *The Perfection of Solitude: Hermits and Monks in the Crusader States*. Pennsylvania: State University Press, 1995, p. 108.

63

64

65

Da sempre questo monte è stato considerato il giardino verdeggiante della Palestina e simbolo di fertilità e bellezza. In questa catena di montagne sgorgano abbondanti sorgenti, per cui sui suoi gioghi e nelle sue valli cresce una flora ricca e varia, tipicamente mediterranea: Karmel, infatti, significa Giardino di Dio, in quanto porta con sé sempre una connotazione di bellezza e di vita.[115]

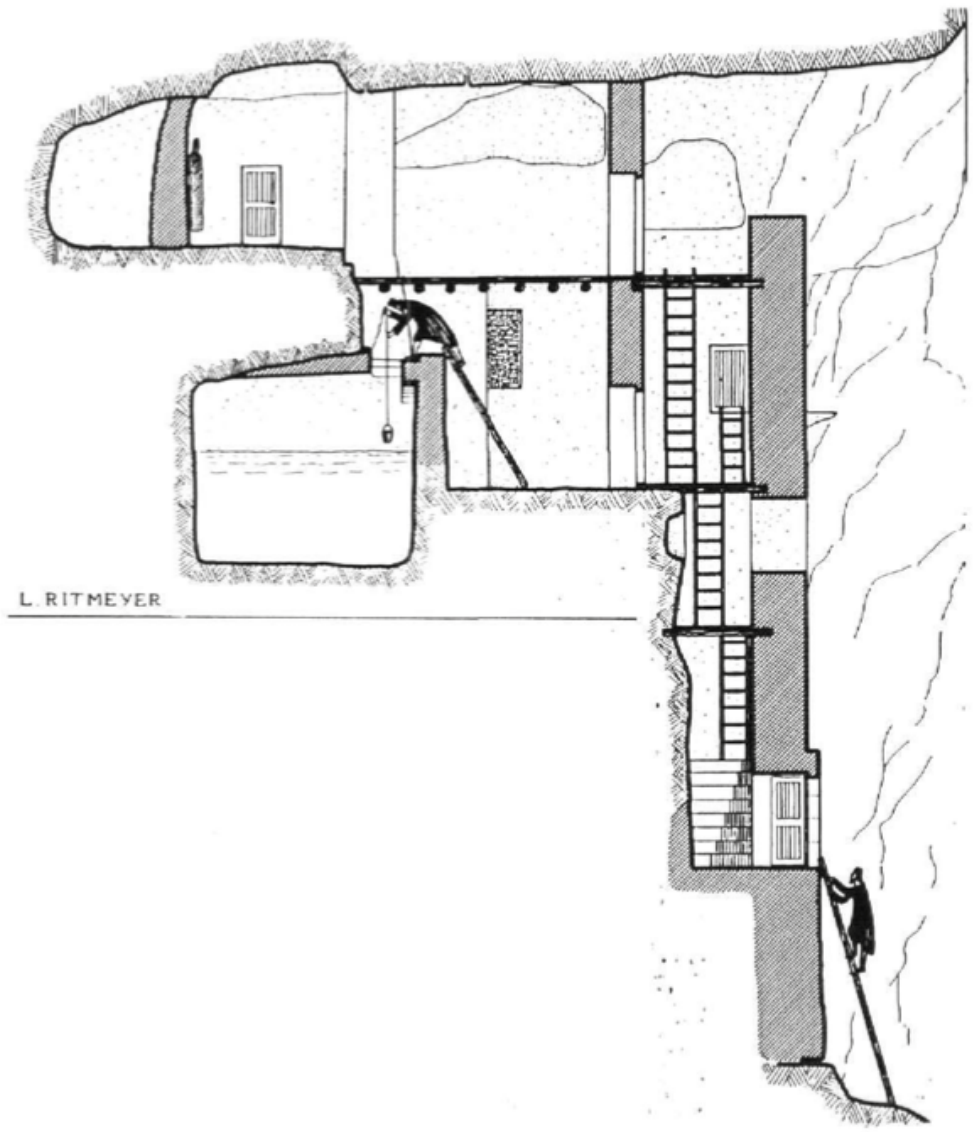
La vita nella grotta — così come quella occupata da Elia — diventa un'immagine figurativa e originaria dell'ordine carmelitano e della vita religiosa come fu la grotta della natività. Attorno alla natura sacra della caverna nascono comunità eremitiche che si appropriano della montagna e delle sue viscere.

Esistono molteplici esempi di deserti che hanno origine dalla presenza e dall'occupazione di grotte, proprio come ha avuto origine lo stesso ordine monastico Carmelitano. Un esempio è il Santo Desierto de Las Palmas, costituito da diversi gruppi di conventi, eremi e grotte. Un altro modello è la Laura; nel cristianesimo orientale, determinava un insediamento monastico di dimensioni ridotte. In origine, indicava un agglomerato di celle o di grotte di monaci, con una chiesa e, alle volte, un refettorio nel mezzo. Si distingueva da un lato dagli eremi degli eremiti, la cui vita non prevedeva momenti passati con altri monaci, dall'altro dai cenobi dei cenobiti, nei quali la vita era tutta in comunità. Il vocabolo ha origini greche e significa «cammino stretto» o «gola».

Numerosi esempi di grotte sacre, sono presenti in Terra Santa. Questi eremi indipendenti consistevano, principalmente, in una grotta naturale ristrutturata per offrire le condizioni ascetiche necessarie e sufficienti e provvedere alle limitate esigenze fisiche degli anacoreti. Il deserto di Juan, le gole del Negev e le montagne di granito del Sinai meridionale, offrivano molti rifugi naturali di questo tipo. Certamente, un soggiorno di lunga durata nelle grotte, come di solito avveniva per gli eremiti, non era molto piacevole. Tuttavia, come nei monasteri organizzati, così anche negli eremi rupestri isolati, la mano umana dell'asceta interveniva per mitigare la crudeltà del deserto e per produrre condizioni di vita più indulgenti. Così, l'apertura della grotta era di solito bloccata lasciando solo una piccola apertura. Lo spazio interno della grotta era diviso in due celle separate, una delle quali era usata come cappella e l'altra come abitazione. In quasi tutti gli eremi sono state prese delle disposizioni per l'approvvigionamento idrico, mentre in alcuni di essi è stato aggiunto un piccolo giardino davanti all'apertura della grotta per le piante stagionali. Molto spesso, l'intervento dell'eremita era ancora più drastico, alterando del tutto la forma della grotta con l'incisione della roccia, o aggiungendo edifici in pietra. Alcuni degli eremi rupestri scoperti

FIG.65 *Laura di S. Saba*, Betlemme, 478 A.D, Fotografia, 1860-1880. Fotografia del Library of Congress. https://www.biblewalks.com/marsaba.

115 JOTISCHKY A., *op.cit.*, p. 109.



66

nel deserto della Giudea sono unità autosufficienti, che permettono un soggiorno di lunga durata, dato che il monaco ha fatto tutte le provviste alimentari necessarie. Una grotta-eremitaggio di questo tipo fu quella utilizzata dal famoso asceta San Giovanni l'Isicasta. San Giovanni, anche se membro della grande laura di San Sabba, era autorizzato a condurre una vita di anacoreta indipendente. Il suo eremo era sulla scogliera orientale della valle del Kidron, non lontano dalla laura. In origine, era una grande fessura naturale della roccia, bloccata da un muro di pietra alto 11 metri. Nella sua parte inferiore, il muro formava una specie di pozzo verticale attraverso il quale l'ascetico poteva salire con una scala. Sopra c'era uno spazio a due piani, quello inferiore consisteva in una cella abitativa rettangolare e una grande cisterna che raccoglieva l'acqua delle piene dall'esterno della grotta. Il piano superiore conteneva una cappella spaziosa e ben costruita. In una laura non identificata, le cui rovine sono state recentemente rilevate e in parte scavate nel Wadi Danubia, a nord-ovest di Gerusalemme, sono stati scoperti gli eremi più interessanti. Uno di essi era unico nella sua posizione e forma. L'eremo era situato in una grande fessura di roccia appesa sopra la ripida scogliera meridionale del burrone e ad una distanza di circa 700 metri ad ovest della chiesa principale della laura. Per raggiungere l'eremo si doveva scendere un brusco pendio roccioso e percorrere uno stretto e impervio sentiero in parte scavato nella roccia. L'asceta che viveva in un luogo così isolato era legato alla Laura solo formalmente. Certamente le sue visite alla Laura non erano quotidiane, nemmeno settimanali. In altre parole era un anacoreta indipendente che viveva all'interno, o molto probabilmente ai margini del monastero. La fessura naturale della roccia era abbastanza grande e profonda da formare davanti ad essa una spaziosa terrazza usata dall'asceta come un piccolo giardino. Lo spazio interno della fessura naturale poteva essere facilmente utilizzato come luogo di preghiera, una sorta di cappella. In alto, sulla roccia liscia a sinistra della bocca della grotta, è stata scavata un'apertura rettangolare. A prima vista, sembrerebbe abbastanza impossibile da scalare, ma nel momento in cui si inizia la salita è facile, grazie alla lungimiranza del monaco. Esattamente sotto l'apertura erano state tagliate nella roccia due file verticali di prese poco profonde. Le prese erano disposte in modo tale da permettere una salita quasi senza vista. L'apertura conduceva in una grotta scavata, abbastanza grande per una persona. Appena sotto l'entrata della grotta era tagliata nella roccia una stretta sporgenza piana che portava ad un «divano» profondo e ben tagliato. Il divano offriva un comodo sedile che guardava la meravigliosa vista della gola sottostante. Sotto il divano c'erano due piccole depressioni dove si mettevano i piedi, così l'intera disposizione forniva una poltrona molto piacevole. Il supplemento più sorprendente di questo eremo si trovava in basso, nella terrazza del giardino. Proprio di fronte alla bocca della fessura, un pesante blocco di roccia si alzava come una colonna che sosteneva il tetto della grotta. Dalla sua cima era sospesa un'esile stalattite, dalla cui estremità, ogni venti secondi, cadeva

FIG.66 *L'Eremo di Giovanni Esicasti, nella Laura di S. Saba a Wadi e-Nar*, Betlemme, 478 A.D. Tratta da TZAFERIS V., *Early monks and monasteries in the Holyland*. Atene: Società Archeologica, 15, 1991, pp. 43-46, URL: https://doi.org/10.12681/dchae.1034, consultato Marzo 2021.

67

una densa goccia d'acqua. L'acqua veniva raccolta in una piccola vasca scavata nel mezzo della colonna di roccia. Accanto al bacino fu tagliata una sporgenza orizzontale a forma di mensola, abbastanza grande da contenere una piccola tazza. La mensola aveva una superficie concava e una leggera scanalatura che portava alla piccola vasca. Tutto era stato fatto con cura e precisione per non sprecare nemmeno una goccia del prezioso liquido. La piccola sorgente gettava le sue gocce, con la stessa frequenza durante tutto l'anno, e lo fa ancora. Nella durata di un giorno e una notte l'asceta poteva raccogliere circa un litro d'acqua. Possiamo certamente supporre che questo fosse il suo consumo giornaliero, perché non sono state trovate altre disposizioni per la conservazione dell'acqua nell'eremo. L'eremo appena descritto, con tutti i suoi supplementi, testimonia chiaramente l'aspetto umano dell'ascetismo cristiano primitivo in Terra Santa. Finora, nessuna scoperta archeologica ha testimoniato un'estremità monastica o un'autocastigazione. I monaci della Terra Santa, anche gli asceti più austeri, non hanno mai interrotto i loro legami con il mondo esterno da cui provenivano originariamente e non hanno mai dimenticato la loro natura umana. Nei loro monasteri, nei loro eremi o nella nuova società che costruirono, il corpo e l'anima erano trattati allo stesso modo, creando così una società equilibrata, a cui non mancavano nemmeno i piccoli piaceri della vita. L'asceta, il cui eremo è stato appena descritto, non risparmiò né tempo né lavoro per crearsi una dimora adatta dove corpo e anima potessero vivere in armonia e senza dolorose privazioni. Seduto su quel comodissimo divano, scolpito sulla rupe rocciosa della sua grotta e guardando in basso la vista mozzafiato del profondo burrone o in avanti verso l'infinito deserto della Giudea, mentre sentiva il piacevole suono delle gocce d'acqua fresca e fresca, certamente viveva ore di relax corporeo e di gioia. Forse, chissà, fu attraverso questo piacere fisico, che trovò la via dell'unione con il suo Creatore. Alcuni altri asceti si sono impegnati a creare eremi non solo comodi, ma anche dall'aspetto gradevole e decorati artisticamente. Così, un eremo, scoperto nella valle tra Gerico e il fiume Giordano, era interamente pavimentato con mosaici colorati, mentre molti altri scoperti nel deserto avevano 15 cappelle iconografiche. In generale, tutti gli eremi scoperti in Terra Santa riflettono una reale preoccupazione di creare le condizioni più elementari per una vita umana fisica decente.[116]

Tornando all'ordine Carmelitano, già nel quinto secolo, i monaci avevano approfittato della grazia naturale del luogo e del ricordo di Elia. C'era poco insediamento monastico istituzionale sul Carmelo, tuttavia, e il tono del monachesimo palestinese era ambientato nelle zone selvagge del deserto giudaico piuttosto che sui pendii verdeggianti del monte sul mediterraneo. Tra il sesto secolo e il dodicesimo non c'è traccia di alcuna attività monastica sul Monte Carmelo. Quando le testimonianze cominciano a riemergere dopo il silenzio, negli anni 1160,

FIG.67 Autore Sconosciuto, *La grotta di Saba*, Betlemme, 478 A.D. Segnata da una croce, si trova sulla parete di fronte al torrente. Si vede qui dal balcone principale. Secondo la tradizione, Saba si appartò qui per 5 anni. Intorno ad essa ci sono altre grotte, dove i suoi assistenti vivevano mentre costruivano il monastero. https://www.biblewalks.com/marsaba.

116 TZAFERIS V., *Early monks and monasteries in the Holyland*. Atene: Società Archeologica, 15, 1991, pp. 43-46. URL: https://doi.org/10.12681/dchae.1034, consultato Marzo 2021.

la sorpresa è che i monaci abbiano impiegato così tanto tempo per riscoprire il fascino di questa zona. Ci volle una catastrofe per la cristianità prima che i vantaggi del monte Carmelo venissero di nuovo apprezzati appieno. Sebbene i monaci ortodossi indigeni avessero occupato la grotta di Elia dagli anni 1160 e un gruppo di monaci ortodossi calabresi si fossero stabiliti sulla cima della montagna. La lettera di Alberto segna la fondazione della comunità carmelitana. Essa stabilisce, su richiesta degli stessi eremiti, uno stile di vita per un gruppo di cristiani dediti alla penitenza. Dovevano vivere in celle individuali e riunirsi in un oratorio per pregare insieme. Dovevano osservare digiuni e un voto di silenzio, e dedicarsi alla preghiera e alla mediazione. Non era permesso loro di possedere beni oltre agli animali necessari come bestie da soma. Da quanto tempo gli eremiti franchi vivevano sul Monte Carmelo prima di rivolgersi ad Alberto per essere guidati, rimane oscuro.[117]

I cosiddetti deserti costituiti da abitazioni sparse e da itinerari segnati da cappelle arriverà in Spagna, presa dai frati Carmelitani Riformati, o Carmelitani Scalzi, di cui gli esempi più notevoli sono il deserto di Bolarque, il deserto di Batuecas, vicino a La Alberca, entrambi ispirati da Padre Tomás de Jesús (1564-1627). Padre Tomás ha un'opera scritta significativa nel campo del lavoro missionario e della riforma carmelitana, poiché gli si deve l'introduzione nell'Ordine della tendenza eremitica, che fu, di fatto, una delle caratteristiche fondanti della congregazione. Il suo ritiro a Las Batuecas lo porterà poi ad assumere il priorato del piccolo convento e a porre le basi del deserto di Bolarque nel 1592. Con il suo intervento diretto, i Carmelitani Scalzi diffonderanno questo stile di vita in tutta Europa, dando vita a vari conventi e altri deserti che divennero famosi come il Marlagne, in Belgio. Dalla stessa congregazione, Domenico di Gesù Maria fondò il deserto di Varazze, vicino a Genova. Questi stabilimenti delle Carmelitane Scalze saranno il modello del grande deserto portoghese di Bucaco. Tuttavia, la tipologia era stata sperimentata prima (o ripresa, visto che si tratta di una tradizione antica) in Portogallo, non solo ad Arrábida ma, seguendo questa idea, attualizzata dai francescani riformati o cappuccini di Arrábida, in altri luoghi.[118]

Ma cosa si intende più precisamente con Deserto; nello specifico — nel Carmelo — per Deserto si intendono diverse cose. Prima di tutto, il Deserto è uno spazio geografico che si caratterizza per essere un luogo appartato, solitario, spesso con montagne e luoghi isolati, che ha le qualità necessarie per favorire una vita di raccoglimento e la pratica della contemplazione. Non è una natura selvaggia, ma trasformata e lavorata dall'eremita che fa sì che uno spazio selvaggio e inospitale diventi un luogo piacevole. Un luogo dove c'è comunione, simbiosi tra l'uomo, il monaco-eremita, e l'ambiente naturale, che in gran parte, porta l'eremita a vivere con e dai prodotti stessi che la

117 JOTISCHKY A., *op.cit.*, p. 10.
118 JIMÉNEZ J.M.M., *Arquitectura carmelitana (1562-1800). Arquitectura de los Carmelitas Descalzos en España, México y Portugal durante los siglos XVI a XVIII*. Ávila: Diputación Provincial de Ávila, 1990, pp. 343-372.

natura gli offre, senza sottoporla a uno sfruttamento eccessivo.[119]

Questo carattere di luogo appartato è rafforzato dall'architettura del monastero stesso, che non attacca in nessun modo l'ambiente naturale, ma piuttosto si identifica con esso. In un certo senso i deserti carmelitani seguono la struttura degli eremi medievali con la chiesa al centro e le celle degli eremiti intorno alla chiesa. Le celle, «strette e povere, perché servono più come luogo di sepoltura che come stanza», favoriscono la solitudine e, separate le une dalle altre, sono unite da un chiostro «umile e basso, scolpito molto rozzamente senza alcuna curiosità», che serve come elemento unificante dello spazio. Ogni cella ha il suo piccolo giardino che viene curato dall'eremita. A prima vista, il Deserto è configurato da un'alta recinzione che delimita lo spazio in cui è costruito il Deserto e che costituisce il cosiddetto recinto papale. Una volta dentro, troviamo un secondo recinto che circonda lo spazio conventuale dove si trovano le celle degli eremiti e gli spazi comuni, al centro dei quali si trova la chiesa. Tra i due recinti e disegnati dallo spazio chiuso ci sono gli eremi dove gli eremiti di solito si ritirano temporaneamente.
La solitudine, favorita da questo tipo di architettura, è rafforzata dalle diverse recinzioni che delimitano gli spazi del Deserto, esprimendo così che questo spazio, già solitario di per sé, è per coloro che vogliono stare soli in solitudine. In secondo luogo, la solitudine è rafforzata dagli eremi che, lontani dal monastero e sparsi nello spazio chiuso, favoriscono l'eremita ad avere un periodo più o meno lungo di solitudine individuale. Questi spazi o luoghi appartati diventano spazi di qualità della vita nella misura in cui i loro abitanti hanno a disposizione quei beni, più apprezzati oggi che in passato, a causa della loro scarsità, che chiamiamo beni immateriali e che non hanno prezzo, come l'aria salubre, l'acqua pura, la solitudine o il silenzio, la bellezza naturale, che sono visti e valutati come indispensabili per l'equilibrio e la felicità delle persone e delle società.[120]

Il Deserto è presentato come una struttura giuridica nel quadro generale della vita carmelitana scalza. Crea uno stile di vita diverso da quello generale e perciò richiede uno statuto o legislazione propria: «L'istruzione per i Deserti». Essa definisce in cosa consiste il Deserto, lo scopo della vita eremitica, le qualità che deve avere colui che va nel Deserto, la struttura della comunità, la vita che si conduce nel Deserto, indicando gli orari, i tempi e i modi della preghiera, così come gli esercizi penitenziali cui l'eremita deve sottoporsi. Nelle Costituzioni della Congregazione di Spagna del 1604 appare la prima legislazione propria dei Deserti, concretamente nel capitolo XI della stessa che si intitola «Delle Costituzioni del Geromonaco». In otto paragrafi struttura la vita dei Deserti, definendo lo stile di vita basato sulla preghiera continua, il silenzio perpetuo, la clausura inviolabile, la grande

119 JIMÉNEZ J.M.M., *op.cit.*, p. 343-372.
120 SAINT-MARC P., *Socialización de la naturaleza*. Madrid: Guadiana de Publicaciones, 1972, pp. 30-61.

68

durezza della vita, tratta dei religiosi che vanno nel Deserto, degli esercizi da compiere da coloro che vivono in ritiro negli eremi, e infine tratta del governo del Deserto e dell'osservanza della legislazione propria ad esso. In terzo luogo, il deserto carmelitano ci riporta a un tempo, a volte idealizzato, il tempo di «quei nostri padri da cui proveniamo, che in così grande solitudine e con così grande disprezzo del mondo cercavano questo tesoro, questa preziosa margherita di cui parliamo»[121], il tempo delle origini, al quale guardiamo, soprattutto in tempi di crisi e di rinnovamento, cercando l'essenza della vita carmelitana, l'ideale contemplativo.[122]

Il fondatore dei Deserti dei Carmelitani Scalzi, Padre Tomas de Jesus, affermò che la vita eremitica fa parte della tradizione carmelitana e con la riforma, non si sarebbe dovuta perdere la sua reale natura.[123] Il deserto, quindi, cercherebbe di salvaguardare una serie di valori definiti nella Regola del Carmelo e che, secondo i suoi mentori, non sempre potrebbero essere vissuti in un normale monastero, non invano la vita eremitica e solitaria era considerata più nobile di quella cenobitica e monastica. Questi valori sono i seguenti: solitudine, "l'astrazione dei secolari", silenzio, preghiera continua giorno e notte, penitenza, lavoro manuale.[124]

Il Carmelo è nato in Palestina, alla fine del XII secolo, come ordine eremitico nel contesto del pellegrinaggio in Terra Santa. Quei primi carmelitani sono pellegrini e condividono con essi lo sradicamento dal luogo di origine, la povertà o il distaccamento alle cose, il rifiuto delle strutture sociali e religiose del tempo e il senso escatologico della vita.[125]

Fino a quando il patriarca Alberto, intorno al 1209, approvò la loro Regola, i primi carmelitani praticarono l'eremitaggio individuale, cercando la perfezione cristiana in mezzo alla solitudine intesa in un triplice senso: solitudine geografica, ovvero l'usanza eremitica del tempo di stabilirsi in luoghi appartati e solitari con grande risonanza biblica; solitudine psicologica, intesa come isolamento, assenza di comunicazione, che porta con sé l'insicurezza causata da clima, fame, e ambiente ostile; solitudine in senso ecclesiale, che si traduce in una rottura con le forme di vivere la vita monastica del tempo.[126] L'eremita si vede come un pellegrino, un espatriato, che, avendo volontariamente rotto con il quadro abituale della vita, si reca in Terra Santa, non tanto per venerare i luoghi della vita di Gesù Cristo, ma per ritirarsi nel deserto dove può svolgere la battaglia spirituale, simboleggiata nella lotta contro il diavolo, contro «le passioni», che sono il «vero nemico dell'uomo interiore» ed essere così preparato, attraverso la contemplazione, ad attendere la venuta finale del Signore. La regola data dal Patriarca Alberto a

FIG.68 MORLEY B., *St. George Monastery*, Wadi Quilt, Israele, Fotografia, 2011. https://www.flickr.com/photos/brianmorley/6026989555.

121 SANTA TERESA DE JESÚS, *Libro de las Fundaciones*, 28,20.
122 LUIS J. F. FRONTELA, «El Desierto en el Carmelo Descalzo», *Revista de espiritualidad*, Valladolid, nº 246-247, 2003, p. 82.
123 FRANCISCO DE SANTA MARÍA, *Reforma de los descalzos de nuestra señora del Carmen: de la primitiva observancia, hecha por Santa Teresa de Jesus, en la antiquissima religion, fundada por el gran profeta Elias*, Vol, 2, Madrid: Diaz de la Carrera, 1644, p. 616.
124 FRANCISCO DE SANTA MARÍA, *op.cit.*, p. 616-617.
125 GÓMEZ J.A., *Historia de la Vida Religiosa, II. Desde los canónigos regulares hasta las reformas del siglo XV*, Publicaciones Claretianas. Madrid, 1989, pp. 75-33.
126 SAINTE MARIE F., *Les plus vieux textes du Carmel*. Paris: Éditions du Seuil, 1945, pp. 75-76.

MONS COAGULATUS MONS
IN QUO BENEPLACITUM EST
MONS DEI MONS PINGUIS
DEO HABITARE IN EO. PS. 67. 16.
INDUXI VOS IN TERRAM CARMELI UT COMEDERETIS FRUCTUM EJUS ET OPTIMA ILLIUS. Hierem. 2. 7.
SOLO MORA EN ESTE MONTE LA GLORIA Y HONRA DE DIOS
ETERNO CONVITE
DIVINO SILENCIO
DIVINA SABIDURIA
CARIDAD
FE - ESPERANZA
SABIDURIA
INTELIGENCIA
FORTALEZA
CIENCIA
CONSEJO
PIEDAD
TEMOR DE DIOS
JUSTICIA, FORTALEZA,
PRUDENCIA, TEMPLANZA,
CARIDAD
PAZ
LONGANIMIDAD
FE
CONTINENCIA
GOZO
PACIENCIA
BONDAD
BENIGNIDAD
MANSEDUMBRE
MODESTIA
CASTIDAD
POR AQUI
NO HAY CAMINO
QUE PARA EL JUSTO
NO HAY LEY
CUANDO CON PROPIO AMOR NO LO QUISE
DIOSEME TODO SIN IRME TRASDELLO
DESPUES QUE ME HE PUESTO EN NADA
HALLO QUE NADA ME FALTA
Y EN EL MONTE
NADA
TANTO MAS ALGO SERAS
CUANTO MENOS SER QUISIERAS
TARDE MAS Y SUBI MENOS PORQUE
NO TOME LA SENDA
POR HABERLOS PROCURADO TUVE MENOS
QUE TUVIERA SI POR LA SENDA SUBIERA
BIENES DEL CIELO
GLORIA
ni eso
SEGURIDAD
ni eso
GOZOS
ni eso
CONSUELOS
ni eso
SABER
NADA
NADA
NADA
NADA
GUSTO
ni esotro
LIBERTAD
ni esotro
HONRA
ni esotro
CIENCIA
ni esotro
DESCANSO
BIENES DE TIERRA
NO PUDE SUBIR AL MONTE
POR LLEVAR CAMINO ERRADO
CUANTO MAS LOS PROCURABA
CON TANTO MENOS ME HALLE
BIENES DEL CIELO
BIENES DE TIERRA
CAMINO DE ESPIRITU IMPERFECTO
SENDA ESTRECHA
DE LA PERFECCION
ARCTA EST VIA QUÆ DUCIT AD VITAM. Matt. 7. 14.
CAMINO DE ESPIRITU ERRADO
LOS VERSILLOS SIGUIENTES DECLARAN EL MODO DE SUBIR POR LA SENDA AL MONTE DE PERFECCION; Y DAN AVISO PARA NO IR POR LOS DOS CAMINOS TORCIDOS.
MODO PARA — VENIR AL TODO
PARA VENIR A LO QUE NO SABES
HAS DE IR POR DONDE NO SABES.
PARA VENIR A LO QUE NO GUSTAS
HAS DE IR POR DONDE NO GUSTAS.
PARA VENIR A LO QUE NO POSEES
HAS DE IR POR DONDE NO POSEES.
PARA VENIR A LO QUE NO ERES
HAS DE IR POR DONDE NO ERES.
— MODO DE TENER AL TODO —
PARA VENIR A SABERLO TODO
NO QUIERAS SABER ALGO EN NADA.
PARA VENIR A GUSTARLO TODO
NO QUIERAS GUSTAR ALGO EN NADA.
PARA VENIR A POSEERLO TODO
NO QUIERAS POSEER ALGO EN NADA.
PARA VENIR A SERLO TODO
NO QUIERAS SER ALGO EN NADA.
MODO PARA — NO IMPEDIR AL TODO
CUANDO REPARAS EN ALGO
DEJAS DE ARROJARTE AL TODO.
PORQUE PARA VENIR DE TODO AL TODO
HAS DE DEJAR DEL TODO A TODO.
Y CUANDO LO VENGAS TODO A TENER
HAS DE TENERLO SIN NADA QUERER.
PORQUE SI QUIERES TENER ALGO EN TODO
NO TIENES PURO EN DIOS TU TESORO.
— INDICIO DE QUE SE TIENE TODO —
EN ESTA DESNUDEZ HALLA EL
ESPIRITU QUIETUD Y DESCANSO,
PORQUE COMO NADA CODICIA, NADA
LE IMPELE HACIA ARRIBA Y NADA
LE OPRIME HACIA ABAJO, QUE ESTA
EN EL CENTRO DE SU HUMILDAD.
QUE CUANDO ALGO CODICIA
EN ESO MISMO SE FATIGA.
SINTESIS DE LA SUBIDA AL MONTE CARMELO S JUAN DE LA CRUZ

quei carmelitani solitari li trasforma in un collegio o comunità — un'evoluzione dell'eremitismo individuale a quello cenobitico — ma senza perdere affatto l'essenza della vocazione eremitica. Questa era un'evoluzione normale in quasi tutti i movimenti eremitici. Successivamente quegli eremiti, nel secondo terzo del XIII secolo, a causa della pressione musulmana sugli ultimi territori crociati in Palestina, dovettero emigrare in Europa, trovandosi nella necessità di dover adattare il loro stile di vita alla nuova forma di vita religiosa approvata nel IV Concilio Lateranense; la vita mendicante. Nonostante l'evoluzione del Carmelo da ordine eremitico a mendicante, la nostalgia del deserto o delle origini persiste ancora.[127]

Dunque, eremi dispersi nel paesaggio erano parte figurativa della dottrina Carmelitana, e la presenza di un limite sanciva l'area sacra e riparata del convento. Per i Carmelitani il deserto era un paesaggio avverso, sinonimo di prova e sacrificio. Questo non tralasciava il suo fascino selvaggio e pieno di vita, al contrario aumentava l'estensione meditativa. Il disegno architettonico si accosta e si converte al paesaggio; si mimetizza e si rinchiude dentro di esso, rendendo omaggio all'opera maestosa del creato, proprio come gli eremiti facevano dimora in eremi di montagna e grotte.[128] Si sostituiscono, per metonimia, alle montagne e agli elementi del paesaggio con i quali hanno un rapporto evocativo, per riprodurre un simbolo o un segno che è universale, come gli alti santuari o i sacromonti. Ci sono, ancora, tipologie che si materializzano in edifici con percorsi predeterminati, cioè, edifici concepiti come percorsi o come punti di arrivo di un percorso di purificazione. Ad esempio, nel caso di Arrábida, possiamo percepire la presenza di un certo numero di edifici con percorsi predeterminati, edifici concepiti come punti di arrivo, attraverso un cammino di purificazione, come un pellegrinaggio. Sono le guaritas o cappelle a piante centrale, alcune di esse incompiute, che sono tagliate nel fianco della montagna. I sacromonti con le loro scale, motivano uno sforzo crescente e un'esperienza estrema che porta ad una connessione con la divinità.[129]

Nel cristianesimo, il simbolismo della montagna assume, soprattutto dal Medioevo, la sua qualità simultanea di centro religioso e di pellegrinaggio, con un movimento di ascensione. In questo senso, come il Calvario, la montagna o il cammino ascendente ispirò varie forme di appropriazione delle montagne che miravano a emulare, riprodurre o imitare il Calvario, cioè il cammino di sacrificio e di redenzione percorso da Cristo stesso. L'ascesa è compensata dalla natura molto terrena, tellurica della montagna, in particolare nelle sue viscere o nelle sue grotte, cavità o sotterranei.[130] Sentieri impervi conducono dalle montagne alla grotta. Simbolo materno e divino, prima casa degli uomini. Un viaggio nel mondo sotterraneo alternato da luce e tenebre, ma anche luogo di ingresso agli

FIG.69 *Salita al Monte Carmelo*, San Giovanni della Croce. Tratta da https://omarpal.blogspot.com/2013/08/subida-al-monte-carmelo-san-juan-de-la.html. Consultato giugno 2021.

127 CAROZZI A., *Visiones apocalípticas en la Edad Media. El fin del mundo y la salvación del alma*. Madrid: Siglo XXI, 2000, pp. 106-114.
128 JOHNSON T., «Gardening for God: Carmelite Deserts and the Sacralisation of Natural Space in Counter-Reformation Spain», in COSTER W., SPICER A., (ed), *Sacred Space in Early Modern Europe*. Cambridge: University press, 2005, p. 199.
129 PEREIRA P., BENITO P., *Convento da Arrábida: a porta do céu*. Lisboa: Fundação Oriente, 2006, p. 169.
130 PEREIRA P., BENITO P., *op.cit.*, p. 171.

79

inferi ed al mistero della morte. Così la coscienza del vuoto, matrice di una pienezza di relazioni, allude anche al metodo di progettare l'architettura.

Grotte, eremi, cenobi, conventi o monasteri, luoghi un cui si sono avverati visioni, apparizioni, enclavi spirituali. Luoghi in cui l'idea è di valorizzare il misticismo e la profondità ascetica o libertaria delle loro pratiche per propiziare l'unione con la divinità. Il tutto si racchiude all'interno dell'architettura mistica. Strutture eccezionali, che sono costruite o dirette verso un grado simbolico o allegorico che mira al divino.[131]

La grotta o l'eremo di montagna, l'eremita e la solitudine sono l'essenza della vita carmelitana, l'ideale contemplativo. Il progetto per un monastero — per la comunità delle suore Carmelitane Scalze — in Arrábida nasce proprio da queste figure, e dall'immagine di Deserto. La volontà è di creare una comunità a partire da questi ideali eremitici, che sono gli ideali sacri di questo ordine. Il monastero si colloca nel paesaggio di Arrábida su di una scogliera a strapiombo sull'oceano. La volontà è di creare uno stretto legame col paesaggio, la sua natura selvaggia e la sua storia. Il convento assume le sembianze di un antico eremo, una città dispersa e difficilmente raggiungibile, ormai parte integrante del territorio. Si inserisce perfettamente nella topografia del paesaggio e crea una continuità con la natura circostante. L'idea progettuale ambisce alla simbologia di una caverna sacra, la metafora di un luogo dato dalla roccia, scavato dentro la montagna e prima abitazione dell'uomo. A tal proposito le grotte naturali precedentemente rilevate e analizzate — già parte del territorio e del paesaggio di Arrábida — limitrofe all'area del monastero, verranno recuperate — senza alcun tipo di intervento — come eremi del monastero.
Nella tipologia del deserto carmelitano, infatti, la solitudine è rafforzata dagli eremi — in questo caso le grotte naturali di Arrábida — che lontani dal monastero e sparsi nello spazio chiuso, favoriscono l'eremita ad avere un periodo più o meno lungo di solitudine individuale. La grotta in questo modo assume un significato profondo, non solo come una suggestione da un punto di vista teorico, ma diventa parte integrante del progetto. Gli eremiti cristiani spesso vivevano in luoghi isolati come grotte naturali, e alcuni di loro si circondarono di così tanti discepoli da non vivere più in solitudine, creando vere e proprie comunità. Questa è l'origine del monastero di Arrábida; le grotte naturali della montagna acquistano in questo senso un valore sacro, e diventano luoghi adatti per entrare in simbiosi con la natura selvaggia del deserto e per la ricerca di un contatto divino. Al centro il monastero — i cui spazi sono scavati nella roccia — nasce dalla materializzazione del suo limite, generato dal territorio e dalla topografia circostante. La natura del progetto è stereotomica e segue i principi precedentemente

FIG.70 GILSON J.P., Les Carmélites de Compiègne, Fotografia, 1976-1979. https://www.jpgilson.fr/editions/les-carmelites-de-compiegne-2/.

131 PEREIRA P., *Lugares mágicos de Portugal. Montanhas Sagradas, Altos Lugares e Santuários*. Lisboa: Temas & Debates, vol.6, 2005, p. 15.

71

studiati. Il recinto che sancisce l'area sacra del deserto è un lungo muro che segna il paesaggio. Ma il recinto è anche sinonimo di comunità, come abbiamo visto precedentemente, crea uno spazio intimo e di protezione per le suore Carmelitane Scalze. La solitudine e l'isolamento — che sono attributi del paesaggio di Arrábida — sono rafforzati dalla condizione naturale estrema in cui il monastero si colloca. La costruzione pesante e grave dell'architettura, si identifica con la materia massiccia e lirica della scogliera. La luce diventa la sostanza immateriale dell'architettura stereotomica, e nel monastero penetra attraverso i patii, che sono il contatto diretto con il paesaggio circostante. Le sale conventuali sono disposte su differenti quote, denunciando la funzione e l'importanza di ogni singolo spazio. Questo sistema di variazione di quote conferisce alla sezione un linguaggio che vuole evocare ulteriormente la topografia del luogo. La facciata principale del monastero si impone sulla scogliera, nella sua condizione estrema, ed è visibile solamente dall'oceano. Il tetto verde ha la funzione di orto per la comunità delle suore Carmelitane Scalze, e manifesta inoltre la volontà di fusione e legame con il paesaggio circostante. Infine la purezza delle forme e degli spazi monastici, segue i principi dello scavo anche quando avviene solamente in modo concettuale. La configurazione dei vuoti tra le masse dell'edificio, creano dei momenti di tensione e compressione, che distinguono le sale monastiche nelle loro funzioni, e stimolano il movimento libero all'interno del monastero, senza nette divisioni tra gli spazi. La caverna come origine dell'ordine eremitico carmelitano ispira le due tematiche principali di studio — la rioccupazione delle caverne esistenti e la caverna come ideale dell'architettura stereotomica — dando vita al monastero di Arrábida. I vari temi del progetto: la grotta eremitica, lo scavo, l'acqua e la roccia, cercano di dare vita ad un'atmosfera senza tempo. Il tutto nasce da elementi presenti nel paesaggio e all'interno della montagna.

FIG.71 NETANEL, *Monte Carmelo*, Israele, Fotografia, *2007*.
FIG.72 A pagina successiva: JACOB, *Grotte sul versante nord del Monte Carmelo*, Israele, Fotografia, 2008. https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Carmel-caves.JPG.
FIG.73 A pagina successiva: Secondo la tradizione carmelitana, la cripta del monastero di Stella Maris, vista qui in una foto del 1913, era originariamente la grotta di Elia. BALDENSPERGER P., *Grotto of Elijah*, Palestina, Fotografia, 1913. https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Grotto_of_Elijah,_Mt_Carmel.jpg

72

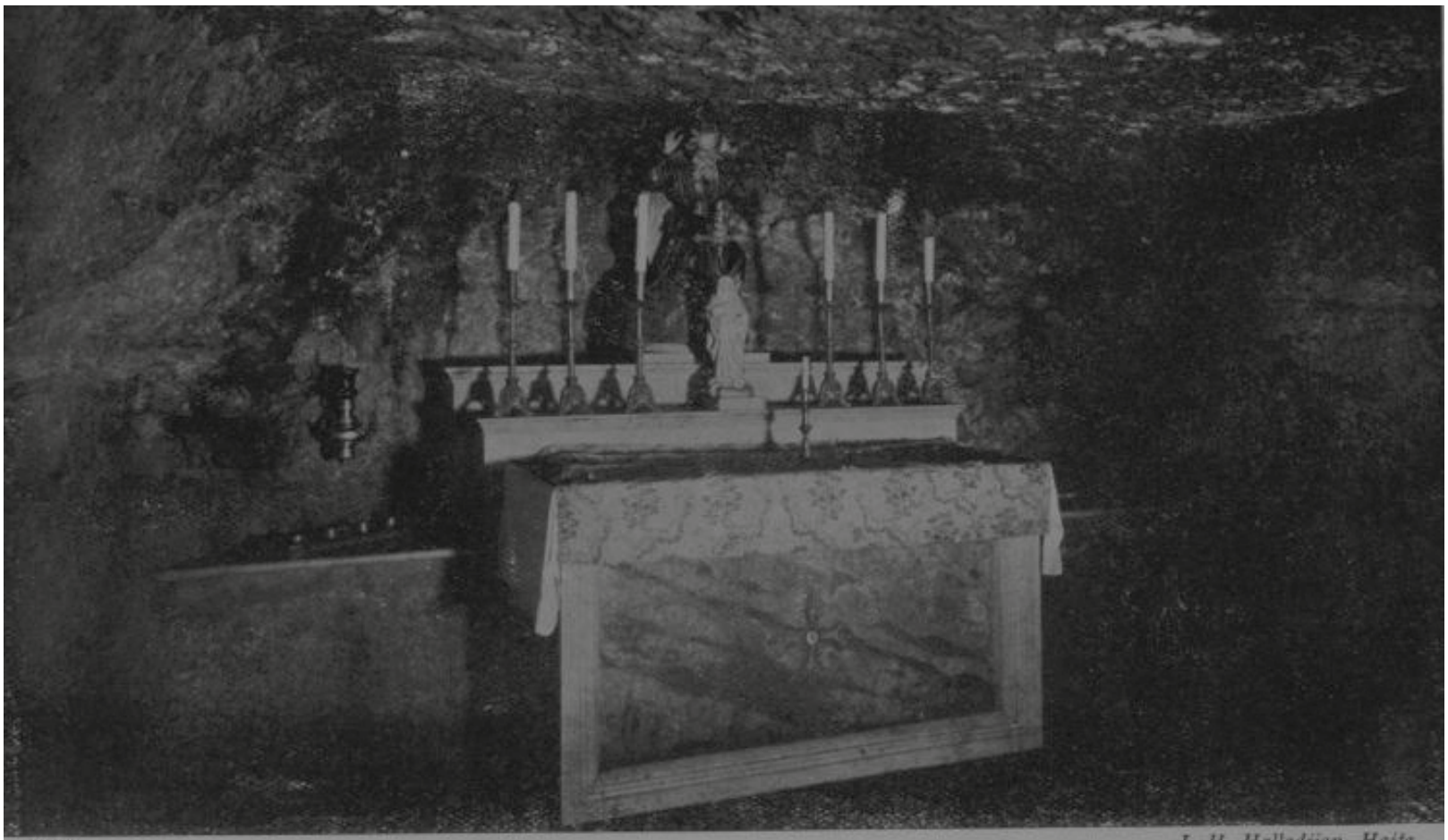


Photo *J. H. Halladjian, Haifa*

Grotto of Elijah, Mt. Carmel

74

Il segreto è amare

(a Frei Diogo Crespo) La cosa più difficile non è andare ad Arrábida, [...] Difficile, difficile, è comprenderla: perché ci sono ovunque buone spiaggie, buone ombre e buone viste per i bagnanti, i buoni amici del buon cibo, i buoni turisti; quello che non c'è ovunque è la religiosità, che dona alla montagna di Arrábida elevazione e significato. Chissà se il misticismo viene dalle sue origini, se ci è stato lasciato — un'eredità ineffabile! — i francescani del loro convento? Ma non c'è dubbio che il visitatore, se non l'ha afferrato, ha lasciato Arrábida senza esservi mai entrato veramente!

Andate da soli, salite al Convento, dove converge e prende forma lo spirito della Montagna, prendete, se volete, i versi di Agostino (beato chi ce li ha editati, il professor Mendes dos Remédios!) e sperimentate quanto sia facile essere soli con Dio, dopo tutto.

Quando l'orizzonte comincia a diventare rosa, la montagna è una figura ombrosa ferma in mezzo al silenzio. Gli uccelli cinguettano, come gocce che sgocciolano, pigolano di tanto in tanto e diamo un'occhiata più consapevole al grande silenzio. Noi diciamo:

Così come cose mute che conversano, attraverso il loro silenzio mi accorgo della presenza di altre cose, e mi insegnano a parlare.

Se la luna sorge, il cespuglio comincia a disegnare sul terreno arabeschi che già sappiamo leggere; il Convento impallidisce e noi, assorti nella divina (o francescana?) bellezza delle cose, siamo la grande porta che si chiude sulla Montagna perché la Montagna possa dormire, attraverso la lunga notte bluastra delle Stelle, nella sua meditazione che dura da secoli.

Il cielo è vicino: basterebbe svegliarsi nel cuore della notte... Basterebbe che Dio ascoltasse, che sognasse ad alta voce un verso di frate Agostino, dei tanti che lui pregava e che lei conosce a memoria...[132]

Sebastião da Gama, 1969.

FIG.74 GILSON J.P., Les Carmélites de Compiègne, Fotografia, 1976-1979. https://www.jpgilson.fr/editions/les-carmelites-de-compiegne-2/.

132 «(a Frei Diogo Crespo) O mais difícil não é ir à Arrábida, porque no Verão há carreiras de camionetas, no Inverno há em Azeitão táxis ou carroças ou jeriquinhos tão prestáveis; como os da Cacilhas de antigamente, e de Janeiro a Dezembro, para muita e muito boa gente, há duas pernas vigorosas e de boa vontade que fazem transpor, a Serra pelo Vale do Picheleiro. Difícil, difícil, é entendê- la: porque boas praias, boas sombras e boas vistas há-as em toda a parte para os bons banhistas, os bons amigos de bem-comer, os bons turistas; o que não há em toda a parte é a religiosidade que dá à Serra da Arrábida elevação e sentido. Sabe-se lá se o alor místico lhe vem da origem, se lho deixaram - inefável herança! – os franciscanos do seu Convento? – Mas é fora de dúvida que o visitante, se o não apreendeu, saiu da Arrábida sem sequer ter entrado nela verdadeiramente! Vá sozinho, suba ao Convento, que é onde o espírito da Serra converge e como que ganha forma, leve, se quiser, os versos de Agostinho (bem-aventurado, que no-lo editou, o Professor Mendes dos Remédios!) e experimente como afinal é fácil estar a sós com Deus. Quando, de rosado, começa a arroxear-se o horizonte, a Serra é um vulto de sombra parado a meio do silêncio. Pios de ave, como goteiras, piguelingam de quando em quando e de onde a onde e damos então mais consciente notícia do grande silêncio. Dizemos:
Assim com cousas mudas conversando, com mais quietação delas aprendo que outras que há, ensinar querem falando. Se a Lua surgir, o mato começa a desenhar no chão arabescos que já sabemos ler; empalidece mais o Convento e nós, compenetrados da beleza divina (ou franciscana?) das coisas, somos a grande porta que se fecha sobre a Serra para a Serra dormir, pela noite longa e azulada de Estrelas, na sua, meditação que já dura séculos. O Céu fica-lhe perto: Bastaria acordar a meio da noite... Bastaria, para que Deus a ouvisse, sonhar alto um verso de Frei Agostinho, dos muitos que ele rezou e ela sabe de cor...». Sebastião da Gama, *O Segredo é Amar*, 1969.

Il monastero di Arrábida

Localizzazione Monastero e grotte eremitiche

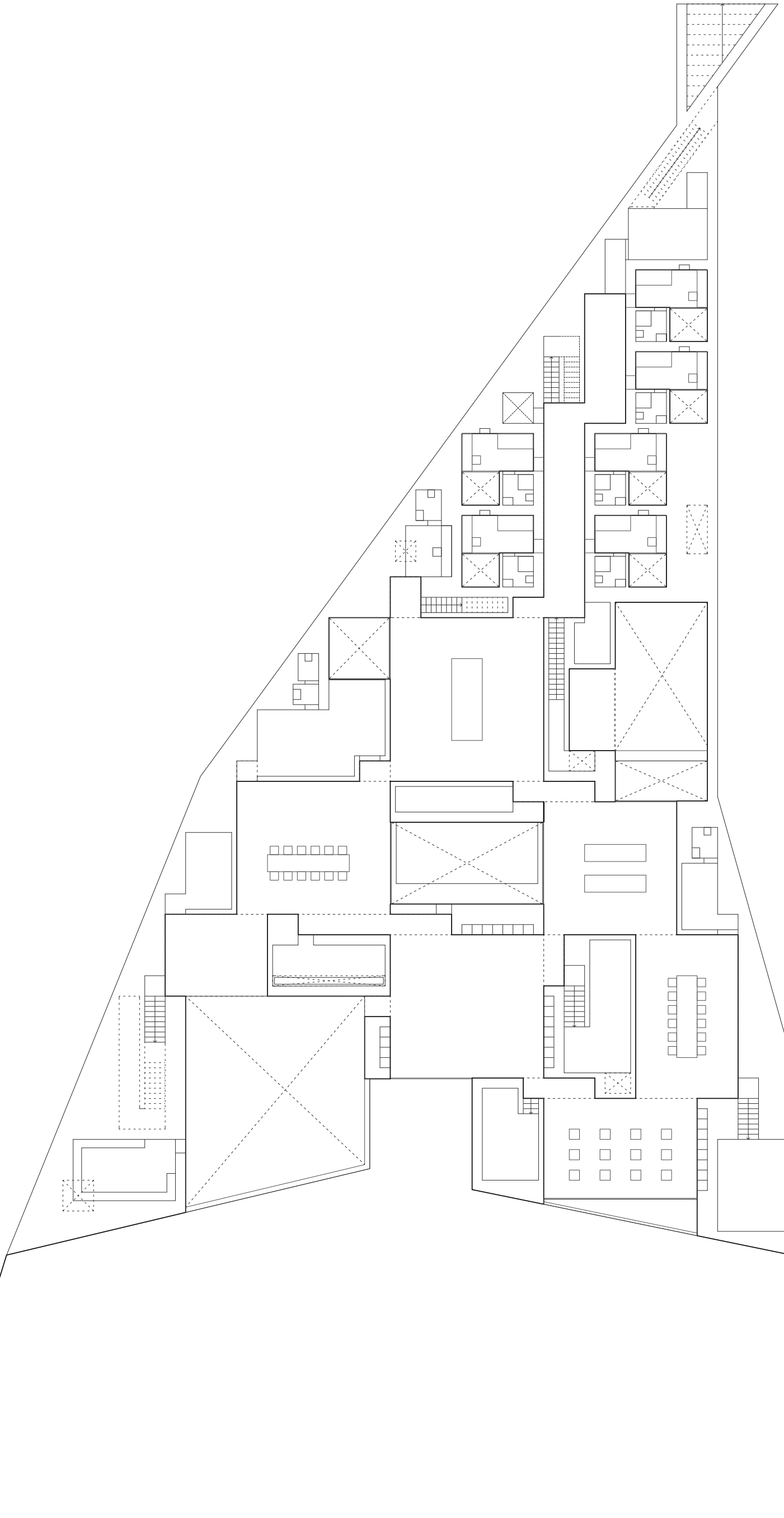
Fábrica de Cimento Secil
Cais da Secil
ARRÁBIDA
Alto do Poiso do Cortiço
RAC
Outão
Hospital Ortopédico de Sant'iago de Outão
60
Parque Natural da Arrábida
Praia de Galapos
Praia dos Coelhos
Praia da Figueirinha
Chã da Anixa
Estação Arqueológica do Creiro
Praia da Anixa
Pedra da Anixa
1km
0
1
2km

Inquadramento Scala 1:2000

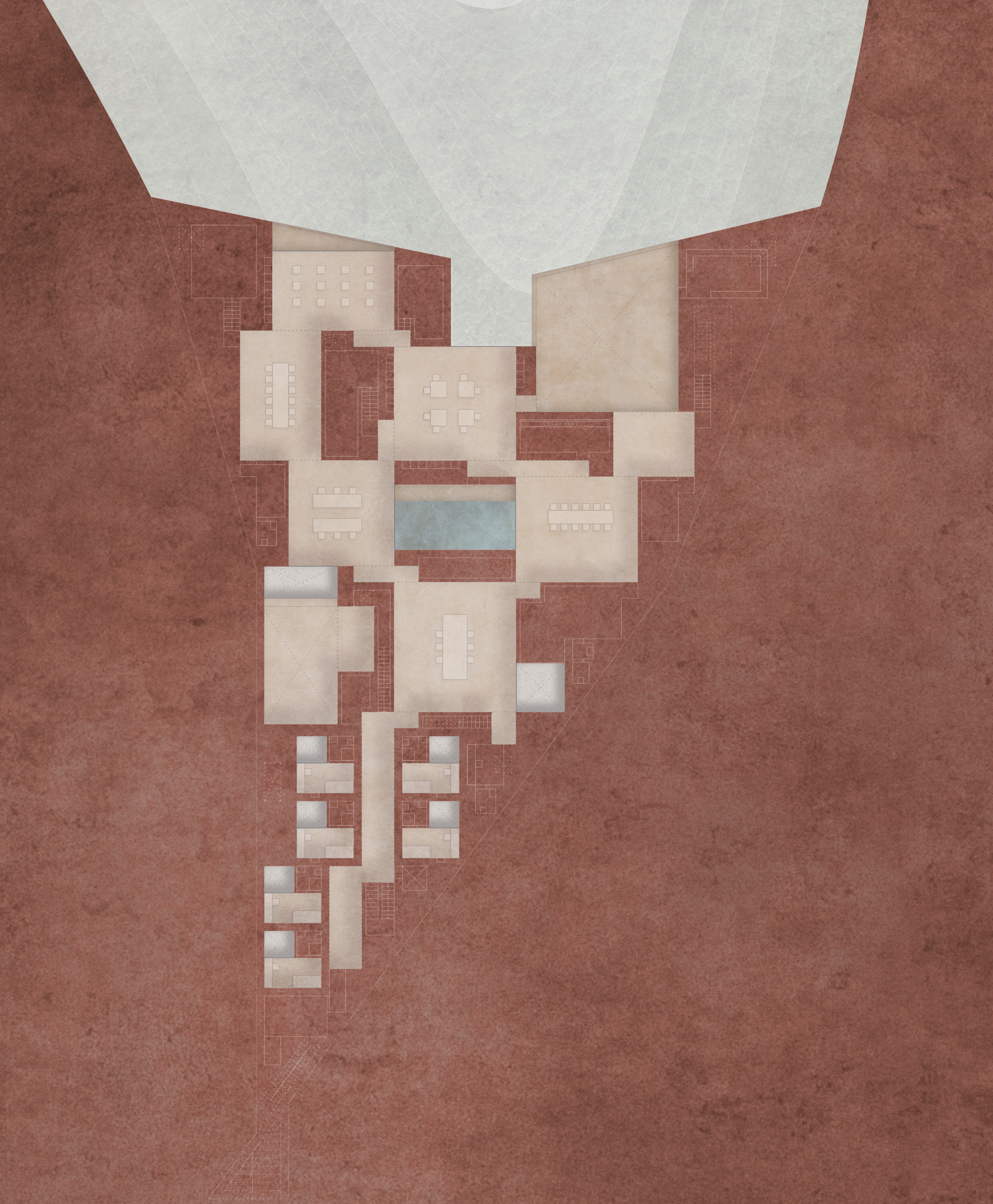
Prospetto Scala 1:500

Pianta Copertura Scala 1:250

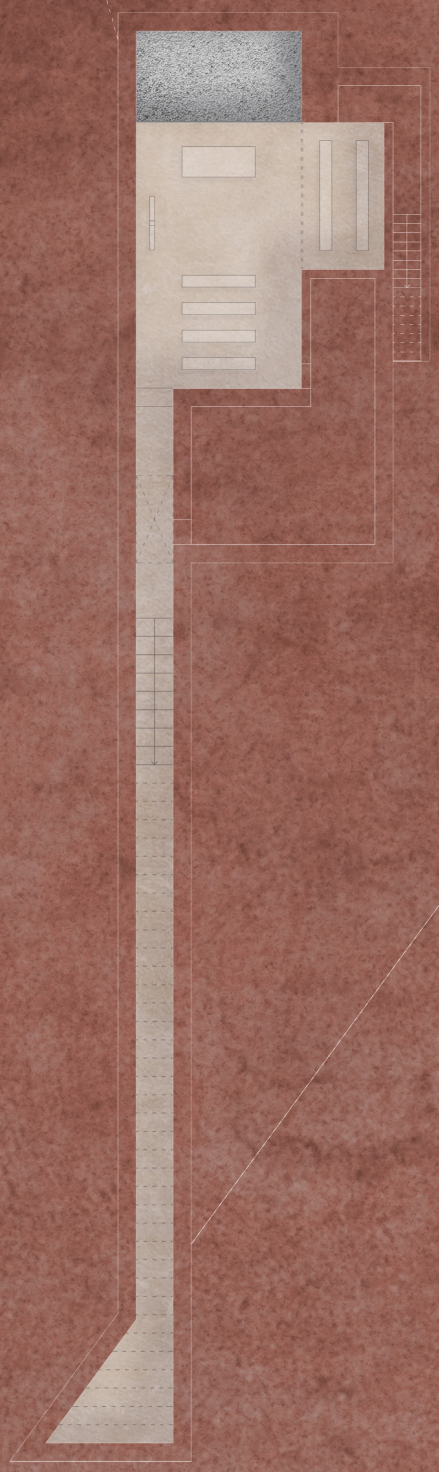
Pianta Generale Scala 1:250



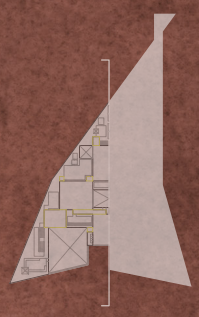
Pianta Generale Scala 1:250



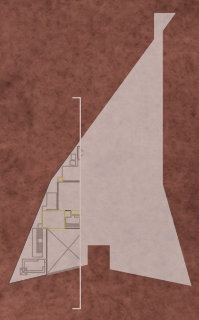
Pianta Chiesa Scala 1:250

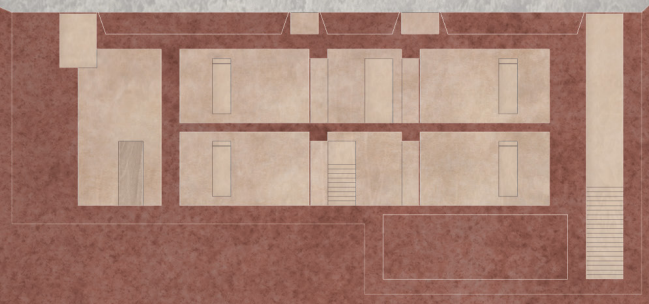


Sezione Scala 1:250

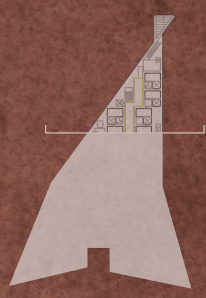


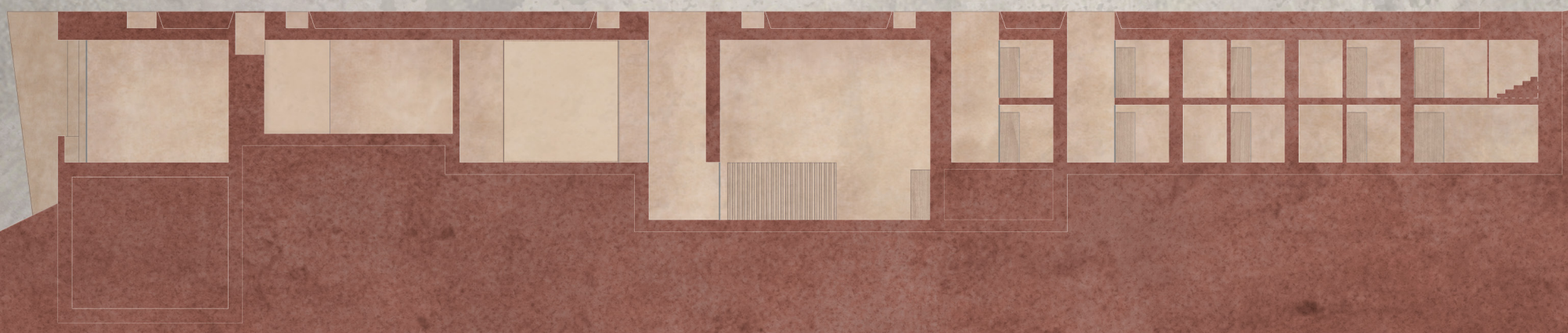
Sezione Scala 1:250



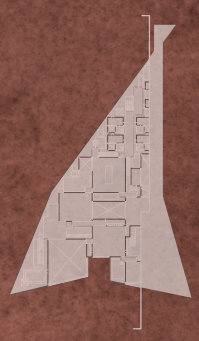


Sezione Scala 1:250

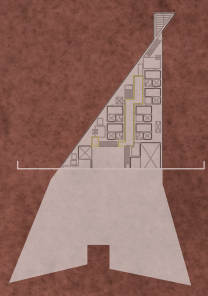




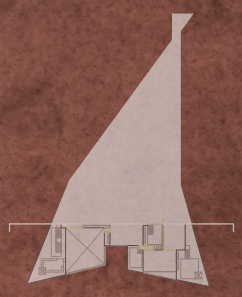
Sezione Scala 1:250



Sezione Scala 1:250



Sezione Scala 1:250



Biblioteca

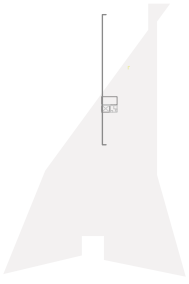
Cella

Chiesa

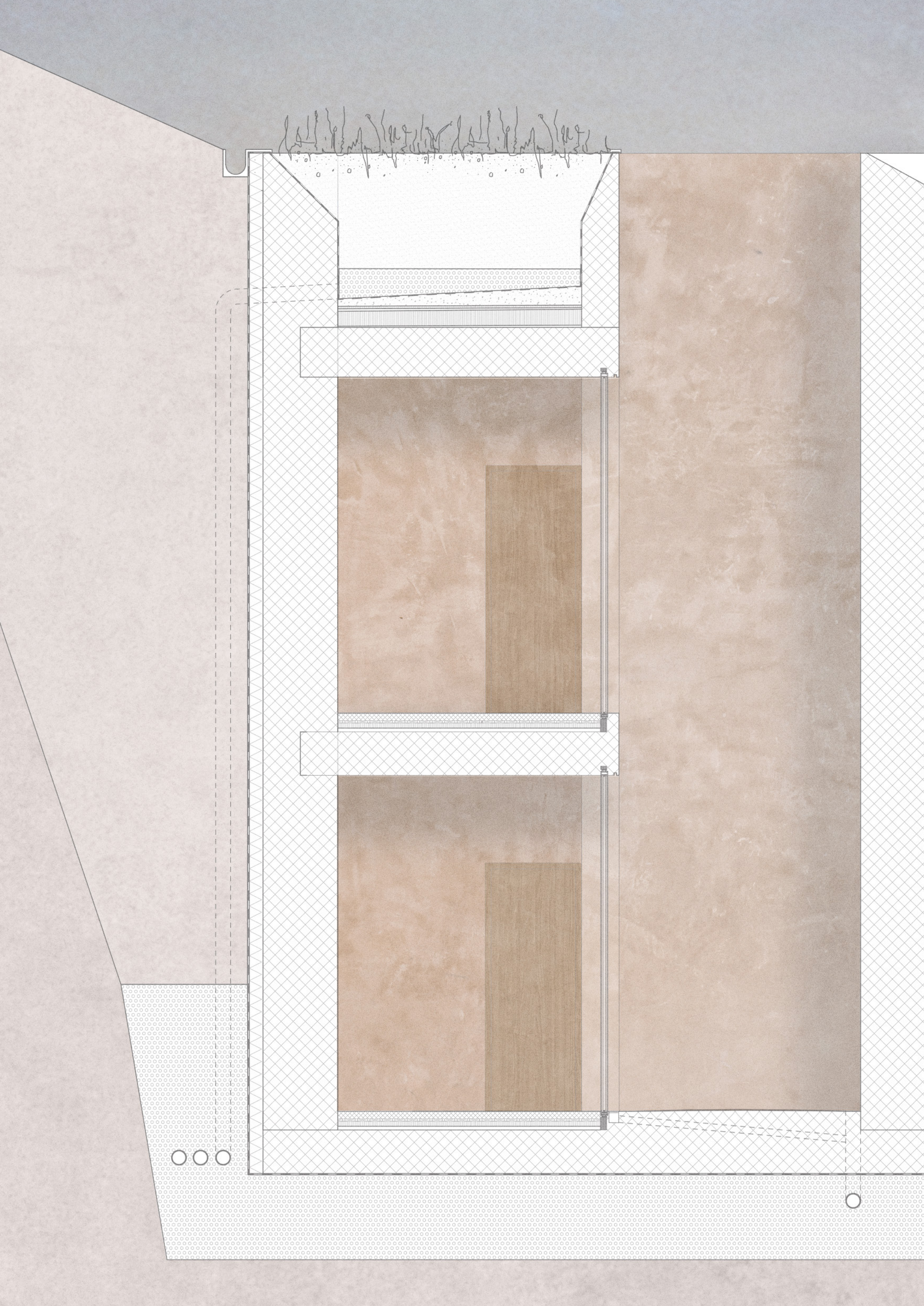
Refettorio

Copertura

Chiostro



Sezione Costruttiva Cella Scala 1:25



Bibliografia

ALBERTI L.B., *Della pittura e della statua*. Milano: Dalla Società Tipografica de' Classici Italiani contrada di S. Margherita, n.1118, 1804, ISBN: 9781110236671.

ALBINO J. M. R., *Arrábida: publicação commemorativa da festividade celebrada pelo Antigo Círio de Setúbal/José Maria da Rosa Albino*. Setúbal: Tipografia Sado de Francisco F. Santana, 1939.

ALVES A., *As Sandálias do Mestre*. Lisboa: Ésquilo, 2001, ISBN: 9789898092540.

ANTUNES M.T., «O Homem da Gruta da Figueira Brava (ca. 30000): contexto ecológico, alimentação, canibalismo», in *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa - Classe de Ciências*. Lisboa: INCM – Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1990-1991, ISBN: 9789722713535.

ANTUNES M.T., «Paleolítico médio e superior em Portugal: datas estado actual dos conhecimentos, síntese e discussão», in *Ciências da Terra*. Lisboa: Nova FCT Editorial, vol. 10, 1989, ISSN: 0254-055X.

ARGAN G.C., «A proposito di spazio interno», in *Metron*, Roma: Sandron, n. 28, ottobre 1948.

ARNAU AMO J., *Arquitectura estética empírica*. Valencia: Escuela Técnica Superior de Arquitectura, Secretariado de Publs. UPV, 1975, ISBN: mkt0000022376.

ARNHEIM R., *Arte e percezione visiva* (1954). Milano: Feltrinelli, 1962, ristampa 2011, ISBN: 9788807100239.

BRADLEY R., *An Archaeology of Natural Places*. London: Routledge, 2000, ISBN: 9780415221504.

BREUIL H., ZBYSZEWSKI G., «Contribution à l'étude des industries paléolithiques du Portugal et de leurs rapports avec la géologie du Quaternaire. Les principaux gisements des plages quaternaires du littoral d'Extremadura et des terrasses fluviales de la basse vallée Tage», in *Com. dos Serv. Geol. de Portugal*. Lisboa: Oficinas graficas Casa portuguesa, XXVI, 1945.

BURTON-CHRISTIE D., *La palabra en el desierto. La escritura y la búsqueda de la santidad en el antiguo monaquismo cristiano*. Madrid: Siruela, 2007, ISBN: 8498410363.

CALADO M., *O tempo do risco: carta arqueológica de Sesimbra*. Sesimbra: Câmara Municipal, 2009, ISBN: 9789729150869.

CALADO M., MATALOTO R., ROCHA A., «Povoamento proto-histórico na margem direita do regolfo de Alqueva (Alentejo, Portugal)», in *Arqueología de la tierra. Paisajes rurales de la protohistoria peninsular*. Cáceres: Universidad de Extremadura, 2007, ISBN: 9788477237709.

CALVINO I., *Lezioni americane*. Milano: Garzanti, 1988, ISBN: 8804668377.

CAMPO BAEZA A., *L'idea costruita*. Siracusa: Letteraventidue, 2012, ISBN: 9788862420730.

CAROZZI A., *Visiones apocalípticas en la Edad Media. El fin del mundo y la salvación del alma*. Madrid: Siglo XXI, 2000, ISBN: 8432310506.

CASTRO J. B., *Mapa de Portugal Antigo e Moderno*, Lisboa: Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, vol. 1, 1850.

CHILLIDA E., *Lo spazio e il limite. Scritti e conversazioni sull'arte*, Milano: Marinotti, 2010, ISBN: 8882731197.

CLARO R., *Setúbal Após o Terramoto de 1755*, Informação Paroquiais, Setúbal, 1957, ISBN 978-989-8361-06-6.

COSTA I.M., «Estações prehistoricas dos arredores de Setúbal: habitações pré-históricas ao longo da costa marítima: estação pré-histórica da Commenda: estações de Outão e Galapos», in *O Arqueólogo Português*, 1.ª serie, X, 1905.

COSTA I.M., «Estações prehistoricas dos arredores de Setúbal: vivendas dispersas: grutas sepulcraes da Quinta do Anjo», in *O Arqueólogo Português*, 1.ª serie, XII, 1907.

ECO U., «Function and Sign: The Semiotics of Architecture», in LEACH N., *Rethinking Architecture. A Reader in Cultural Theory*. London and New York: Routledge, 1997, ISBN: 9780415128261.

FERREIRA C. J. A., *Património arqueológico do distrito de Setúbal. Subsídios para uma carta arqueológica*. Setúbal: Associação de Municípios do Distrito de Setúbal, 1993.

FERREIRA O.V., LEITÃO M., *Portugal pré-histórico: seu enquadramento no Mediterrâneo*. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1985, ISBN: 9789721017955.

FRAMPTON K., *Studies in Tectonic Culture*. Cambridge: The MIT Press, 2001, ISBN: 9780262561495.

FRANCISCO DE SANTA MARÍA, *Reforma de los descalzos de nuestra señora del Carmen: de la primitiva observancia, hecha por Santa Teresa de Jesus, en la antiquissima religion, fundada por el gran profeta Elias*, Vol, 2, Madrid: Diaz de la Carrera, 1644.

GOMES R.V., «O Século XX e a Arqueologia Muçulmana em Portugal», in ARNAUD J.M., *Arqueologia e História, Associação dos Arqueólogos Portugueses*, vol. 54, 2002, ISSN: 972/9451-39-7.

GÓMEZ J.A., *Historia de la Vida Religiosa, II. Desde los canónigos regulares hasta las reformas del siglo XV*, Publicaciones Claretianas. Madrid, 1989, ISBN: 9788486425579.

GONÇALVES L.J., *A época romana na Costa Azul*. Setúbal: Região de Turismo da Costa Azul, 1995, ISBN: 00632 2200229 4500.

GÓMEZ J.A., *Escultura romana em Portugal: Uma arte do quotidiano*, 2 Vols., Tese de Doutoramento, Mérida: Junta da Extremadura, 2007, ISBN: 9788461179374.

GÓMEZ J.A., *No tempo das grutas: carta arqueológica e espeleológica da Serra da Arrábida (Concelho de Setúbal)*, Lisboa: Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa,

Setúbal: Câmara Municipal de Setúbal, 2016, ISBN: 978-989-8771-49-0.

GONÇALVES L.J., VICTOR I., *Castelos e Fortalezas da Costa Azul*. Setúbal: Região de Turismo da Costa Azul, 1993.

GREGOTTI V., *Elogio della tecnica*, in «Casabella» n. 480, maggio 1982.

HARRISON R.J., «A Revision of the Late Bronze Age burials from the Roça do Casal do Meio (Calhariz), Portugal», in *Beyond Stonehenge: Essays on the Bronze Age in Honour of Colin Burgess*. Oxford: Oxbow books, 2007, ISBN: 1842172158.

HEGEL G.W.F., *Estetica* (1835). Torino: Einaudi, vol. II., 1976, ISBN: 9789726653783.

HEIDEGGER M., *L'arte e lo spazio* (1969). Genova: Il melangolo, 1984, ISBN: 8870182851.

JIMÉNEZ J.M.M., *Arquitectura carmelitana (1562-1800). Arquitectura de los Carmelitas Descalzos en España, México y Portugal durante los siglos XVI a XVIII*. Ávila: Diputación Provincial de Ávila, 1990, ISBN: 8486930375.

JOHNSON T., «Gardening for God: Carmelite Deserts and the Sacralisation of Natural Space in Counter-Reformation Spain», in COSTER W., SPICER A., (ed), *Sacred Space in Early Modern Europe*. Cambridge: University press, 2005, ISBN: 9780521824873.

JOTISCHKY A., *The Carmelites and Antiquity. Mendicants and their Pasts in the Middle Ages*. Oxford: University press, 2002, ISBN: 9780198206347.

JOTISCHKY A., *The Perfection of Solitude: Hermits and Monks in the Crusader States*. Pennsylvania: State University Press, 1995, ISBN: 027101346X.

LUIS J. F. FRONTELA, «El Desierto en el Carmelo Descalzo», in *Revista de espiritualidad*, Valladolid, nº 246-247, 2003, ISSN: 0034-8147.

MACHADO, J. P. *Vocabulário Português de Origem Árabe*. Lisboa: Editorial Notícias, 1991, ISBN: 9789724605579.

MARTÍ ARÍS C., *Silenzi eloquenti* (1999). Milano: Marinotti, 2002, ISBN: 8882730409.

MORETTI L., «Strutture e sequenze di spazi», in *Spazio*, Milano: Gruppo Editoriale Spazio, n.7, 1953.

NICOLETTI M., *L'architettura delle caverne*. Bari: Laterza, 1980, ISBN: 8842017450.

PAIS J., LAGOINHA P., «Gruta da Figueira Brava (Arrábida): geological setting», in *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa - Classe de Ciências*, Tomo XXXVIII, Lisboa: INCM – Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2000.

PAVESI C., «Carlo Aymonino, architetto monumentale», in *Architettura di rara bellezza*. Parma: Documenti del Festival dell'Architettura di Parma, catalogo a cura di E. Prandi, Festival Architettura Edizioni, 2006, ISBN: 8889739061.

PEREIRA P., BENITO P., *Convento da Arrábida: a porta do céu*. Lisboa: Fundação Oriente, 2006, ISBN: 9727850863.

PEREIRA P., *Lugares mágicos de Portugal. Montanhas Sagradas, Altos Lugares e Santuários*. Lisboa: Temas & Debates, vol. 6, 2005, ISBN: 9789896440954.

PORTELA M. M., *Gazeta Setubalense, diário regional de Setúbal*. n.º 218, 27/6/1873.

RAPOSO L., CARDOSO J.L., «A gruta da Figueira Brava, no contexto do Paleolítico Médio Final do Sul Ocidente Ibéricos», in *Actas do Encontro sobre Arqueologia da Arrábida*. Lisboa: Instituto Portugues de Arqueologia, 2000, ISBN: 9729790345.

RASTEIRO J., «Notícias Archeológicas da Península da Arrábida», in *O Arqueólogo Português*, Lisboa, 1.ª Série, III, 1897.

RIBEIRO O., *A Arrábida: esboço geográfico*, Tese doutoramento em Ciências Geográficas, Universidade de Lisboa, Separata da Revista Faculdade de Letras, 3, 1935.

RIBEIRO O., *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*. Lisboa: Letra Livre, 1987, ISBN: 978-989-8268-10-5.

SAINTE MARIE F., *Les plus vieux textes du Carmel*. Paris: Éditions du Seuil, 1945.

SAINT-MARC P., *Socialización de la naturaleza*. Madrid: Guadiana de Publicaciones, 1972, ISBN: 8425101395.

SANTA TERESA DE JESÚS, *Libro de las Fundaciones*, 28,20.

SCARRE C., «Coast and cosmos. The Neolithic monuments of northern Brittany», in *Monuments and Landscape in Atlantic Europe*. London: Routledge, 2002, ISBN: 9780415273145.

SCHMARSOW A., «The Essence of Architectural Creation», in MALLGRAVE H.F., *Empathy, form, and space. Problems in German aesthetics*, 1873-1893. Santa Monica: The Getty Center for the History of Art and the Humanities, 1994, ISBN: 089236260X.

SCOTT G., *L'architettura dell'umanesimo* (1914). Bari: Dedalo, 1978, ISBN: 8822033027.

SEYBOLD, C.F., «Onomatologia arábico-portuguesa, Monchique e Arrifana d'Algarve, chez les auteurs arabes», in *O Archeologo Português*, vol. VIII, 1903.

SEMPER G., *The Four Elements of Architecture and other Writings* (1851). Cambridge: Cambridge University press, 1989, ISBN: 9780521180863.

SILVA C.T., SOARES J., *Arqueologia da Arrábida. Parques Naturais*, 15, Lisboa: Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza, 1986.

SILVA C.T., SOARES J., *Territórios da Pré-história em Portugal. Setúbal e Alentejo Litoral*. Tomar: Arkeos, vol.7, Centro Europeu de Investigação da Pré-história do Alto Ribatejo, 2006, ISSN: 0873-593X.

SIMMEL G., *Bridge and Door*, in AAVV, Theory, Culture and Society, London, SAGE, vol. 11, 1994.

SOARES J., «Matérias-primas minerais e mobilidade logística no Mesolítico da Costa Sudoeste. Os sítios de Samouqueira I e Armação Nova», in rivista *Musa*, n.º 2, Setúbal, 2007, ISSN: 1646-0553.

SOARES R., «Arrábida: episódios da investigação arqueológica regional (do séc. XVIII ao séc. XXI)», In *Al-Madan Online*, n.º 19, tomo 1, 2014, ISSN: 2182-7265.
SOARES R., *A Arrábida no Bronze Final: a paisagem e o homem*. Lisboa: Dissertações de Mestrado Arqueologia, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, 2013.

SPINDLER K., «Le Monument à couple le de l'âge du bronze final de la Roça do Casal do Meio (Calhariz)», in *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, tomo LVII, Lisboa, 1973-1974.

STEINER D., «Un museo a Salisburgo di Hans Hollein», in *Casabella* n. 566, Electa, marzo 1990, EAN: 2560037847705.

VENEZIA F., «Teatres i antres. El retorn del món subterrani a la modernitat», in *Quaderns d'arquitectura i urbanisme*, n. 175, dicembre 1987, ISSN: 1133-8857.

ZEVI B., *Saper vedere l'architettura*. Torino: Einaudi, 1948, ristampa 2009, ISBN: 9788806201067.

ZEVI B., *Verso un'architettura organica*. Torino: Einaudi, 1945, ISBN: 9788858116692.

Sitografia

PINTO O., «Lapa de Santa Margarida», in *Sesimbra*, 2014, URL: http://www.sesimbra.com/grutas/grutas-e-lapas/serra-do-risco/lapa-de-santa-margarida.html, consultato Marzo 2021.

PINTO O., «Gruta do Medico», in *Sesimbra*, 2015, URL: http://www.sesimbra.com/grutas/grutas-e-lapas/serra-da-arrabida/gruta-do-medico.html, consultato Marzo 2021.

TZAFERIS V., *Early monks and monasteries in the Holyland*. Atene: Società Archeologica, 15, 1991, pp. 43-46, URL: https://doi.org/10.12681/dchae.1034, consultato Marzo 2021.